

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Faculdade de Educação – FAE
Programa de Pós-Graduação em Educação “Conhecimento e Inclusão Social”

OS FILHOS DA LUTA PELA TERRA:

AS CRIANÇAS DO MST.

**Significados atribuídos por crianças moradoras de um
acampamento rural ao fato de pertencerem a um movimento social.**

LUCIANA OLIVEIRA CORREIA

Belo Horizonte

2004

LUCIANA OLIVEIRA CORREIA

OS FILHOS DA LUTA PELA TERRA:

AS CRIANÇAS DO MST.

**Significados atribuídos por crianças moradoras de um
acampamento rural ao fato de pertencerem a um movimento social.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção de Título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Doutora Maria Amélia Gomes Castro Giovanetti e coorientação da Professora Doutora Maria Cristina Soares Gouvea.

Belo Horizonte

2004

Dissertação defendida e aprovada em 02 de dezembro de 2004.

Banca examinadora constituída pelos(as) professores (as):

Prof^a. Dr^a. Maria Amélia Gomes Castro Giovanetti- Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Soares Gouvêa - Coorientadora

Prof^a. Dr^a. Livia Diana Rocha Magalhães

Prof. Dr. Antonio Julio de Menezes Neto

Prof^a. Dr^a. Isabel Antunes Rocha (Suplente)

Prof. Dr. Leôncio José Gomes Soares (Suplente)

Belo Horizonte, 02 de dezembro de 2004

Em *Os Sertões* Euclides da Cunha fez a mais clara referência que conheço sobre a presença de crianças nos movimentos sociais no Brasil:

*Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo na precisão total do termo, caiu dia cinco[de outubro de 1897], ao entardecer quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram apenas quatro: um velho, dois homens feitos e **uma criança**, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.*

Gostaria de dedicar o presente trabalho a essa criança canudense, escondida nas entrelinhas deste trecho, ocultada pela História Oficial, presente até os últimos instantes na luta do seu povo, assim como outros tantos meninos e meninas nascidas e crescidas em meio a busca da superação de uma situação de exclusão social.

Da mesma forma, e pelos mesmos motivos, dedico-o a todas as crianças Sem Terra, com esperança e na luta!

AGRADECIMENTOS

Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens [e mulheres] se educam entre si, mediatizados pelo mundo. (Paulo Freire)

Todos precisamos de todos! A vida nos mostra o quanto cada um não se basta. Somos um pouco de todos e todos também tem um pouco de cada um de nós. Este trabalho só foi possível por causa de vocês.

A “Deus... Oxalá, Jeová, Tupã, Jesus, Maomé ... e tantos mais .Sons diferentes, sim, para sonhos iguais”.

A Mainha, Ju e Lella, pelo amor, pela presença constante, e por tantas alegrias. A Painho... que virou anjo.

Aos companheiros e companheiras do MST, especialmente à comunidade do Acampamento Dois de Julho, pelo carinho, confiança e amizade com que receberam e mim e a esta pesquisa.

Aos companheiros Edvaldo, Edvaldinho, Cláudio, Galvão, Guapeí e Júnior pessoas com quem aprendi a crer na força dos lutadores do povo.

Aos amigos da Pastoral do Adolescente, do movimento estudantil da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, da Federação do Movimento Estudantil de História e da Consulta Popular, pelas lições de rebeldia, humildade e perseverança que tanto me fizeram crescer.

Aos professores e professoras da UESB que dentro e fora de sala de aula me ensinaram a acreditar na História, especialmente às Professoras Albertina Vasconcelos e Livia Diana com quem este projeto de pesquisa , e porque não dizer de vida, começou.

A Anderson e Tiago pelo acolhimento fraterno logo que cheguei aqui em Belo

Horizonte, e pelos outros tantos amigos feitos a partir da nossa amizade.

Aos amigos deixados em Vitória da Conquista, e por outros tantos lugares Brasil a fora, e os novos amigos semeados em terras mineiras, pelos corredores da FAE e da UFMG, pelas salas de aula, nas reuniões da Consulta Popular Minas, pelas ruas e avenidas de BH, muito obrigada pelo carinho e amizade de vocês.

A Paulo, Cínara, Hudson, Tiago e Danilo, pelo companheirismo, solidariedade e convivência fraterna.

A Clemência, Téo e Pedro, pelo acolhimento, força, solidariedade e amizade.

Aos funcionários da Faculdade de Educação, especialmente à Maria José, Cláudio, Claudia, Rose, Adriana, Regina e Élcio pela disponibilidade e presteza de todos os dias.

À universidade pública e ao povo brasileiro – mantenedores destas instituições – pela oportunidade que me foi concedida de poder frequentar o ensino superior público, gratuito e de qualidade.

Aos professores da FAE que direta e indiretamente contribuíram com sugestões para o presente trabalho. Ao Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, pelo acolhimento desta pesquisa. Às colegas Tânia e Camila, pelo prazer de compartilhar das pesquisas sobre a realidades das educadoras de creches infantis do Vale do Jequitinhonha e das crianças filhas de catadores de papel da ASMARE. E por último, mas não menos importante, às duas Marias que souberam com muita maestria, conduzir este trabalho: Amelinha e Cristina.

A todos, por tudo, muito obrigada e muito axé!

RESUMO

Quais os significados atribuídos pelas crianças ao fato de pertencerem a um movimento social? Esta questão central orientou o presente estudo. Com o objetivo de conhecer mais desta infância que vem sendo construída num espaço-tempo de luta social, foi realizado, entre os meses de abril a novembro de 2003 uma observação participante no Acampamento Dois de Julho, município de Betim, Estado de Minas Gerais. Durante este tempo convivi com a comunidade acampada, em especial com as crianças na faixa etária dos 7 aos 12 anos, acompanhando suas atividades cotidianas, participando das suas brincadeiras, aprendendo mais sobre as suas vidas. Foi escolhido o Movimento Sem Terra para se realizar esta pesquisa, exatamente pelo que nele representa uma das permanências na história dos movimentos sociais do campo no Brasil: de ser uma luta assumida por todos os membros da família.

Parte-se da compreensão de que a criança é um sujeito sociocultural (GOUVEA, 1990, 2002, 2002a, 2003; JOBIN, 2001; KRAMER, 1999, 2001; SARMENTO, 1997, SIROTA, 2001), ou seja só é possível compreender a condição infantil no interior de uma cultura. E o MST é visto como o espaço-tempo da construção destes sujeitos. O movimento social está sendo entendido como *grupos que se organizam na busca de libertação, ou seja, para superar alguma forma de opressão e para atuar na produção de uma sociedade modificada* (SHERER-WARREN, 1987, p.9). Está sendo percebido também o aspecto *cotidiano* deste movimento, no sentido de que a luta pela terra ou o resultado desta luta, no caso específico do MST o acampamento ou assentamento, se torna também o lugar onde os Sem Terra vivem, e não apenas lutam. E especificamente sobre o MST, nos baseamos nos trabalhos de CALDART, 2000a, BOGO, 2000; FERNANDES, 2000; MST, 1998, 1999, 1999a, 1999b e 2000; STÈDILE, 2000 e STÈDILE E FERNANDES, 1999.

ABSTRACT

What is the significance attributed by children to the fact that they belong to a social movement? The present study was led by that centered question. Focusing the objective on getting to know more of that childhood which has been up through in a time space of a social struggle, it was carried out – from April to November of 2003 - a interactive observation at “Dois de Julho” encampment site, locates in Betim, Minas Gerais state, in Brazil. At all that period of time I lived in the camped community, mainly with children from the age of 7 to 12, going through with them with their daily activities and taking part in their recreation games, learning thus more about their lives. Landless Workers Movement (MST/Brazil) was chosen for this research, as it represents in itself one of the lasting historical social rural movements of Brazil: It’s a social struggle undertaken by all family members.

As it is understood that a child is a social and cultural subject (GOUVEA, 1990, 2002, 2002a, 2003; JOBIN, 2001; KRAMER,1999, 2001; SARMENTO, 1997, SIROTA, 2001) in other words, it is only possible to comprehend an infant circumstances from inside of a culture. MST is seen as a time space as these subject building. The social movement is seen as organized groups searching for liberty, which means in order to overcome any kind of oppression and to take part in a new society production (SCHERER.-WARREN, 1987, p.9). It has also been noticed the daily aspect of this movement so that the social struggle for land or the result of it, on this specific case of MST their encampment and nesting become also a place where the Landless Workers live, and no only struggle. And specifically about MST, we used the works of CALDART, 2000a, BOGO, 2000; FERNANDES, 2000; MST, 1998, 1999, 1999a, 1999b and 2000; STÈDILE, 2000 and STÈDILE AND FERNANDES, 1999.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

| | |
|---------------------------------|---|
| Trajatória de uma pesquisa..... | 1 |
|---------------------------------|---|

CAPÍTULO I

| | |
|--|-----------|
| Acampamento Dois de Julho: cenário, sujeitos e cenas de uma realidade sociocultural do MST..... | 12 |
| 1.1 – Um estudo de tipo etnográfico da infância..... | 16 |
| 1.2 – Um Cenário da Vida Real: o Acampamento Dois de Julho..... | 17 |
| 1.3 – Os Personagens | 25 |
| 1.4 – Algumas Cenas da Vida Real..... | 28 |
| 1.4.1 – Uma rotina para as crianças no Dois de Julho..... | 30 |
| 1.4.2– Aspectos da dinâmica de um acampamento do MST e sua dimensão educativa..... | 32 |
| 1.4.3 – Memórias sobre quatro anos de Dois de Julho..... | 34 |
| 1.5 – Alguns elemntos para se pensar a construção da experiência infantil dentro do MST..... | 36 |

CAPÍTULO II

| | |
|---|-----------|
| Crescendo no MST..... | 38 |
| 2.1 – De crianças Sem Terra à Sem Terrinha..... | 39 |
| 2.2 – A condição de Sem Terra na voz das crianças..... | 43 |
| 2.2.1 – Cíntia, Emerson e Paula..... | 45 |
| Chegando ao Dois de Julho | 45 |
| Processo de adaptação | 47 |
| Lembranças da convivência no Acampamento..... | 47 |
| O Despejo..... | 47 |
| Acampamento X cidade..... | 48 |
| Relação com a terra | 49 |
| Na escola..... | 49 |
| No PETI..... | 50 |
| Conhecendo e participando de outros espaços do MST..... | 50 |
| Ser Sem Terra..... | 51 |
| 2.3 – Vivências e aprendizados..... | 52 |

CAPÍTULO III

| | |
|--|-----------|
| Para (re) Pensar sobre os Movimentos Socais: o que as crianças do MST nos ensinam?..... | 60 |
| 3.1 – Elementos para se pensar a construção do cotidiano em um acampamento do MST..... | 62 |
| 3.1.1 – O acampamento Sem Terra é fruto das lutas de um movimento social..... | 63 |
| 3.1.2 – O acampamento Sem Terra é uma construção social de pessoas oriundas das camadas populares..... | 66 |
| 3.1.3 – O “ <i>todo dia</i> ” em um acampamento do MST..... | 69 |

| | |
|---|-----------|
| 3.2– Movimento social como produto e produtor de cultura..... | 74 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 80 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÀFICAS..... | 84 |
| ANEXO I – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS..... | 94 |
| ANEXO II – AUTORIZAÇÃO PARA USO DAS ENTREVISTAS..... | 96 |

INTRODUÇÃO

Trajetória de uma pesquisa

*Bandeira, Bandeira, bandeira vermelhinha
O futuro do Brasil tá nas mãos dos Sem Terrinha!*

Ouvi esta palavra de ordem pela primeira vez durante a apresentação da mística¹ da Ciranda Infantil² no IV Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST – em Brasília, no mês de agosto de 2000. Depois que já havia me emocionado com tantas outras apresentações, palestras e conversas com acampados e assentados de todo o Brasil, este foi um momento muito especial. As crianças apareceram brincando de roda, correndo e cantando; as menores engatinhavam em cima de uma enorme bandeira do MST, manifestando a sua condição infantil, o seu direito de ser criança. Não foram poucas as pessoas que se emocionaram naquele momento, que choravam e, junto com as crianças, puxaram aquela palavra de ordem. Aquelas pessoas pareciam renovar a sua crença na luta pela terra. **Quais os significados que estas crianças atribuem ao fato de pertencerem a um movimento social?** Esta questão central fundamentou o desenvolvimento do presente estudo.

Ver nas crianças do MST sujeitos com quem poderia dialogar sobre o Movimento³ e sobre a sua condição infantil é um desejo que me acompanha desde os tempos de Graduação. Ingressei no curso de História em 1996. Naquela época eram apenas sete os

¹ Refiro-me às apresentações artístico-culturais feitas no início das atividades formais do MST. Nestas apresentações são utilizados símbolos que, para os seus integrantes, representa a memória e a utopia das lutas dos trabalhadores no Brasil e no mundo, uma espécie de memória da cultura de resistência dos oprimidos: “*é oxigênio da cultura, que mantém viva a esperança de fazer acontecer o esperado de forma inesperada. A mística é essencialmente surpresa.*” (BOGO, 2002, p.43)

² Um espaço-tempo para a educação infantil, criado pelo MST. *O nome é muito significativo porque lembra a união da força coletiva e, ao mesmo tempo, faz referência ao lúdico da brincadeira de roda presente na infância das pessoas de muitas partes do mundo.* (SANTOS, 1999, p. 38).

³Todas as vezes que a palavra Movimento aparecer com inicial maiúscula, estarei me referindo ao MST especificamente.

cursos no Campus de Vitória da Conquista, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Era também o curso de História conhecido no senso comum como “o curso dos revolucionários”, “daqueles que achavam que iam mudar o mundo”, “dos ateus”, “dos comunistas”. Mas estes “rótulos” atribuídos aos estudantes de História não me desagradavam. Pelo contrário. Que bom fazer parte de um curso que tem uma visão crítica da realidade! Talvez por isso mesmo a temática movimentos sociais sempre me encantou. Logo fui fazer parte do Centro Acadêmico e tivemos bons embates, um inclusive que rendeu as atenções da imprensa local e nacional: as manifestações contra a realização do Provão no ano de 1997.

Foi também em 1997 que se comemorou o centenário de Canudos. Naquele ano, muito se falou, no meio universitário, a respeito deste assunto. Exposições foram realizadas; o Encontro Nacional de Estudantes naquele ano teve Canudos como tema central; canções e documentários foram gravados; seminários, debates, discussões em escolas de ensino fundamental e médio, e “turismo social e histórico” ao lugar onde o arraial de Belo Monte “resistiu heroicamente”. Foi uma das poucas vezes, durante o meu período acadêmico, em que eu vi uma temática sair da sala de aula de história e dos muros da universidade para ser debatido pelas pessoas de fora do ambiente acadêmico. Muito contribuiu para isto a participação dos movimentos sociais locais, sindicatos e a ala social da Igreja Católica. Falou-se da necessidade de um outro olhar da história oficial sobre aqueles tidos como os “vencidos da história”: a vitória do povo canudense estava em ter resistido até o fim, de ter sido fiel aos seus ideais.

Dentro de toda esta “mística”, tomei contato pela primeira vez com o Livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Um trecho, onde se fala dos últimos sobreviventes do Arraial de Belo Monte, já nas páginas finais do livro, chamou a minha atenção:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento

*completo. Expugnado palmo a palmo na precisão total do termo, caiu dia cinco[de outubro de 1897], ao entardecer quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram apenas quatro: um velho, dois homens feitos e **uma criança**, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (CUNHA,2002, p. 532)*

Durante todo o período de graduação, ou mesmo nos dias atuais, não me lembro de ter lido outro texto que mencionasse de forma tão clara, ainda que nas entrelinhas, a presença das crianças nos movimentos sociais. Mas algumas questões ficavam no ar. Por exemplo: qual era o lugar das crianças no cotidiano da resistência guarani aos constantes ataques dos bandeirantes nos séculos XVI e XVII ou no dia-a-dia do quilombo de Palmares? O que faz com que uma criança esteja entre os últimos combatentes de Canudos? Como é viver o período da infância dentro de um espaço/tempo de luta social?

Um ano mais tarde, tive a oportunidade de conhecer mais de perto o Movimento Sem Terra, numa marcha que acontecia em Salvador no dia 7 de setembro. Encantava-me ver crianças de todas idades marchando junto com os adultos ou no colo de suas mães. A partir daí, cheguei a acompanhar o MST em várias viagens, encontros regionais e estaduais, Congresso Nacional em 2000, Cursos Realidade Brasileira, Estágio de Vivência⁴. Cheguei também a trabalhar como professora de História de 5^a à 8^a séries na Escola Municipal Fábio Henrique, Assentamento Lagoa e Caldeirão, também município de Vitória da Conquista. Em todos estes espaços, as crianças estavam sempre presentes, fossem brincando, olhando timidamente a conversa dos adultos, e, às vezes, falando sobre a sua vivência dentro do MST: as ocupações, os confrontos com a polícia, o medo que certas situações

⁴ Trata-se de um projeto de extensão universitária que a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil – FEAB – tem promovido em conjunto com os Centros Acadêmicos de Agronomia e outros cursos em diversas universidades brasileiras. A proposta do estágio é criar uma relação solidária entre os estudantes universitários, a universidade e os movimentos sociais. Normalmente se desenvolve em três fases: período preparatório, em que os estagiários participam de atividades tais como palestras e seminários sobre temáticas como questão agrária, conjuntura nacional, educação popular, entre outros; período de vivência, em que os estagiários passam quinze dias junto a alguma comunidade ligada ao movimento social (no caso do MST, acampamentos e assentamentos), sendo acolhidos por uma família e participando das atividades cotidianas da comunidade; e período de avaliação, no qual todos os estagiários e a coordenação do estágio se reúnem para avaliar o estágio e produzir o relatório.

apresentavam, a coragem dos que lutam pela terra.

Foi com o MST que aprendi o quanto a luta pela terra, nos dias atuais, traz muito da memória dos indígenas massacrados pela ação do colonizador; dos escravos que, mais que ninguém, lutaram pela própria libertação; dos movimentos messiânicos; das Ligas Camponesas e de todas as lutas que tinham como sujeitos os trabalhadores do campo e como cenário a questão agrária (FERNANDES, 2000). Também com o Movimento comecei a perceber, de forma mais enfática, a luta pela terra, ou mais especificamente os **movimentos sociais de luta pela terra como espaço e tempo de se vivenciar o período da infância**.

A raiz do nosso subdesenvolvimento, da nossa pobreza e de nossa desigualdade social, está no latifúndio, segundo Stédile (2000, p.21). A atuação do Movimento Sem Terra, ao longo dos seus vinte anos de existência, contribuiu para recolocar a questão agrária na “ordem do dia” e para chamar a atenção da sociedade brasileira para a necessidade de se democratizar o acesso à terra. O Movimento inovou também na forma de proceder à luta pela terra, tão bem explicada em uma de suas palavras de ordem: *ocupar, resistir e produzir!* Especialmente porque sua ação exige que se cumpra a função social da terra, garantida pela Constituição Federal Brasileira ***Terra para quem nela trabalha!***, diz o cartaz do I Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais⁵.

Mas esta “inovação” na forma de proceder à luta também traz permanências históricas: a presença de toda a família numa luta que acontece de forma *totalizante*, pois o espaço-tempo da luta se mostra para os seus sujeitos como o lugar da moradia, do trabalho, da vivência do lúdico, enfim, da reprodução material e simbólica. Como terá sido ser criança pelos becos do Arraial do Belo Monte? Como terá sido crescer naquele reduto de resistência formado socialmente por camponeses e homens livres miseráveis, ex-escravos jogados à

⁵Cartaz do I Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - ***Terra para quem nela trabalha***, realizado de 29 a 31 de janeiro de 1985, na cidade de Curitiba, Estado do Paraná: In: MST. Reforma Agrária: Por um Brasil sem latifúndio! – textos para debate do IV Congresso Nacional do MST. São Paulo, 2000.

própria sorte e indígenas contra a monarquia? Como terá sido a experiência de meninos e meninas que vivenciaram a destruição completa de suas casas e famílias, sendo alguns, principalmente as meninas, entregues às casas de prostituição em Salvador e Recife? Dificilmente teremos condições de reconstruir a história das crianças de Canudos, de Palmares, das tribos indígenas dizimadas Brasil adentro e de tantas outras infâncias vividas em meio a lutas sociais. Primeiramente, por causa das fontes, acredito, bastante escassas, sobre movimentos sociais rurais antes do século XX. Mas, dentre as muitas questões ainda sem resposta, uma me instiga: **o que será viver a condição infantil num contexto de conflito social como nos movimentos sociais?**

O Movimento Sem Terra tem apresentado aos seus sujeitos uma outra possibilidade: ser “Sem Terra”, nome próprio, sujeito constituído pelas lutas do MST, é diferente de ser “sem-terra”, *designação sócio-política do indivíduo expropriado da terra* (MST, 2000). Mais que novas semânticas, o MST tem se configurado num *sujeito social que forma sujeitos* (CALDART, 2000a, p.26), ajudando a produzir novos homens, mulheres, crianças, jovens e idosos (ARROYO, 1998), novas expectativas de vida e velhos sonhos de pessoas das camadas populares”.

E por que olhar para o MST como o lugar da vivência da infância? Em todo o Brasil, são mais de 160.000 crianças e adolescentes que estudam em escolas de acampamentos e assentamentos do MST⁶. Buscando saber mais sobre os laços de pertencimento estabelecidos entre as crianças e o Movimento, o que esperam e o que aprendem vivenciando uma situação de luta pela terra, além de conhecer mais deste “modo de viver a infância”, coloquei para mim o desafio de observar o contexto social onde elas estão inseridas e de escutá-las.

⁶Este número não inclui as crianças que não estão em idade escolar e aquelas que freqüentam escola no acampamento ou assentamento que ainda não são reconhecidas pelas redes públicas, como é o caso de muitas experiências de escolas itinerantes e das cirandas infantis. Fonte: www.mst.org.br/setores/educacao.

Enxergá-las, como já foi salientado, não era um problema; afinal, estão presentes em praticamente todos os espaços-tempo da luta do MST. Mas saber o que pensam sobre o fato de vivenciarem o período da infância numa situação de luta coletiva, coube a mim, enquanto pesquisadora, fazer dois movimentos: conhecer o contexto sociocultural onde estas crianças estão inseridas e romper com aquilo que, etimologicamente, a palavra infância sugere – aquele que não fala, que não sabe se expressar (KRAMER, 2001). Para tanto, foram eleitas como instrumentos de coleta de dados a observação participante e a entrevista semi-estruturada. Trata-se de uma pesquisa imersa numa abordagem qualitativa que, segundo Alves-Mazotti:

Esta abordagem parte do pressuposto de que as pessoas agem em função das suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. (ALVES-MAZOTTI, 1991, p. 54)

Os sujeitos aos quais esta pesquisa se dirigiu foram crianças na faixa etária entre 7 e 12 anos, moradoras do Acampamento Dois de Julho, no município de Betim, estado de Minas Gerais. Priorizei trabalhar com crianças nesta faixa etária porque como um dos recursos metodológicos seria a entrevista, seria necessário contatar crianças que tivessem maior facilidade de se expressar de forma verbal, além de esta faixa etária, provavelmente, contar com um maior número de vivências dentro do Movimento. E escolhi o acampamento, entre outros espaços-tempo por considerar ser esta a representação mais enfática da luta do MST:

O acampamento traz para a nossa reflexão o sentido pedagógico do cotidiano da organização e da vida em comum das famílias sem-terra debaixo de lonas, em situação de extrema precariedade material e, ao mesmo tempo, de muita riqueza humana. (CALDART, 2000a, P. 114)

Entre os meses de abril e novembro de 2004, visitei o Acampamento Dois de Julho em todos os finais de semana. Procurei, logo de início, apresentar-me às famílias e às

crianças, falar da pesquisa e de como pensava que ela deveria ser desenvolvida e, ao mesmo tempo em que pedia autorização para realizá-la, também procurava compreender o acampamento como um espaço sociocultural. Na seqüência, em cada final de semana escolhia alguma das crianças para passar o dia “coletando dados”.

Coloco o termo entre aspas para explicar melhor de que forma esta coleta foi realizada: por meio da brincadeira. Interessante falar isto porque, para os adultos do acampamento, aquilo não era pesquisa. Houve momentos em que as mães e pais, ao me verem aproximar, perguntavam se eu havia chegado para *tomar conta dos meninos*. Porém, mais que uma estratégia de coleta de dados, isto também significou para mim um reaprendizado pessoal: lidar com a imaginação, com o faz-de-conta, perder o medo de ser ridícula, reencontrar-me com o chão, ter fôlego para passar um dia inteiro “inventando o que fazer para divertir”. Sem dúvida, as crianças foram para mim grandes educadoras, com as quais reencontrei antigas brincadeiras, aprendi novas e, principalmente, lembrei como esta atividade exige, de quem a exerce, seriedade e cumplicidade, ou, como nos aponta Gouvea: *o brincar constitui uma atividade extremamente complexa e vital para a criança, através da qual ela compreende, organiza o mundo e lhe dá significado* (GOUVEA, 2003, p. 14)

Também não foram poucas as vezes, durante o trabalho de campo, em que me emocionei com o que os pequenos, de múltiplas formas, me falavam: verbalmente, através das brincadeiras, dos silêncios ou de gestos sutis como piscadelas, olhares, do oferecer a mão para ser segurada, enfim, das muitas manifestações de carinho e confiança. Espero agora estar respondendo tais manifestações à altura, neste trabalho. Da mesma forma, rendo agradecimentos a cada uma das famílias acampadas, com as quais também aprendi mais sobre o Acampamento e o Movimento, sobre o seu dia-a-dia, suas histórias de vida, seus sonhos. Elas receberam-me carinhosamente em suas casas, dividindo comigo suas maiores riquezas: solidariedade, amizade e confiança.

Mais que uma estratégia de campo, também foi uma opção política ouvir as crianças. Assim, cheguei a realizar conversas gravadas com todas as crianças que seriam tratadas como sujeitos principais da pesquisa. Este foi um momento que também significou um outro aprendizado pessoal: como a criança tem tanto a informar sobre um fenômeno social. Ao mesmo tempo, aprendi como o “copiar/colar” uma metodologia muitas vezes não funciona. Não entendia, por exemplo, como uma criança desinibida e falante de repente se calava diante da presença de um gravador. Fui notando que as melhores entrevistas eram aquelas feitas de forma a alterar o mínimo possível a “situação normal” com a criança, assim como uma que aconteceu durante uma caminhada, onde as pessoas que passavam pelo caminho saudavam-nos, ouvia-se o barulho dos pássaros, parávamos para descansar ou para contar “causos” sobre algum lugar daquele caminho. Assim, fui aprendendo esta dimensão da comunicação com a criança e procurando, cada vez mais, respeitar suas formas de expressão, mas também buscando entender como as suas manifestações poderiam contribuir para responder as questões interpostas pelo trabalho.

Durante o período de pesquisa de campo, procurava sempre retomar a questão central e os objetivos propostos por esta pesquisa. Quando percebi que os dados coletados já se tornavam recorrentes, o trabalho de campo foi dado como provisoriamente encerrado, passando para a fase de análise do material e construção do presente texto. Antes de tecer comentários relativos à estrutura do texto, gostaria de esclarecer as categorias de análise que irão perpassar todos os capítulos.

Pela categoria **criança**, estou compreendendo como sujeito sociocultural (GOUVEA, 1990, 2002, 2002a, 2003; JOBIN, 2001; KRAMER,1996,1999; SARMENTO, 1997, SIROTA, 2001), ou, como nos fala Sirota,

as crianças devem ser consideradas como atores no sentido pleno e não simplesmente como seres em devir. As crianças são, ao mesmo tempo, produtos e atores dos processos sociais (SIROTA, 2001, p. 19).

Sendo assim, não poderia compreender a **infância** senão como um construto histórico-social-cultural (GOUVEA, 1990, 2002, 2002a, 2003; PINTO, 1997; SARMENTO, 1997, 2002; SILVA E NUNES, 2002). Estou percebendo a infância não somente como uma etapa da vida humana, mas antes como um componente da sociedade e da cultura:

A infância é compreendida como uma construção social. Desse modo ela fornece um quadro interpretativo que permite contextualizar os primeiros anos da vida humana. A infância vista como um fenômeno diferente da imaturidade biológica, não é mais um elemento natural ou universal dos grupos humanos, mas aparece como um componente específico tanto estrutural quanto cultural num grande número de sociedades. (JAMES E PROUT, 1990, apud SIROTA, 2001, p.19)

Outra categoria central deste trabalho é **movimento social**, compreendido aqui como *grupos que se organizam na busca de libertação, ou seja, para superar alguma forma de opressão e para atuar na produção de uma sociedade modificada* (SHERER-WARREN, 1987, p.9) e também como *ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas* (GONH, 2003, p. 13). Olhando particularmente para um acampamento do **MST**, gostaria de enfatizar o seu aspecto de *vivência sociocultural* (CALDART, 2000a, p. 106), no sentido de ser este um dos aprendizados coletivos produzidos por meio da participação num sujeito coletivo (SADER, 1991). Tanto que, no texto, sempre que utilizar o termo Sem Terra, com as iniciais maiúsculas, estarei referindo-me especificamente aos sujeitos pertencentes ao MST. Ainda sobre o MST, outros referenciais (BOGO, 2000; FERNANDES, 2000; MST, 1998, 1999, 1999a, 1999b e 2000; STÈDILE, 2000 e STÈDILE E FERNANDES, 1999) ajudaram na compreensão do universo sociocultural que é o acampamento Sem Terra.

Por fim, enfatizo a dimensão educativa deste processo, compreendendo educação como *processo de formação humana* (ARROYO, 2001, p.3). Entender o processo de luta do MST como educativo faz pensar neste fazer-se humano que está sendo formado na luta pelas condições mais básicas de vida. Também está sendo percebida a intencionalidade

político-educativa, presente nos espaços-tempo construídos a partir da luta dos Sem Terra (MST, 1999).

O texto está estruturado em três capítulos. No primeiro, intitulado *Acampamento Dois de Julho: cenário, sujeitos e cenas de uma realidade sociocultural do MST*, trato da trajetória da pesquisa de campo: os sete meses de convivência com a comunidade do Acampamento Dois de Julho, a construção de um quadro interpretativo que pudesse tornar o mais compreensível possível o contexto sociocultural daquele acampamento, e de como apareciam as crianças e a vivência da infância naquele contexto.

No capítulo seguinte, *Crescendo no MST*, procurei explorar as entrevistas para compreender, de forma mais apurada, como as crianças significavam a vivência no acampamento. Foram escolhidas três crianças como representantes dos perfis que mais se destacaram: aquela que a família mantinha uma relação de militância com o movimento; uma outra em que a família era uma referência de amizade e simpatia no Acampamento; e a que a família tinha uma relação mais afastada em relação ao MST. A partir das entrevistas, foi possível observar aquilo que as crianças falavam em comum e que indicavam vivências e aprendizados produzidos no acampamento.

No último capítulo, *Para (re)Pensar sobre os Movimentos Sociais: o que as crianças do MST nos ensinam?*, foram retomados aspectos dos dois capítulos anteriores que ajudassem a compreender o que estas crianças apontaram de novo, possibilitando entender melhor o que é o movimento social e o seu caráter educativo.

A escassez de estudos sobre a vivência da infância numa situação de luta coletiva – em que fatores como o sentimento de pertencimento a um coletivo maior nos parece fundamental para compreender o que é ser criança neste contexto – é algo que não passa despercebido, dada a quantidade de movimentos sociais presentes por todas as fases da nossa história. A presente pesquisa pretende ser uma contribuição no sentido de se ampliar a

compreensão sobre a infância no movimento social, percebendo aí um lugar onde se possa vivenciar este período do desenvolvimento humano.

CAPÍTULO I

Acampamento Dois de Julho: cenário, sujeitos e cenas de uma realidade sociocultural do

MST

Num certo ponto da entrevista Emerson [8 anos] desligou o gravador, olhou para mim e falou: “tia, me fala uma coisa: para que você quer isto mesmo?”. Fiquei ao mesmo tempo surpresa e encantada com a situação. Às vezes acabo esquecendo-me de que quem transformou tudo em pesquisa fui eu. Isto aqui é a vida deles [...]; é preciso que eu seja surpreendida de vez em quando para lembrar que, por mais que eu tenha falado, nem sempre tudo estará claro [...]. Perguntei então se ele se lembrava da primeira vez em que fui em sua casa - quando ele ainda morava do lado de lá da estrada. Eu tinha explicado que era estudante da universidade e estava fazendo uma pesquisa com as crianças do Movimento Sem Terra. Ele balançou a cabeça dizendo que sim. Eu falei então que aquela entrevista, as entrevistas feitas com as outras crianças, além das anotações feitas por mim, fariam parte desta pesquisa. Expliquei a ele o que vem a ser uma pesquisa. [...]. Ele parecia bem atento à explicação, pois não tirou os olhos de mim. Depois que eu terminei de explicar, ele disse: “Ah! Se é isto, então pode continuar”. Religou o gravador e nós retomamos a entrevista. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 26 de novembro de 2003).

Emerson é um dos moradores do Acampamento Dois de Julho, localizado no Município de Betim, região metropolitana de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Chegou ali quando tinha quatro anos de idade, no dia 4 de julho de 1999, dois dias após a ocupação coordenada pelo MST. O pai havia participado da ocupação, mas ele e a mãe foram depois, juntamente com toda a mudança. Antes, moravam no bairro Ouro Negro, periferia de Ibirité – cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Há quatro anos este acampamento tem sido o lugar da sua moradia, do trabalho da sua família, enfim onde Emerson vive. **Quais significados uma criança como Emerson atribui ao fato de pertencer a um movimento social?** Começo com este trecho pelo fato de o mesmo apresentar dois pressupostos básicos desta pesquisa.

O primeiro é que nós, adultos, temos o que aprender das crianças. Perceber nesses *sujeitos históricos que vertem e subvertem a ordem e a vida social* (KRAMER, 1999, p.14) a sua condição de ser histórico, político e cultural exige-nos *um exercício de desaprender constante do caráter adultocêntrico que tantas vezes impregnam a relação*

adulto-criança (GOBBI, 2003, p. 30). É também o desafio de assumir uma postura dialógica com o diferente, e compreender que ter a infância como tempo presente não significa necessariamente serem “*in-fans*”, *que não fala* (KRAMER, 1999, p.271), que não consegue se expressar.

Em *A criança que cria – conhecer seu mundo*, Brandão (1985) fala em *culturas sem crianças e crianças sem cultura*, referindo-se ao resultado da separação que, durante muito tempo, a psicologia privilegiou no estudo do sujeito (e numa certa medida também vinha sendo assumida pelas ciências sociais). Devolver às crianças a sua condição de sujeitos socioculturais, tal qual são na concretude de suas vidas, parece ser um desafio ainda muito atual, não só para as pesquisas, mas também para as práticas educativas escolares e não escolares.

No campo da educação, nos últimos 20 anos, *a infância vem sendo constantemente estudada, sendo ressignificada a compreensão da sua singularidade* (GOUVEA, 2002, p. 3). Estabelecendo um diálogo maior com outras áreas das ciências humanas – principalmente com a história, sociologia e antropologia – foi possível "evoluir" de uma busca da compreensão da criança-aluno, para a busca das crianças como sujeitos concretos dentro da sua cultura. *Tratar da criança em abstrato, sem levar em conta as diferentes condições de vida, é dissimular a significação social da infância* (KRAMER, 2001, p.21).

Compreendendo que, independente da idade, todos os sujeitos inseridos em qualquer fenômeno social podem ser importantes informantes que ajudam a compreender a situação, busquei as crianças para saber mais sobre este movimento social. Não só porque elas são uma presença constante em todos os espaços criados e recriados no processo de luta pela terra. Mas também para saber **como é, dentro de um movimento social, vivenciar as especificidades do período da infância.**

Para Stédile, a luta pela terra é uma luta de toda família, pois dentro da família camponesa vão todos: *participam o idoso, a mulher e a criança [...]. O Movimento na medida que inclui todos os membros da família adquire uma força incrível* (STÉDILE e FERNANDES, 1999, p.32). Compreendendo as crianças do MST como sujeitos socioculturais, entende-se a sua participação na produção do seu universo sociocultural, da mesma forma que o universo produzido a partir de um conflito social atua na construção da experiência infantil. Assim, as crianças apontam-nos outros focos para olhar o movimento social.

Nesta perspectiva, o segundo pressuposto desta pesquisa é enxergar o Movimento Sem Terra para além do seu caráter de *movimento de massas de caráter sindical, popular e político que luta por terra, reforma agrária e mudanças na sociedade* (MORISSAWA, 2001, p.153). Somada a esta autodefinição, parece-nos também importante voltar o olhar aos significados que vêm sendo produzidos a partir da vivência no processo de luta pela terra. Em *Pedagogia do MST*, Caldart (2000a) trata a dimensão sociocultural na formação do sem-terra pelo MST da seguinte forma:

A cultura que busco entender no processo de formação dos sem-terra pelo MST é, pois, aquela que por se produzir na dinâmica de um movimento social, ou de uma luta social, diz respeito bem mais ao extraordinário do que ao cotidiano, entendido este no sentido daquilo que se repete todos os dias, dos costumes mais estáveis, rotineiros [destaque da autora]. (CALDART, 2000a, p. 28)

É de se pensar que, na produção deste *extraordinário*, exatamente o que lhe dá caráter de movimento social, esta coletividade em luta que é o MST – diga-se de passagem que, neste ano de 2004, o movimento completa vinte anos de institucionalização – também produz um *cotidiano*, no sentido mesmo *daquilo que se repete todos os dias*, ou seja, *as práticas comuns, maneiras de fazer cotidianas* (CERTAU, 1994, 37). A luta social passa a ser uma vivência cotidiana (o morar, o trabalhar, e no caso específico das crianças, o brincar).

A exemplo de outras lutas pela terra, tais como os movimentos messiânicos, quilombos, ou episódios de resistência indígena, o espaço-tempo da resistência no MST acabou tornando-se para os seus sujeitos em lugar de moradia, de trabalho, dos aprendizados coletivos, de viver o lúdico etc. (CORREIA, 2003). Neste sentido, duas vivências educativas⁷, *viver no acampamento* (CALDART, 2000a, p.113), e *organizar o[e viver no] assentamento* (IDEM, p.119), trazem uma peculiaridade: os sujeitos participantes estão durante todo o tempo dentro do movimento social (uma vez que vivem dentro da materialidade da luta). Voltar o olhar ao cotidiano – *às maneiras de fazer cotidianas* (CERTEAU, 1994, p. 35) e os *imponderáveis da vida real* (MALINOVSKI, 1976, p.33) – é algo importante para compreender-se que construto sociocultural é esta infância produzida dentro de um movimento social de luta pela terra.

Escolhi um acampamento para realizar as observações por acreditar ser este espaço-tempo/vivência educativa a representação mais contundente da luta dos Sem Terra. As possibilidades trazidas por se estar acampado, e por se tratar de um acampamento do MST, são muitas: da ocupação do latifúndio à possibilidade de sofrer uma ação de despejo ou a decisão de reocupar; das dificuldades financeiras, sentidas de forma mais contundente, ao desafio de permanecer acampado, bem como a situação de instabilidade a que estão expostos; e até (muitas vezes) o (re)aprender a cultivar a terra.

Além disso, vivenciar tal situação, muito marcada pela carência material, pela ausência da garantia de direitos básicos de cidadania e por tantos preconceitos, não é somente uma sujeição. Como nos lembra Fernandes, é, antes de tudo, *uma escolha pessoal de quem tem por objetivo ser um assentado*. (FERNANDES, 2000, p. 293).

⁷ Caldart considera que ocupar a terra, viver no acampamento, organizar o acampamento, pertencer ao MST, ocupar a escola sejam *vivências que indicam uma trajetória que revela a materialidade principal da ação do Movimento* (2000a, p.107).

1.1 – Um estudo de tipo etnográfico da infância

Nesta pesquisa foi feita a opção pela abordagem qualitativa, por compreender-se que as questões propostas não pudessem ser suficientemente respondidas se não houvesse um entendimento de como os sujeitos eleitos produzem e são produzidos na sua cultura, (ALVES-MAZZOTI, 1991) .

Entre os meses de abril a novembro de 2003 convivi com a comunidade do Acampamento Dois de Julho, em especial com crianças na faixa etária compreendida entre os 7 e 12 anos de idade. A coleta de dados foi feita, principalmente, por meio de observação participante, com anotações em diário de campo, e de entrevista com as crianças. Trata-se de uma pesquisa de **tipo etnográfico** que, segundo André, vem a ser uma adaptação da etnografia à educação:

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural” [...]. Se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo. (ANDRÉ, 1995, p.27-28).

Se há pelo menos vinte anos que o campo da educação tem procurado um maior diálogo com as ciências humanas, no intuito de ampliar as concepções sobre a infância, parece também ser mais ou menos deste período que a infância começa a ser compreendida como construção social. Segundo Silva e Nunes (2002), é nos anos 70 que a infância e a criança passam a ser uma preocupação mais específica dos estudos antropológicos. Nos últimos anos, tem crescido o interesse por se conhecer mais sobre infância:

Assiste-se, portanto, a uma proliferação de interesses científicos em torno da infância, especialmente em torno da infância nos países industrializados e em avançado processo de globalização, a medida que também se evidenciam e crescem os paradoxos e as ambigüidades no relacionamento entre o universo infantil e a sociedade adulta. (SILVA E NUNES, 2002, p. 15)

No campo da Antropologia e, numa certa medida, em outras áreas das ciências

humanas, nas investigações mais recentes sobre infância já se pode identificar algumas abordagens centrais: a infância como construção social; o mundo social da criança como um mundo à parte, mas que se constrói na interação com a sociedade, com o seu tempo e seu espaço (PINTO, 1997; SILVA E NUNES, 2002).

Tendo por base estas abordagens, busquei compreender que a construção desta infância está inserida no contexto de luta de um movimento social do qual fazem parte e, principalmente, compreender tudo isso a partir do ponto de vista da criança. A relações das crianças com seus pais, com os adultos e com a dinâmica da luta pela terra, tudo interessava à pesquisa.

Mas, ainda que a pesquisa tivesse claramente um “pé” no campo da antropologia e da educação, foi necessário estabelecer um diálogo com as diversas áreas de conhecimento dentro das ciências humanas que pudessem ajudar a responder as questões propostas no projeto, bem com aquelas surgidas no decorrer do processo de investigação. E mesmo que “lições” da pesquisa de tipo etnográfico tenham sido bastante enfatizadas em trabalhos clássicos, foi no contato com o campo que novos problemas apareceram e novas lições foram aprendidas.

Descrevo a seguir o processo de pesquisa, apresentando o campo, os sujeitos e aquilo que foi se configurando como muito específico do universo sociocultural de um acampamento pertencente ao Movimento Sem Terra.

1.2– Um Cenário da Vida Real: o Acampamento Dois de Julho

Um acampamento é uma verdadeira cidade de barracos de lona [grifo da autora], com uma população [...] de [...] homens, mulheres, crianças que organizam sua vida em função de dar continuidade às ações de luta pela terra [...]. O acampamento é uma forma de luta largamente utilizada pelo MST com o triplo objetivo de educar e de manter mobilizada a base sem-terra; de sensibilizar a opinião pública para a causa da luta pela terra; e de fazer pressão sobre as autoridades responsáveis pela realização da reforma agrária. (CALDART, 2000a, p. 114)

O Acampamento Dois de Julho **pertence a Regional Grande BH**⁸. É fruto da ação mobilizadora do Movimento Sem Terra junto a famílias moradoras das periferias de cidades como Betim, Ibirité e Belo Horizonte (SUPTITZ, 2003). Como aponta Ferreira (2002), é uma região urbana muito marcada pelo êxodo rural. Também tem sido uma das frentes de luta do MST a mobilização de famílias urbanas que queiram se integrar na luta pela reforma agrária (SUPTITZ, *idem*).

A facilidade de acesso – o ônibus 1180 C Eldorado/Juatuba, que tem ponto de parada na estação de metrô Eldorado, em Contagem, situada na região Metropolitana de Belo Horizonte, e que passa em frente à entrada do Dois de Julho –, foi outro fator que também contribuiu para a escolha deste acampamento como campo de pesquisa.

Por ser um acampamento muito próximo a Belo Horizonte e de fácil acesso – entre os municípios de Betim e Juatuba – o Dois de Julho tem se tornado uma espécie de “sala de visita” do MST nesta Regional. Frequentemente, redes de TV, estudantes universitários, militantes de outros movimentos e de outros países, além de outras pessoas, o visitam. Durante o período em que lá estive, pude presenciar algumas visitas: uma rede de TV estadunidense que estava produzindo um documentário sobre a fome no mundo (e o MST foi escolhido como um bom exemplo de combate à fome); estudantes do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em Betim que faziam estágio no local; uma escola de cabeleireiros que realizou uma ação social.

Embora minha trajetória com o MST tenha se dado na Regional Sudoeste da Bahia, na cidade de Vitória da Conquista, a opção por realizar a pesquisa no Estado de Minas Gerais teve como objetivo conferir um certo distanciamento pessoal e um “desapego

⁸Para melhor planejar/acompanhar estratégica, política e burocraticamente nas suas áreas em cada Estado, o MST faz subdivisões geográficas, agrupando seus acampamentos e assentamentos em regionais (montando inclusive estrutura de secretaria), que na maioria das vezes acaba refletindo a subdivisão geográfica do próprio Estado. Na monografia A História do MST em Minas Gerais, Ferreira (2002) cita quais regionais compõem o MST mineiro: Rio Doce, Sul de Minas, Triângulo Mineiro, Grande BH, Mucuri/Jequitinhonha e Noroeste.

sentimental” do objeto de estudo. Se bem que seja próprio das pesquisas que possuem um enfoque etnográfico o seu aspecto subjetivo, uma vez que se trata, antes de tudo, de uma relação humana. Em nada ajudaria não assumir *o lado humano e fenomenológico* (DA MATTA, 1978, p. 27), próprio deste tipo de pesquisa. Mas é necessário *aprender a realizar a dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico* (IDEM, p.28)⁹. E por mais que o objeto de estudo fosse algo “familiar”, *o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas nem sempre conhecido* (VELHO, 1978, p. 39).

Outro ponto importante e que merece destaque é que existem acampamentos e assentamentos do Movimento Sem Terra em praticamente todos os Estados do Brasil¹⁰, o que facilitou a escolha de um acampamento no Estado de Minas Gerais, uma vez que não havia a preocupação deste estudo em avaliar aspectos de caráter regional (por exemplo, o que é ser uma criança Sem Terra no Estado da Bahia ou de Minas Gerais).

Busquei realizar algumas ações antes de iniciar a pesquisa de campo. Respeitando a autoridade do MST – já que pretendia entrar numa área coordenada por esse movimento –, procurei a Direção Estadual para falar da pesquisa e saber quais as possibilidades de realizá-la no estado de Minas Gerais. Não tive problemas em ser prontamente atendida. Eu já conhecia alguns dirigentes de encontros e cursos nacionais do MST, o que me ajudou a “abrir as portas”¹¹.

Os pontos priorizados para a escolha do campo de pesquisa foram os seguintes:

⁹No texto, *O Ofício do Etnólogo, ou Como ter “Antropological Blues”*, Roberto Da Matta, qualifica esta dupla tarefa como essenciais ao ofício do etnógrafo.

¹⁰ [...] *o MST hoje atua em 23 estados da federação, organizando 1,5 milhão de pessoas, com 350 mil famílias assentadas e 100 mil vivendo em acampamentos [estes dados são do ano de 2000].* (In: MORISSAWA, Mitsue. *A História da Luta Pela Terra e do MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001. P. 167.).

¹¹ *Uma das frentes de atuação do Movimento tem sido o investimento na educação e na pesquisa, tido como importante frente no processo de consolidação e resistência. In: ANCA. A ANCA e a Pesquisa. Diários da ANCA. 2002. P.5.*

que fosse um acampamento; que contasse com um certo tempo de luta; que, de preferência, já tivesse vivenciado alguma ação de despejo e que houvesse no local algumas famílias com crianças na faixa etária entre 7 e 12 anos de idade, que ali morassem desde a formação do acampamento. Dessa forma, o Dois de Julho foi preenchendo os requisitos: era o acampamento mais antigo da Regional (iria fazer quatro anos); boa parte das famílias que lá moram atualmente participaram da ocupação; havia algumas com crianças na faixa etária sugerida e, no ano de 2002, chegou a sofrer uma ação de despejo.

Segundo a Direção Estadual do MST, o Dois de Julho constituiu-se a partir da ocupação das Fazendas Ponte Nova e Vinhático, em 1999. O nome do acampamento, segundo os moradores, é uma referência ao dia que entraram na terra. A área total é de 715 hectares. De acordo com alguns dirigentes, no ano de 1998 o INCRA¹² procedeu vistoria na área desta fazendas e constatou-se que as terras eram improdutivas. Participaram da ocupação 110 famílias, e hoje são 60 famílias que esperam para serem assentadas¹³. Atualmente os acampados e acampadas aguardam decisão judicial em última instância sobre a desapropriação da terra¹⁴.

O acampamento é cortado pelo Rio Paraopeba e pelo Ribeirão Pimenta. Também existem algumas nascentes na área da fazenda. Mas a água dos rios não é utilizada para alimentação, apenas para higiene e limpeza, e no caso da água das nascentes, para a irrigação de lavouras. 40% da área da Fazenda são de mata, e os moradores falam em onças, macacos e cobras como alguns dos habitantes daquela área verde. Entre as plantas nativas está o palmito que, inclusive, tem a sua extração proibida, sendo que a área da fazenda é

¹² Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

¹³ Dado fornecido pela Secretaria Estadual do MST em Minas Gerais.

¹⁴ IDEM.

constantemente vigiada pelo IBAMA¹⁵. Por dentro do acampamento passa um trecho da Ferrovia Centro-Atlântica, por onde trafegam trens cargueiros.

Há dois anos atrás, quando Maria do Carmo Lara, do Partido dos Trabalhadores, governava Betim, **o acampamento chegou a contar com escola de ensino fundamental funcionando no local**, com classes de 1º e 2º ciclo (antigo primário) para as crianças. Os estudantes de 3º e 4º ciclos (antigo ginásio) estudavam na Escola Barão do Rio Branco, que fica no bairro de Vianópolis, próximo do acampamento, e os de ensino médio numa escola Estadual em Juatuba (cidade próxima). No espaço da escola também funcionava a Ciranda Infantil e uma ação de alfabetização de jovens e adultos, de responsabilidade do setor de educação do MST.

Com a mudança de governo em Betim, as turmas que funcionavam no acampamento foram retiradas dali e assumidas pela Escola Barão do Rio Branco¹⁶. Um microônibus da Secretaria Municipal de Educação faz o transporte das crianças para a escola. **Mas o espaço onde funcionava a escola permanece sendo utilizado pelo setor de educação do Movimento.** A Ciranda Infantil e a Alfabetização de Jovens Adultos continuam funcionando no espaço da escola. Futuramente deverá funcionar no local uma classe do PRONERA¹⁷, à noite.

Embora quase todas as famílias acampadas tenham suas roças – de feijão, arroz, milho, mandioca, hortaliças etc. – não é daí que provém o sustento familiar. Os alimentos plantados servem principalmente para a subsistência. O trabalho assalariado na

¹⁵ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis.

¹⁶ No decorrer da pesquisa de campo as crianças foram apontando o quanto que o espaço da escola era central, principalmente para a construção da identidade de Sem Terra. Visitei o espaço da escola para entender melhor do que elas estavam falando. Assunto para o próximo capítulo.

¹⁷ Programa Nacional de Educação em Áreas de Reforma Agrária. É um Programa do Governo Federal que visa a realizar alfabetização de Jovens e Adultos em acampamentos e assentamentos de reforma agrária. Os educadores são pessoas de dentro dos movimentos envolvidos e o Programa prevê duas ações conjuntas: realizar a escolarização dos educadores (que geralmente são pessoas com até a antiga 8ª série do primeiro grau completa) e a alfabetização de jovens e adultos.

cidade ou em fazendas próximas ao acampamento, a participação em programas sociais dos Governos Federal e Municipal é de onde, muitas vezes, provém o sustento das famílias.

A comunidade conta ainda com as cestas básicas distribuídas pelo Governo Federal. Mas a garantia de ser atendido por estes programas foi também fruto de luta. Por ser ainda um acampamento, os moradores do Dois de Julho sentem de forma mais enfática certas dificuldades que fazem parte do processo de luta: por exemplo, não podem contar ainda com créditos do governo (para produção, moradia, projetos específicos para criação de animais etc.) o que dificulta a produção.

Alguns acampados e acampadas possuem pequenas criações (galinhas, cabras, porcos) e outros poucos possuem alguns animais de grande porte (gado bovino e cavalos), sendo que estes ficam no curral que fazia parte da fazenda. Ainda que a **produção** não seja numa escala que permita ser a lavoura a principal fonte de renda das famílias, isto não quer dizer que não exista nenhuma produção:

Cheguei no acampamento por volta das 17h. Dessa vez inventei de entrar pela porteira de baixo. [...] Lá no centro uma cena bonita de se ver: havia feijão espalhado para todos os lados, formando praticamente um tapete. A gente tinha que ir pisando com o maior cuidado para não pisar no feijão que estava secando. (DIÁRIO DE CAMPO, Relatos de 17 de julho de 2003)

Algo interessante de se ressaltar é a **origem das famílias que ali moram. São todas de origem urbana**, uma base social que há muito tempo estava afastada do trabalho no campo. Algumas famílias, inclusive, nunca chegaram a morar na zona rural. Mas, ao que parece, todos se dão bem com a terra, pois não existe família que não tenha a sua própria roça, embora isto não tenha significado emprego e renda.

Há algumas casas de tijolo ou adobe na fazenda. **A maioria das moradias é feita de lona e bambu** e não conta com água encanada e rede de esgotos. A água utilizada para a alimentação é fornecida pela prefeitura de Betim, que envia o carro pipa uma vez por semana, e o problema do esgoto é resolvido com fossas sépticas. É interessante que este tipo

de moradia esteja sempre em conflito com a temperatura e o clima. Em dias quentes, torna-se praticamente insuportável ficar dentro de uma barraca, pois o sol na lona preta esquenta bastante o ambiente. Já os dias e noites frias exigem das pessoas uma grande quantidade de agasalhos. Senti na pele este conflito com a temperatura:

[...]A lona meio rasgada do lado da parede piorou o frio à noite. Nem os quatro cobertores (um edredon, um lençol e dois de lã) que eu usava resolveram. Só melhorou um pouco quando o gato da casa que, acho, tinha costume de dormir naquela cama, subiu e se ajeitou em cima do meu pé. Mesmo assim o sono era muito instável, e volta e meia eu acordava. Procurava evitar mudar de posição na cama para não sentir o lado frio do colchão (DIÁRIO DE CAMPO, Relatos de 25 de maio de 2003)

Fui para a casa da Luiza, pois ela havia me convidado para almoçar. Mas a cólica, que tinha começado um pouco mais cedo, já me consumia. Quando cheguei na casa da Luiza não consegui nem almoçar. Ela fez um chá para mim. Depois do chá, deitei-me de bruços no sofá e tentei cochilar, mas o sol quente somado àquela lona preta tornava isso impossível. Tive que agüentar ao mesmo tempo a cólica e aquele calor insuportável. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 21 de setembro de 2003)

O acampamento segue a orientação do MST na sua **organização interna**. Na época em que a pesquisa começou, funcionavam no local quatro núcleos de famílias, agregando entre dez e doze famílias cada um¹⁸. Funcionavam também coletivos¹⁹ de limpeza, saúde, alimentação, segurança, além do setor de educação. Havia também uma Coordenação Geral, composta por dois membros (sempre um homem e uma mulher) de cada núcleo de base.

A **religiosidade** é outro aspecto que se manifestou. Entre os muitos visitantes falados anteriormente estão os representantes de uma igreja evangélica, que vão ao acampamento algumas vezes por semana, e duas irmãs ligadas à Comissão Pastoral da Terra,

¹⁸ Ao longo do seu tempo de existência o MST desenvolveu uma metodologia organizacional nos acampamentos e assentamentos, visando a maior organicidade da base social, potencialização da produção e dinâmica da ação política. Neste sentido os **núcleos de base** possuem um papel importantíssimo: horizontalizar as decisões políticas, criando assim uma cultura de participação, e dividir as responsabilidades entre todos que moram no acampamento/assentamento. Sua constituição varia de acampamento para acampamento. Normalmente reúnem grupos de dez famílias. É função do núcleo debater sobre os aspectos políticos e organizativos do assentamento do acampamento/assentamento e do Movimento; dividir tarefas entre seus membros constituintes; e promover a participação dos membros. (Dados fornecidos pela Secretaria do MST em Minas Gerais).

¹⁹Os coletivos são equipes de trabalho compostas por pessoas de todos os núcleos de base, e tem por função executar ações práticas e cotidianas nos acampamentos/assentamentos. Existem coletivos de limpeza, segurança, trabalho, alimentação, embelezamento, saúde, cultura e outros. A sua constituição depende das necessidades práticas de cada acampamento/assentamento.

da Igreja Católica, que trabalham Catecismo com as crianças, todos os sábados. Também funciona dentro do acampamento um *Centro Espírita* de Umbanda, pertencente a uma família acampada. Esta diversidade religiosa é, por vezes, tensa:

Fui à casa da Dona Adelize para ver a sua neta de 11 anos, a Priscila. Tive que descer ao rio, pois ambas estavam lá: a Dona Adelize lavando roupas e a Priscila tomando banho para ir ao Catecismo [...] Depois que a Priscila saiu, continuei conversando com a Dona Adelize. Quando ela terminou de lavar as roupas, eu ajudei-a a levar as coisas para casa e continuamos conversando [...]. Ela disse que não gosta muito de ir à casa dos outros, pois as pessoas do acampamento “são muito bestas”, olham para a família dela “de lado”. Depois de “entrar” mais na conversa, ela revelou que, por ser “espírita”, as pessoas discriminam-na. Perguntei qual Centro Espírita que ela frequenta, ela disse que era lá mesmo, o Centro Espírita dela. Na verdade é um Centro de Umbanda [...] Falou ainda outras coisas: que não frequenta a casa dos outros moradores, mas que a casa dela está de portas abertas para quem quiser visitá-la; e também que alguns moradores do acampamento vão às sessões, mas não assumem isto perante o acampamento; já outros procuram Centros longe dali, só para não ficarem falados. (DIÁRIO DE CAMPO, Relatos de 03 de maio de 2003)

Dois locais, construídos pelos acampados e acampadas, tornaram-se espaços de referência na comunidade: **o galpão e o parquinho**. O primeiro é o lugar onde ocorrem as assembléias, reuniões, encontros, confraternizações, onde os evangélicos e os católicos (estes em menor frequência) realizam seus cultos. Por vezes serve de *sala de visita* para receber grupos que visitam o acampamento, por vezes serve de depósito para as cestas básicas quando chegam, até serem entregues aos beneficiários. É um lugar que praticamente todos os acampados e acampadas frequentam: seja para participar das assembléias e reuniões, para participar de celebrações religiosas, para receber os visitantes ou para pegar as cestas básicas, ou, no caso das crianças, para brincar.

Já o **parquinho** foi o espaço do acampamento onde aconteceu parte dos encontros com as crianças. Quando estive no acampamento pela primeira vez, em agosto de 2002, presenciei a sua construção. Na verdade, esta ação, desenvolvida pelo setor de educação, faz parte de uma campanha para o embelezamento dos assentamentos e acampamentos do MST. Existe até uma cartilha produzida pelo Setor Nacional de Educação que orienta a articulação e a construção de parquinhos em assentamentos e acampamentos.

Os brinquedos são feitos principalmente com pneus velhos, conseguidos por meio de doações. Lembro-me de que no dia da construção desse parquinho no acampamento, houve um mutirão em que muitos acampados e acampadas participaram, e parecia que se divertiam muito. Por ficar no centro do acampamento, o parquinho tornou-se, principalmente para as crianças, o principal ponto de encontro:

Lá pelas dez [da manhã] voltei a me encontrar com o Renato. Sugeri que a gente fosse gravar a entrevista na beira do rio, como tinha sido feito com as outras crianças. Mas ele preferiu que fosse no parquinho, pois perto do rio havia muitos mosquitos. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 17 de julho de 2003)

Esqueci de narrar anteriormente que, logo que cheguei ao acampamento, encontrei com a Cíntia, a RAILSa e a Rafaela brincando no parquinho. Logo que me viram, largaram o que estavam fazendo, correram na minha direção e me abraçaram com tanta força que quase caíamos as quatro. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 19 de outubro de 2003)

Este é o Dois de Julho, o campo desta pesquisa!

1.3 – Os Personagens

Quando decidi que os sujeitos desta pesquisa seriam crianças na faixa etária entre os 7 e 12 anos, dois motivos principais orientaram tal decisão: como um dos recursos metodológicos escolhido foi a entrevista, era necessário, portanto, contatar crianças que tivessem maior facilidade de se expressar verbalmente, e contassem com um número maior de vivências no acampamento e no Movimento. O segundo motivo foi justamente porque, para esta faixa etária - 7 a 12 anos - é que o Movimento Sem Terra realiza o chamado “Encontro de Sem Terrinha”, um evento de formação organizado para meninos e meninas que moram em acampamentos e assentamentos.

Ao chegar no acampamento, antes de aproximar-me propriamente das crianças, toda uma trajetória teve que ser percorrida. E este percurso foi revelando alguns pontos não previstos até o início da observação. O primeiro deles é que, tratando-se de crianças como sujeitos principais, há que se percorrer todo um trajeto anterior com o mundo dos adultos. Assim sendo, ao chegar no acampamento, já mantinha contato com algumas pessoas da

Direção Estadual, que ali moravam: Mary e Shuzky. Foram eles que me apresentaram aos responsáveis pelo Setor de Educação local, Vânia e Amarildo. Através deles, dirigi-me também aos pais e mães das crianças. Expliquei o porque de eu estar ali, de onde vinha, porque a pesquisa seria realizada com as crianças, o que seria feito com os resultados. Ao mesmo tempo em que pedia autorização (neste primeiro momento, verbalmente) para me aproximar das crianças:

Fomos à casa da Cíntia. Na entrada, a Cida, mãe dela, nos recebeu. Amarildo nos apresentou, e, depois de nos cumprimentarmos, eu expliquei a ela o que estava fazendo no acampamento. Perguntei se poderia fazer a pesquisa com a Cíntia. Parece-me que ela ficou meio nervosa e começou a responder coisas sobre o cotidiano da Cíntia (como, por exemplo, que ela vai a escola e ao PETI todos os dias, e que ela não trabalha, não) sem que eu perguntasse nada. Senti que talvez ela tivesse pensando que eu fosse uma fiscal do governo e que pudesse estar ali para fiscalizar as crianças. Mas eu voltei a explicar qual a minha real função ali dentro, e também falei que não estava ali nem para dar, nem para tirar nada deles. Que o meu interesse era saber das crianças o que elas acham de fazer parte de um movimento social. Então ela deu um largo sorriso, e disse que tudo bem. A Cíntia tem onze anos. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 27 de abril de 2003).

Após este percurso, foi o momento de aproximar-me dos sujeitos principais. Conforme deixei claro no início deste capítulo, um dos desafios seria assumir uma postura dialógica com as crianças. Assumi como princípio ser bastante sincera com todas. E fiz questão de, mesmo já tendo obtido o consentimento dos responsáveis e do Movimento para fazer a pesquisa, também lhes pedir a permissão. Contudo, algumas vezes o trajeto não foi realizado nesta ordem. De fato, os representantes do Movimento e a maioria dos pais foram procurados antes de eu entrar em contato com as crianças. No entanto, com algumas crianças, ocorreu o processo inverso, ou seja, depois que eu já havia estabelecido uma relação com elas é que as crianças levaram-me até seus pais:

Fui ao curral com a Priscila. Lá encontrei o David, a Jéssica, o Sasha e o Igor. [...] Depois que cumprimentei todos, o David, a Jéssica e o Sasha [que são irmãos] convidaram-me para entrar em casa e conhecer a Cassinha e a dona Helena: mãe e avó dos três respectivamente. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 18 de maio de 2003).

Aos poucos, os sujeitos principais da pesquisa foram aparecendo: Jéssica e

Anália (6)²⁰; Emerson, Andreza e Igor (7); Larissa e David(8); Paula(9); Cíntia(10); Priscila e Rafael (11) e Renato, (12)²¹ .

Explico porque até aqui estou usando o termo “sujeitos principais” para me referir às crianças entre 7 e 12 anos. Uma constatação que só o campo pôde trazer é que, num projeto de pesquisa em que se pretende utilizar como recurso metodológico a observação participante, muito do que foi planejado vai de encontro a realidade concreta. O campo de pesquisa tem as suas “artimanhas”, e uma situação pesquisada envolve uma série de outras situações não previstas. Uma das novidades que fui percebendo, e procurando interpretar, é que o recorte etário para a escolha dos sujeitos que estava “na minha cabeça” não existia no mundo das crianças: o critério etário não era limite para a criação das redes de sociabilidade infantil.

Pelas mãos dos sujeitos principais, outros sujeitos foram aparecendo: Laura (2)²² e Alisson(14), irmãos de Paula; Dauton (4), Daniel (2) e Ketlen(6), irmãos entre si e sobrinhos de Renato por parte de pai; Érica (15), Helenice (4) e Janaína (5) irmãs entre si, primas por parte de mãe de David e Jéssica e, por parte de pai, de Priscila e Igor; Sasha (4), irmão de David e Jéssica; Hércules (7), primo de David e Jéssica por parte de mãe; Willian (3) e Ketlen (5), irmãos entre si e primos por parte de mãe de Priscila e Igor; Ivan (15) e Gisele (14), irmãos de Igor e Priscila; e João Caetano (4 meses), a criança mais nova do acampamento logo que a pesquisa começou.

Rafaela (13) e Railsa (10), estudavam na cidade – em Contagem e em Betim, respectivamente – mas as famílias de ambas moram no acampamento e em todos os finais de semana elas estavam lá. Pelo laço de amizade que mantinham com Cíntia, sempre apareciam

²⁰ A idade destes sujeitos foram informadas a mim no mês em que a pesquisa foi iniciada. Por este motivo em outras partes deste texto serão encontrados trechos em que as crianças apareçam um ano mais velhas.

²¹ Dessas crianças três foram escolhidas como interlocutores principais: Cíntia, Emerson e Paulo. Mas isto será mais detalhado no segundo e terceiro capítulos.

²² IDEM.

nos relatos. O mesmo aconteceu com Joceir (16), por ser grande amigo de Rafael e Renato. Por fim, nas últimas semanas desta pesquisa, mais crianças chegaram ao Dois de Julho: Amanda (8), Cássia (6) e Ítalo (7), cujas famílias vieram transferidas de outros acampamentos, e Hebert, irmão do Rafael, nascido no mês de setembro. Também encontrei no Dois de Julho crianças que apareciam esporadicamente para visitar parentes ou pessoas amigas que moram no acampamento.

Assim, observando pelo lado da cultura infantil, *os coadjuvantes* (crianças mais novas, adolescentes e, às vezes, até alguns adultos) estavam sempre presentes nas brincadeiras, no faz-de-conta, nas relações entre pares – seja por relação de parentesco (primos, primas, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, tio) ou de amizade. Algumas vezes timidamente, outras vezes como um bom informante, davam pistas bem interessantes sobre os questionamentos que eu vinha fazendo, e iam aparecendo como produto e produtores daquele universo cultural.

Mas esta “teia” de relações, bem como outras cenas que pudessem levar a aprender mais sobre a vivência da infância num acampamento Sem Terra, foram sendo buscadas à partir da convivência com as crianças escolhidas como sujeitos principais desta pesquisa.

1.4 – Algumas Cenas da Vida Real

Durante os meses em que convivi com a comunidade do Dois de Julho, em particular com as crianças, procurei pistas que me levassem a compreender os seguintes pontos: quais laços de pertencimento ao Movimento Sem Terra eram criados pelas crianças? Como é a vivência da infância num movimento social de luta pela terra? O que estes meninos e meninas esperam do MST e o que aprendem ao vivenciarem o cotidiano do Assentamento e do Movimento?

A opção era aprender sobre os pontos já citados através do diálogo com as crianças. Como salienta Brandão *não é recomendável envolver-se com o “outro” para conhecê-lo, mas este envolvimento é a própria condição do conhecimento* (1985, p.126). O trabalho de campo foi mostrando que seria necessário não somente envolver-me na cultura do acampamento, como também na cultura infantil das crianças.

Algo que acabou tornando-se uma maneira de aproximação, uma forma de estabelecer o diálogo com as crianças, um importante recurso metodológico e, em certa medida, um (re)aprendizado pessoal, foi a imersão na cultura infantil por meio da brincadeira. Um recurso que se mostrou bastante eficiente para chegar até os sujeitos, começar a interagir, tomar contato com o seu universo cultural:

Passei por perto da casa da Anália e da Andreza, que são as filhas do Dativo (um dos coordenadores do acampamento). Parece-me que uma tem seis anos e a outra, oito. Falei com elas que eu iria ficar no acampamento por uns três meses pesquisando as crianças dali, e perguntei se depois eu poderia aparecer para brincar com elas. Uma estranhou: “Brincar?”. E a outra completou: “Mas você é muito grande pra brincar!”. E eu respondi que, mesmo “grande”, eu gostava muito de brincar e perguntei se poderia brincar com ela qualquer dia. Elas deram uma risadinha e depois disseram quase que juntas: “Ué, pode!”.(DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 03 de maio de 2003)

Depois de terminar a conversa com Seu Zé e Dona Adelize, Priscila e Ketlen chamaram-me para ir ver o “palco” que tinham montado para brincar de “Show de Calouros”. Eram seis caixas de madeiras que elas colocaram enfileiradas para formar o palco. O microfone era um pedaço de cabo de vassoura. Elas me convidaram então para ser do “corpo de jurados”. Topei participar da brincadeira. (DIÁRIO DE CAMPO , relatos de 21 de setembro de 2003)

Quando saí da casa do David, passei pelo centro do acampamento. O que movimentava as crianças e alguns adultos naquele fim de tarde era a brincadeira de esconde-esconde. De cara fui logo convidada para tomar parte da brincadeira, e ouvi gritos: “então agora é ela quem vai procurar”. (DIÁRIO DE CAMPO , relatos de 21 de novembro de 2003).

Nas conversas informais, acontecidas principalmente enquanto brincávamos, alguns elementos iam aparecendo como importantes na vida daquelas crianças, não só do ponto de vista da construção de uma cultura infantil, mas, principalmente, do ponto de vista da construção da identidade de Sem Terra. Dada a quantidade de episódios narrados pelas crianças ou presenciados por mim, vou me ater àqueles que apresentam aspecto que, ao meu ver, melhor tratam a condição de criança Sem Terra: a rotina das crianças, a dinâmica de um

acampamento do MST e sua dimensão educativa, e as memórias relativas à vivência no acampamento.

1.4.1 – Uma rotina para as crianças no Dois de Julho

Como já foi dito anteriormente, algo bastante recorrente foram as brincadeiras. Por se tratar de crianças, era natural que o lúdico fizesse parte do seu dia-a-dia. Mas, nas entrevistas, uma novidade foi aparecendo. Todos os sujeitos principais vieram da periferia das cidades da Grande Belo Horizonte, e uma das diferenças sentidas pelas crianças entre morar na cidade e morar no acampamento estava no ganho de um amplo espaço para brincar, e para caminhar livremente:

Onde é que eu morava não tinha rio, não tinha mato que nem aqui, não tinha plantação. Lá perto de casa era pouca coisa para a gente brincar, a gente não podia sair para a rua, a gente não podia fazer nada. Tinha que ficar só dentro de casa, preso. (Priscila)

... Lá [na cidade] não tinha jeito de eu buscar vaca no pasto, não tinha jeito de correr nas branquiara, e não tinha jeito de eu cair na branquiara e encher de carrapato [risos]. E lá também não tinha jeito de a gente plantar milho, feijão, arroz, tudo o que tem plantado aqui. Tudo o que planta aqui, lá não dá para plantar porque lá é cimento, aqui é terra. (David)

Outro elemento que faz parte da rotina destas crianças são os afazeres domésticos ou as atividades na roça. Mas isto, segundo pude observar e captar nas conversas informais, tem um caráter formativo, preparativo, além de ser uma forma de começar a assumir responsabilidades. As falas e atitudes das crianças sugeriam que isto era também um importante aprendizado:

Fiz uma visita ao Renato, ele tem doze anos [...]. Disse que a sua rotina era ir para a escola pela manhã em Vianópolis, volta ao meio dia para casa, almoça e as duas da tarde vai para o PETI, onde faz escolinha de futebol. Retorna para casa as cinco da tarde e cuida das obrigações: molhar a horta, varrer o quintal, dar comida e água para as criações. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 02 de Maio de 2003).

Logo de manhã quando acordei fui colocar as coisas na casa da Juliana [mãe da Paula.], pois eu iria ficar por lá dessa vez. Estava com pressa, queria ir logo para a casa do Emerson, mas a Juliana pediu para eu esperar que ela fizesse o café. Voltou-se para dentro e falou para a Paula ir cuidar da obrigação dela. Então a menina tirou as panelas do fogão de barro, primeiro passou um pano em cima do fogão para tirar a poeira e as cinzas, depois pegou um balde com barro que se encontrava embaixo da mesa, e com um pano começou a retocar o

fogão. Quando terminou, Juliana veio acender o fogo e fazer o café. (DIÁRIO DE CAMPO, relato de 24 de maio de 2003)

A mãe do Emerson foi falando que ele é filho único e que dificilmente aparecem crianças por lá para brincar com ele. Falou também que é ele quem cuida dos bichos: dá água, comida e limpa o lugar das galinhas, da porca, dos cabritos, dos cachorros. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 18 de maio de 2003).

Embora óbvio, um elemento da rotina destas crianças, o qual só fui perceber durante a realização do trabalho de campo, foi a escola: todas são estudantes, pois, afinal, a faixa etária escolhida é a mesma que o Estado brasileiro define como obrigatória para freqüentar o ensino fundamental. Isto não foi pensado por mim no momento de construir o projeto de pesquisa, talvez porque, além do acampamento não contar com escola própria, tamanha era a minha ansiedade por conhecer o espaço não-escolar que não me atentei à centralidade da escola na vida daquelas crianças.

Trata-se de uma rotina externa ao acampamento. Como já foi dito anteriormente, a escola em que as crianças estudam (Barão do Rio Branco) fica em Vianópolis, um bairro próximo do Dois de Julho. Nas conversas, a escola aparecia não só nos relatos, em que apresentavam a sua condição de estudantes, mas também naqueles que falavam da escola como um lugar da afirmação da identidade de Sem Terra (temática que será tratada com maior profundidade nos próximos capítulos).

Outra atividade realizada também em espaço externo ao acampamento, e que faz parte da rotina de seis dessas crianças, é a participação nas atividades do PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – realizadas na Regional Vianópolis da Secretaria Municipal de Assistência Social/SEMAS – em Betim. Além da oportunidade de mais um espaço de socialização, o PETI é também uma fonte de renda para as famílias Sem Terra. Embora não tivesse previsto no projeto de pesquisa, resolvi dedicar uma semana para observar a Escola Municipal Barão do Rio Branco, onde as crianças estudam, e a Regional SEMAS/Vianópolis, onde ocorrem as atividades do PETI.

1.4.2– Aspectos da dinâmica de um acampamento do MST e sua dimensão educativa

Lembrando que os sujeitos são crianças moradoras de um acampamento Sem Terra, procurei cenas que mostrassem a relação das crianças com práticas sócio-político-culturais muito próprias deste movimento. Neste sentido, aquela que talvez tenha mais “a cara do MST” seja a assembléia. Falo isso porque se trata de algo que é absolutamente novo para aquelas crianças, vindas da cidade, onde assembléia “não é lugar para criança”. Ao mesmo tempo, esta é uma prática bastante comum nas áreas do MST. É também quando mais se tem contato com os símbolos do Movimento: o hino, a bandeira, as músicas, e, como se fala entre a militância, o homem e a mulher Sem Terra, o mais importante dos símbolos do MST:

A assembléia começou por volta das 18h30min. Antes de apresentar os pontos de pauta todos ficaram “em posição de trabalhadores” [de pé e com as mãos em punho], como se costuma dizer entre a militância do MST, e cantaram o Hino do Movimento. As crianças maiores cantavam o hino também, enquanto que as pequenas ficavam correndo pelo galpão, ou então permaneciam no colo das mães. [...] Na mesa estavam estendidas a bandeira do Brasil e do Movimento. O Dativo foi quem coordenou aquela assembléia. Começou falando o que tem sido os quatro anos de caminhada do Dois de Julho, e principalmente os problemas que se acumularam durante este tempo [...]. A assembléia foi um pouco longa [...], as crianças pequenas começavam a dormir no colo das mães, mas as crianças maiores continuavam atentas. (DIÁRIO DE CAMPO, Relatos de 09 de setembro de 2003).

Observei a participação das crianças em algumas assembléias. Se para as crianças pequenas o momento de assembléia parecia ser uma oportunidade a mais para sair de casa, para as crianças mais velhas dava sinais de ser um importante espaço formativo da identidade de Sem Terra. Olhares atentos às discussões, correta “posição de trabalhadores” ao entoar o hino do Movimento, comentários anteriores sobre os assuntos da pauta da assembléia, desejo de ter o seu voto “contado”, eram coisas fáceis de se observar.

Algo que também aparecia na fala das crianças e revela mais um aspecto da dinâmica de um movimento social diz respeito à convivência social. As divergências internas e contradições geradas pelo processo da luta, que algumas vezes evoluem para brigas e até

expulsões, são, no geral, vistas pelas crianças como pontos negativos. Entre os muitos depoimentos gravados e as conversas informais, há uma narrativa que sugere um pouco de um outro aspecto: a relação afetiva-pessoal da criança com o mundo adulto mostra-se maior que as divergências dos adultos:

Priscila e Igor fizeram questão que eu fosse almoçar na casa deles. O Igor continuava contando suas estórias mirabolantes. Eu notava que um personagem, o Genésio, aparecia constantemente em suas narrativas: me mostrou o fogão de barro antigo, que hoje serve como assento, e disse que foi o Genésio que fez; contou que o Genésio o levava para passear; que o Genésio isso, que o Genésio aquilo. Ele falava tanto no Genésio que eu cheguei a perguntar se o Genésio era o tio que ele mais gostava. A Jussara, tia dele que estava por perto, disse que Genésio não era tio dele, não, que não era nem da família. [...] Depois do almoço falaram para eu esperar o café. Enquanto isso chegou o tio dele, o Zé Porfírio Filho. Após nos apresentar, a Jussara falou para ele que o Igor falava tanto no Genésio que eu pensei que ele fosse da família. Aí ele me disse que o Genésio era um acampado que teve problemas com o MST e foi expulso dali. Aí fiquei admirada com o fato de a lembrança do Igor em relação ao Genésio ser exatamente pelas coisas “legais” que faziam juntos e não pelos problemas que levaram à sua expulsão. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 17 de maio de 2003)

Um outro aspecto muito presente na vida daquelas crianças, e que nos leva a pensar sobre a dinâmica de um movimento social, é a participação em mobilizações. Muitas daquelas crianças já haviam participado de marchas, protestos e encontros. Outras tinham participado do Encontro Estadual de Sem Terrinha, que aconteceu em 2001, no Instituto Helena Antipoff, na cidade de Ibirité. Diziam ter sido esta uma oportunidade de tomar contato com alguns temas discutidos pelo Movimento, tais como Reforma Agrária e transgênicos, além de fazer mística, participar de oficinas e encontrar com crianças de outros acampamentos. A menina Railsa, em entrevista, revelou uma outra dimensão formativa deste encontro:

Viajar sozinha, assim, sem a minha mãe, eu já tinha viajado. Mas assim para ficar num lugar onde só tinha criança foi a primeira vez. (Railsa)

Nas mobilizações e encontros massivos, a participação das crianças se dava principalmente porque os pais não tinham com quem deixar os filhos. Entretanto, esta participação foi constituído-se num processo formativo fantástico. Embora tenha sido algo não muito falado pelos sujeitos – talvez porque tivessem sido poucos os encontros e

mobilizações massivas que aconteceram enquanto eu estive em campo – parecia ser esta a forma pela qual as crianças iam percebendo o alcance do Movimento Sem Terra como um movimento que estava em todo estado de Minas Gerais e que era muito maior que o Acampamento Dois de Julho.

1.4.3 – Memórias sobre quatro anos de Dois de Julho

Neste tópico, quero me ater a três fatos bastante contados, não só pelas crianças, mas, com menor ou maior frequência, por todos do acampamento, exatamente por ser algo que parece fazer parte da memória coletiva local. Mas, novamente, foi a partir dos elementos surgidos nas falas das crianças que passei a tratar desses assuntos. Quando a pergunta às crianças era referente às lembranças que tinham do Dois de Julho, três [lembranças] eram mais frequentes, sendo as que mais apareceram: o aniversário do acampamento; a apreensão de todos quando uma criança foi picada por uma cobra cascavel e o despejo.

A comemoração do aniversário de um acampamento/assentamento é uma das formas do Movimento Sem Terra trabalhar a construção de uma identidade de luta entre os membros da sua base. O Dois de Julho, inclusive, tem este nome porque foi neste dia, no ano de 1999, que a fazenda foi ocupada. Tive a oportunidade de presenciar (e participar) da festa em 2003 (que neste ano teve que ser realizada no dia 5 de julho, para que a comemoração acontecesse num sábado):

Antes das 10h [da manhã] fui para o centro do acampamento fazer “observação de campo”, mas foi impossível ficar só observando, tamanha era a quantidade de coisas para serem feitas. Todos estavam envolvidos com algum trabalho, inclusive as crianças, eram as responsáveis por colar as bandeirinhas no barbante. Foi isto que escolhi para ajudar [...]. A diversão juntava-se à vontade de terminar logo. Até os pequenininhos estavam ajudando. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 05 de julho de 2003).

Lá pelas 20h30min, a coordenação começa a chamar todos para o Centro do acampamento para iniciar logo a programação. Diferente do que normalmente acontece, um grupo de teatro que se ofereceu para apresentar iria abrir a noite, antes da mística, porque teriam que voltar para BH naquela noite ainda [...]. Muitas pessoas de outros acampamentos e alguns

“amigos” do MST estavam lá [...]. Quando terminaram a apresentação, foi a vez de ser apresentada a mística. Praticamente todas as crianças participaram. A mística falou dos quatro anos de luta do Dois de Julho como um processo bastante sofrido e difícil, mas também muito gratificante, e que o sonho de ter a terra será realizado [...]. Por volta da meia noite, foi iniciada a quadrilha. Mesmo quem não tinha ensaiado participou. Nem o frio diminuiu a alegria daquela noite.[...] quando fui para casa dormir já passava das duas horas da madrugada, mas ainda tinha muita gente que dançava sem parar. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 05 de julho de 2003).

A construção desta festa mobilizou toda a comunidade do acampamento durante, pelo menos, um mês antes da data: o ensaio da quadrilha, o planejamento da programação da festa, os convites, a construção e o ensaio da mística, são algumas das tarefas que são divididas entre os acampados e acampadas, crianças, jovens e adultos. O bom cumprimento destas tarefas é a garantia da “boniteza” da festa.

Um acontecimento parece ter marcado também a memória das crianças: foi quando uma cobra cascavel picou o irmão da Paula, o Alisson, em 2001. Caminhando na mata com outras crianças o garoto foi atacado pela cobra, e ficou em estado de coma por dez dias. Nas entrevistas, quase todas as crianças citaram estes acontecimentos como más lembranças que tinham do acampamento. Outro fato, ocorrido enquanto eu andava pelo acampamento, mostrava como as crianças ainda se lembravam disto:

Depois que a Paulinha chegou com a Laurinha [...] tive a idéia de ir ao Rio buscar mais barro para modelagem. Fomos eu, a Cíntia, a Raulsa, a Rafaela, a Larissa, a Paulinha e Laurinha. [...] quando já estávamos voltando, encontramos o Tim [morador do acampamento] que levava bem amarrada num cinto uma cobra cascavel enorme. Todas as crianças corriam atrás procurando ver mais de perto, mas mantendo uma certa distância, pois a cobra estava viva. Todas se admiravam com o tamanho da cobra e faziam comentários sobre o réptil que há mais ou menos um ano atrás tinha picado o Alisson (irmão da Paula). Diziam que ele tinha ficado muito mal, em coma por dez dias. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 04 de maio de 2003).

Embora pouco citado pelas crianças, o despejo também parece ter sido algo marcante em suas vidas. Não chegavam a falar espontaneamente sobre este assunto, apenas comentavam algo quando eu pedia que fosse relatado como tudo aconteceu, ou do que se lembravam em relação a isto. A maioria das crianças quando falavam do despejo, se reportavam basicamente aos mesmos aspectos que os adultos apresentavam: a presença da

polícia; a ameaça de derrubada dos barracos; as famílias que não quiseram resistir e foram embora; o medo de depois de três anos terem que ir embora. Da mesma forma, consideram uma vitória de todos que ali permaneceram o fato de a expulsão não ter se concretizado. “Vitória” que é vivenciada reforçando a esperança de que, um dia, serão assentados naquela terra.

1.5 – Alguns elementos para se pensar a construção da experiência infantil dentro do MST

Afinal, que construto sociocultural é esta infância vivida num movimento social? A partir do que foi apresentado, penso que algumas reflexões não podem deixar de ser levadas em consideração, ao se pensar a construção da experiência infantil dentro de um espaço-tempo do Movimento Sem Terra, como é o caso do Acampamento Dois de Julho.

Não se pode esquecer a vivência da condição infantil como parte integrante do processo sociocultural mais amplo, que é a formação humana. Souza (2001), fala da necessidade de superarmos a visão etapista do desenvolvimento humano e de redefinirmos a temporalidade humana na direção de um *tempo total, unitário, e simultâneo, passado, presente e futuro, fundidos em instante de plenitude*; concebidos de forma complementar e não da *forma estanque como a racionalidade capitalista* aponta. Junto a isto, resgatar no ser humano contemporâneo o seu caráter de sujeito histórico, social e cultural, *que se coloca como autor das transformações sociais* (SOUZA, 2001, p.47) também nos parece fundamental.

Olhar o MST como *sujeito coletivo* também parece central para compreender qual infância está sendo construída nos acampamentos e assentamentos Sem Terra. Por *sujeito coletivo* estou utilizando o mesmo conceito de Sader (1988), quando reflete a respeito do comportamento das classes populares na vida política brasileira entre os anos 70 e 80. As

várias lutas (por salário, moradia, emprego, contra a carestia, pela redemocratização, pela terra, entre outras) insurgentes naquela época, seriam manifestações de comportamentos coletivos de contestação da ordem vigente, que constituíram identidades coletivas, de caráter classista, pautadas na autonomia das organizações em relação ao Estado, anunciando um novo tipo de expressão dos trabalhadores. Compartilho da idéia de que o MST reúne em si estas características no seu “comportamento coletivo”.

Perceber no MST a possibilidade de se viver a infância deve ser mais que notar a presença física das crianças nos espaços (re)criados a partir da ação do Movimento. É compreender que a dinâmica da luta é parte integrante da experiência infantil de cada uma daquelas crianças que vivem o dia-a-dia do Dois de Julho, e também entendê-las como sujeitos ativos da história deste acampamento e do MST.

CAPÍTULO II

Crescendo no MST

Eu acho que o MST é uma experiência muito boa para as pessoas, porque tem muita gente na rua e embaixo das pontes. Eu já vi uns acampamentos que tinham pessoas que vieram [de] debaixo da ponte e das ruas. Aqui no acampamento tinha um homem que vivia na rua. Lá em Vianópolis tem um mendigo que já veio aqui no acampamento pedir comida e água para comer e beber. Ah! Mas vamos mudar de assunto. Eu nunca tinha ouvido falar do MST, até que um dia teve uma reunião para vir para esta terra. Teve várias reuniões, até que um dia de madrugada chegou o dia para vir para o acampamento, e depois de vinte dias eu vim morar aqui. É por isso que eu estou escrevendo estas coisas e é isso o que eu acho do MST. (Cíntia, 11 anos, moradora do Acampamento Dois de Julho).²³

O texto da Cíntia apresenta-nos algumas referências que vêm sendo construídas pelas crianças Sem Terra sobre o Movimento: uma esperança para aqueles que estão nas ruas ou morando debaixo das pontes; que dá o que *comer e beber*. Expressando-se nas brincadeiras, nas conversas, e até em certos silêncios, os meninos e meninas do Dois de Julho foram oferecendo pistas sobre o que tem sido crescer no MST, ao mesmo tempo em que iam mostrando a infância como um tempo presente e o movimento social como espaço-tempo de sua construção social.

São muitas as faces assumidas pela infância na contemporaneidade, tamanha é a variedade de situações que são específicas da nossa época (CASTRO, 1999a). A centralidade do caráter sociocultural da infância, na análise sociológica da categoria infância, parece ser algo “bem resolvido” nos trabalhos mais atuais. O lugar da criança na contemporaneidade também não é mais o mesmo. Uma *segunda modernidade* (SARMENTO, 2002, p.14) nos traz fatores novos. Olhando para a sociedade e para as crianças contemporâneas, é notório que os discursos, práticas e instituições que, historicamente, se construíram sobre e para a infância parecem já não mais dar conta da sua totalidade e das suas singularidades. São as crianças as principais vítimas da voracidade capitalista, notadamente no que diz respeito aos resultados da globalização social, da crise educacional e das mutações do

²³ Texto produzido para esta pesquisa.

mundo do trabalho (SARMENTO, IDEM, p. 16).

Sem maiores esforços, podemos perceber o quanto a infância nos tempos atuais tem assumido, cada vez mais, um caráter paradoxal: quanto mais consideradas, menor tem sido o seu peso no conjunto da população; quanto mais documentos de organismos internacionais são criados para proteger principalmente a infância pauperizada, é este grupo etário o mais sujeito a situações de precariedade; às crianças *é atribuído o futuro do mundo num presente de opressão* (SARMENTO, 1997, P. 11).

Olhando para o Movimento Sem Terra também como o lugar de vivência/produção da infância, percebe-se que muitas são as situações em que a sua condição de movimento social abrange, e que devem ser consideradas: os vários espaços-tempo sócio-educativos criados pela dinâmica da luta do Movimento, tais como acampamentos permanentes e de luta, assentamentos, marchas, a escola (dentro ou fora das áreas coordenadas pelo MST), as cirandas infantis, os encontros. Além disso, é necessário que levemos em conta a realidade de cada região geográfica ou cada estado onde a organização está presente; a origem rural ou urbana da base social que constitui os acampamentos ou assentamentos; e outras variáveis como gênero, origem étnico-racial e/ou faixa etária que engloba o período da infância.

Mas como a criança vem aparecendo nos discursos que o Movimento faz sobre si e quais as ações que vêm realizando, que tenham como foco seus meninos e meninas? Qual o lugar das crianças no processo da luta do MST?

2.1 – De crianças Sem Terra à Sem Terrinha

Reconhecer que o *MST é uma experiência muito boa para as pessoas* nos remete a pensar que só uma *vivência totalizante* (ARROYO, 2001, p.7), como são os

movimentos sociais, pode produzir afirmações como estas desde a infância. De uma certa forma não deixa de ser isto mesmo: a convivência com os meninos e meninas do Dois de Julho evidenciou ser uma experiência muito positiva. Mas algo fundamental parece ser ressaltado: a intencionalidade político-pedagógica com que o movimento trabalha a formação dos seus sujeitos²⁴. De testemunhas da luta a sujeitos que passam a exigir seus direitos (CALDART, 2000a): assim se tem falado de uma possível trajetória da emergência de identidade de infância dentro do Movimento Sem Terra.

Um nome aos poucos vai tomando lugar nas falas de dirigentes e nos materiais produzidos pelo MST, quando se referem às crianças: *Sem Terrinha*. Segundo o próprio Movimento, foi durante o primeiro Encontro Estadual de Crianças Sem Terra em São Paulo, em 1997, que meninas e meninos participantes começaram a se chamar assim, e aos poucos este nome foi se espalhando por todo país (RAMOS, Apud CALDART, 2000a, p. 192). Porém, as preocupações do Movimento com a criança é algo que vem desde sua origem, e tem ligação direta com as ações do setor de educação. Assim, espaços (re)criados, ações e lutas por direitos legais das crianças (e com as crianças) fazem parte da rotina do Movimento. Quatro espaço-tempo educativos vem se constituindo à partir da atuação do setor de educação: **a escola, a Ciranda Infantil, os Concursos Nacionais e as mobilizações infantis**

A luta por escola é citada como a primeira preocupação do Movimento para com as suas crianças (MST 1998, 1999, 1999a, 2000, 2000a e 2001b). Desde os primeiros acampamentos nos anos 80 a percepção de que *as crianças são uma presença que não é possível ignorar* (CALDART, 1997, p. 31) trouxe a necessidade de se pensar a educação formal.

Hoje, faz parte da dinâmica do Movimento a luta pela garantia do direito à

²⁴ Em Pedagogia do Movimento Sem Terra, Roseli Caldart reflete a respeito do processo histórico da formação do MST e como este processo apontou para a necessidade de pensar em uma pedagogia própria que tivesse como matriz fundadora o próprio Movimento.

educação – não somente para as crianças, mas também a educação de jovens e adultos – em todos os seus níveis; pelo acesso e permanência na escola pública e pela construção desta escola dentro das próprias matrizes pedagógicas que são as do movimento social do campo. Talvez por isso, mesmo sendo a educação básica garantida constitucionalmente, Caldart fala em *ocupar a escola* (2000a, P. 137), como uma das vivências socioculturais dos sem-terra do MST, Ou seja, perceber a importância de cuidar, também, da própria pedagogia:

Estou tratando aqui do sentido educativo da ação de se ocupar a escola e, então, passar a integrá-la na dinâmica do Movimento e no cotidiano das famílias sem-terra (IDEM).

A Ciranda Infantil é um outro espaço-tempo criado para a educação infantil.

O Movimento tem procurado trabalhar tanto as Cirandas que funcionam nos acampamentos e assentamentos, quanto as itinerantes (que acompanham os encontros e cursos realizados pelo vários setores²⁵ do movimento em todo o Brasil) como um direito das crianças garantido em Lei, e que, portanto, deve ser viabilizado pelos poderes públicos.

Os Concursos Nacionais têm sido mais um momento educativo. Vêm acontecendo desde 1998 com o objetivo de realizar atividades que articulem o conjunto dos assentamentos e acampamentos do MST (MST, 1999b, p.38). Com temas pré-determinados²⁶, estes concursos têm servido como uma forma de se incentivar os estudantes²⁷ de

²⁵ O MST é composto pelos setores de frente de massas, saúde, formação, educação, comunicação, gênero e produção, que se organizam em nível regional, estadual e nacional, além de funcionar também em muitos acampamentos e assentamentos. Embora trabalhem de forma complementar cada um destes setores possuem a sua demanda específica.

²⁶ Foram temas trabalhados: em 1998 “Desenhando o Brasil”; em 1999, por ocasião dos 15 anos do Movimento, “Feliz Aniversário MST!”; em 2000, comemoração do quinto centenário da chegada da colonização portuguesa no nosso país, “Brasil quantos anos você tem?”; e em 2002 “Terra e vida”, seguindo o compromisso com a terra e com a vida, reafirmado no IV Congresso, realizado em Brasília em 2000. Os trabalhos selecionados nestas quatro edições foram publicados pelo Movimento. Segundo informações do MST/MG o tema que será trabalhado este ano na 5ª Edição deste concurso e no Encontro de Sem Terrinha será “Sementes Patrimônio da Humanidade”.

²⁷ Os Concursos Nacionais são destinados a todos os estudantes moradores de áreas do MST, e não somente às crianças.

assentamentos e acampamentos a pesquisar, a procurar saber mais sobre assuntos do país e sobre a luta pela terra que têm o seu lugar nas discussões dentro do Movimento.

Também foram criados espaços não escolares que se destinam à formação/participação das crianças, como as mobilizações infantis. **O Encontro de Sem Terrinha** talvez seja a mobilização que tenha maior destaque. Também de responsabilidade do setor de educação, tem sido realizados anual ou bianualmente na semana do 12 de outubro, em nível regional ou estadual, e direcionados a crianças de 7 a 13 anos. Incluem atividades lúdicas, teatro, músicas, palestras e místicas²⁸.

Um olhar mais atento em relação ao cuidado do MST com a formação de seus sujeitos desde a infância nos dá uma idéia de como esta preocupação educativa de se trabalhar com as potencialidades de todos, em qualquer tempo da vida, aparece concomitante à preocupação de se garantir a sua própria sobrevivência como movimento.

Sugere-nos, ainda, se olhadas também outras práticas/espaços educativos dirigidos a não-adultos, bem como os direitos garantidos constitucionalmente, um foco na questão geracional na manifestação de uma intencionalidade político-pedagógica do MST: 0 a 6 anos, idade para freqüentar a Ciranda Infantil; 7 a 12 anos, idade para ser delegado(a) no Encontro de Sem Terrinha; 13 a 17 anos, idade para ser delegado no Encontro de Adolescentes Sem Terra; 18 anos, idade mínima exigida por lei para ser assentado, ou seja receber o título de emissão de posse da terra; em qualquer tempo da vida, a garantia do direito de freqüentar a escola.

Estas práticas/espaços, tratadas aqui de forma bem panorâmica, refletem um pouco da relação do MST com as suas crianças. Constituídas a partir de uma forte

²⁸Neste sentido que está apresentada no texto, mística é uma apresentação artístico-cultural, feita ao início das atividades formais do MST. Nestas apresentações são utilizados símbolos do Movimento que, para seus indivíduos, representa a memória e a utopia das lutas dos trabalhadores no Brasil e no mundo; uma espécie de memória da cultura de resistência dos oprimidos: “... é o oxigênio da cultura, que mantém viva a esperança de fazer acontecer o esperado de forma inesperada. A mística é essencialmente surpresa.” (Bogo, 2002, p.43)

preocupação educativa, e por isso mesmo tem claro o seu caráter ideológico, dão ênfase à formação da identidade de Sem Terra – e, neste caso específico, de Sem Terrinha – trabalhando a infância tanto do ponto de vista da proteção, ou seja, como sujeitos de direitos, quanto do despertar e enfrentar os desafios do ser Sem Terra (WESCHENFELDER e MARIA, 2000, p. 3).

Mas e as crianças? O que dizem da sua vivência no MST? O que os meninos e meninas moradores do Acampamento Dois de Julho nos diz sobre a sua condição Sem Terra?

2.2 – A condição de Sem Terra na voz das crianças

Fui à casa da Cíntia chamá-la para gravarmos a entrevista final[...]. Achei melhor fazer na escolinha [...] num espaço longe dos adultos ficaríamos mais à vontade. [...] No caminho ela ia me questionando se seriam perguntas difíceis, se ela saberia responder, se não seria melhor fazer a entrevista com a mãe dela porque a mãe saberia responder melhor [...]. Eu fui tentando conter a ansiedade dela. Falei que não precisava se preocupar, pois eu iria fazer perguntas sobre o dia-a-dia dela e que não precisava falar difícil [...] respondesse como suas próprias palavras. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 22 de novembro de 2003)

Um sentimento de insegurança em relação à entrevista foi algo que se repetiu com quase todas crianças do Dois de Julho. Numa certa medida, algo foi se tornando um desafio da pesquisa: convencer as crianças de que as brincadeiras, a sua fala, o seu “jeito de ser” eram as próprias fontes da pesquisa.

Em *Semânticas de Infância*, Carlo Panacera (1994) nos ajuda a refletir um pouco sobre como termos ligados a criança e a infância, etimologicamente, sugere a falta ou o mal uso da fala. Por exemplo, o termo *bambino*, em italiano (equivalente à palavra “criança” na língua portuguesa), deriva do termo latino *bambalio-onis*, que significa balbuciente, gago:

A criança é pois, essencialmente o pequeno bobo que gagueja bobagens mal e mal, e em uma sociedade que não consegue ver nele outros atributos relevantes. [...] para infanzia, que como se sabe deriva do latim e se refere àquela idade na qual não é capaz de falar (fari), ou em sentido lato, falar bem. (PANACERA, 1994, p. 99-100).

José de Souza Martins em seu texto *Regimar e Seus Amigos: a criança na luta*

*pela terra e pela vida*²⁹ 22, fala da importância de se perceber a criança como testemunha, como *sujeitos que enriquecem o entendimento de fenômenos sociais* (MARTINS, 1991, p. 55). Problematiza também o quanto tem sido um desafio no interior das ciências sociais, que sempre elegeu *informantes que estão no centro dos acontecimentos*, normalmente o adulto, homem, trazer para a cena social sujeitos tidos como silenciosos, a exemplo das crianças: *um grupo que não fala mais ouve muito* (IDEM, p. 56).

Quando se quer saber mais sobre a infância e sobre as crianças por que não perguntar diretamente para quem a infância é um tempo presente? O uso e a recolha da voz das crianças vêm sendo considerados como fundamental no conhecimento da cultura infantil (QUINTEIRO, 2002, p. 27). Dermatini (2002) e Quinteiro (2002) também chamam a atenção para a necessidade de se aprender a escutar as crianças. O pouco que se sabe sobre as culturas infantis se deve, em certa medida, ao *pouco que se ouve e pouco que se pergunta à criança* (QUINTEIRO, 2002, p. 21). A maior parte do conhecimento sobre a criança e a infância é muito mais aquilo que os adultos falam a respeito delas do que propriamente é considerado pelas crianças. Olhar as crianças como sujeitos/informantes é lembrá-las também como produtos e produtores do seu universo sociocultural. Neste sentido procurei refletir sobre a infância no Movimento Sem Terra.

A convivência com as crianças do Acampamento Dois de Julho foi mostrando que a construção da identidade de Sem Terra e o sentir-se pertencente ao Movimento, principalmente, era algo que se dava a partir dos vínculos estabelecidos pela família. Algumas famílias eram bastante marcadas pela presença de algum membro em cargos de coordenação ou de direção, estabelecendo assim um vínculo de militância; outros não tinham este vínculo de militância mais intrínseca; e outras famílias encontravam-se mais afastadas, inclusive geograficamente, do restante da comunidade acampada, estabelecendo outros vínculos de

²⁹ Resultado de uma pesquisa feita com crianças filhas e filhos de posseiros do Maranhão e de colonos no Mato Grosso do Sul.

construção de identidade e de pertencimento ao acampamento e ao Movimento.

Ao mesmo tempo, alguns aspectos foram aparecendo como algo comum àquelas crianças: a origem social e geográfica, como chegaram, o que achavam do MST, o que aprenderam no Dois de Julho e com o MST. Dos perfis citados anteriormente foram escolhidos três sujeitos como interlocutores, e seus depoimentos, a seguir apresentados, foram agrupados nos seguintes eixos: chegando ao Dois de Julho, processo de adaptação, memória sobre os quatro anos de acampamento, comparação entre o acampamento e a cidade, relação com a terra, a convivência na escola e no PETI, conhecendo outros espaços-tempo do MST e ser Sem Terra.

Com a palavra: **Cíntia, Emerson e Paula.**

2.2.1 – Cíntia, Emerson e Paula

Meu nome é Cíntia, tenho onze anos, moro aqui no acampamento, e sou muito alegre, gosto de brincar com as pessoas principalmente com a Railsa e a Rafaela, que são as minhas melhores amigas [...]. Nós brincamos de esconde-esconde, roubar-bandeira, pique-pega; a gente brinca de futebol, peteca, voley, estas coisas [...], fazer vasilha de barro, fazer boi, estas coisas. [...]. Eu tinha sete anos [quando foi morar no Acampamento], tenho onze [hoje]. (Cíntia)

Eu? Sou Emerson. Tenho oito anos [...]. Quando nós veio pra cá? Hum! Só sei que o Bila, ele chamou nós pra..., chamou meu pai para ir para os sem-terra, e de lá mesmo de onde meu pai tava ele foi. Aí no dia que meu pai chegou, era dia dois [de julho de 1999], e no dia que eu mais minha mãe chegou era dia quatro. [...]. (Emerson)

Meu nome é Paula, tenho nove anos. [...] eu não vim no dia da ocupação. Meu pai tava aqui no dia da ocupação. A ocupação começou às cinco horas da manhã. [...] Aí passou um tempo. Passou muito tempo, muito, muito, muito [...] Depois chegou a polícia [...] Queria tirar nós daqui! Nós reagimos. Não deixamos. Não saímos daqui[...]. Agora nós tamo esperando a terra sair. [...] (Paula)

CHEGANDO AO DOIS DE JULHO

[...]Eu não vim no dia que o meu pai veio, não. Eu vim depois, uns vinte e dois dias depois. Quando eu cheguei aqui não conhecia ninguém, ficava só no meu canto. [...] Aí depois que vim para cá e fiquei conhecendo amigos, fiquei conversando. Alguns dos meus amigos foram embora.[...] Fiz [muitas amizades], mas só que algumas não deu, porque algumas foram embora, né? Mas eu fiz com umas. E as que eu mais conhecia foi embora. [...] Acho que os pais não quis ficar. Alguns foi expulso. [...] a Dulce, a Flávia... (Cíntia)

Meu pai não ficou sabendo, não. Aí depois veio uma pessoa que eu não alembro quem que é. Falou assim com ele, que ia ter uma reunião, que ia ter reunião pra vir aqui no acampamento, e ele ficou interessado né? Ele ia para o Acampamento do Dom Orione. Ele ia para lá. Só que

ai não foi não. Ficou com medo. Ai depois ficou falando com ele, ele foi nas reuniões que teve. Ai no dia que foi chamar para ele vir para cá, que era madrugada, ele veio. [...] Eu fiquei com um pouco de medo. Só que ai foi de madrugada, eu tava dormindo e não vi ele sair. Ai eu fiquei com medo no outro dia. [...] Minha família falava assim, que ficava com medo dos outros briga, de ter morte, essas coisas. [...] Minha família não veio logo, não. Acho que ficou com medo. (Cíntia)

[...] O dia que a gente chegou aqui? Eu lembro. [...] Ah! Foi bom. Não foi ruim, não. [...] no outro dia é que deu uma chuva braba. Eu, minha mãe e meu pai, nós teve que ir lá para a casinha da escolinha. (Emerson)

Cheguei dois dias depois da ocupação. [...] era eu e um outro menino, ai. [...] o nome dele eu não lembro não [ele ainda mora aqui?] não, ele já foi embora. [...] e tinha mais um outro, era o filho do Nelinho. [...] já foi embora também [...] [e as outras crianças que foram chegando no acampamento?] Ah! Eu lembro só da Paulinha e da Cíntia. [...] A Cíntia chegou primeiro [...] e depois a Paulinha chegou. (Emerson).

Eu cheguei no dia vinte e quatro de março de dois mil. [...] Morava [antes] em Belo Horizonte [...] no bairro São Geraldo. [...] Meu pai não era do MST. Ele fazia parte do PT. Ai ele começou pelos livros [vendia livros do MST]. Ai ele foi, começou a envolver mais com o MST, depois ele veio para esta ocupação. Ai ele quis vim para este acampamento. E agora nós estamos aqui, né? [...] Meu pai trabalhava em fabricar calhas [...] minha mãe trabalhava em casas, ela era doméstica [...] Ai meu pai começou a trabalhar no MST. Foi viajando pro MST, até que chegou a ocupação do Acampamento Dois de Julho. [...] da minha família tem aqui meu pai, minha mãe, meu irmão, minha irmã e eu. (Paula)

Agora meu pai é da direção do MST. Ele passa muito tempo na cidade e viajando. [...] Eu já acostumei um pouco. Mas à vezes quando ele fica muito tempo fora eu fico com saudades dele. (Paula)

DE ONDE VIERAM

[...] Eu vim do Bairro Ouro Negro[...] quando eu morava lá, lembro que brincava mais com uma amiga minha que se chama Franciele. Ela mora lá ainda. Eu brincava muito com ela, brincava de videogame com o sobrinho da minha irmã, andava de bicicleta... essas coisas. [...] Na minha casa morava minha irmã, meu pai, minha mãe, eu e meu irmão. Só que depois meu pai veio para cá. Ai ficou só eu, meu irmão, minha irmã e minha mãe. [...] Agora mora aqui eu, meu irmão, meu pai e minha mãe. [...] A minha irmã já é casada [...] e agora ela mora lá. (Cíntia)

[...] Antes, o meu pai, ele trabalhava em bico, né! Ele ajudava o homem lá a descarregar esse negócio de areia e tijolo. Ele trabalhava. Ai, depois, ele parou, né,, e veio para cá. [...] Minha mãe trabalhava. Arrumava a casa de alguém. Bico também.(Cíntia)

Antes [de morar no acampamento] nós tinha lá no Ouro Negro, nós tinha nossa casa. Nós tinha também porco, cachorro [...] meu pai trabalhou na escola de vigia. [...] Minha mãe? Ah! Ela ficava em casa fazendo as coisas, tratando da porca... [...] era na cidade mesmo. (Emerson)

[...] Quando eu cheguei? Ah! Eu achei estranho, assim, as pessoas, o lugar. Quase as meninas não conversavam comigo, assim. Ai depois eu fui me acostumando. Chegou um dia que o meu pai falou assim: “nós não vamos mais morar neste acampamento. Nós vamos embora para Pequi [um assentamento do MST que também fica na Regional Grande BH]”. Ai eu fiquei assim, meio com raiva, meio triste e tal, com medo de perder minhas amigas. Agora meu pai ta resolvendo isso, né? [...] Eu já acostumei aqui. (Paula)

[...] Eu cheguei um dia de noite, que veio até uma moça pra cá, que morou uns meses aqui com a gente, sabe! Depois ela foi embora com a filha dela. E Até hoje ela não voltou né! [...] Tinha muita criança aqui. Depois que eu entrei que saiu uns. (Paula)

PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

[...] Quando nós chegou aqui, nós foi morar lá perto daqueles coqueiro. [...] Não tem aquele campo? Do lado de onde passamo ainda agora? Não tem aqueles pé de bananeira? Ali eu morava. [...] Antes disso, nós fez a barraca nossa no meio de lá. Depois meu pai deu um jeito e fez nossa barraca em outro lugar. (Emerson)

Nós já morou ali no campinho, nós já morou na grotinha. [...] O campinho é mais perto, agora a grotinha é mais longe que o campinho [...] Aí depois a gente foi morar lá do outro lado da estrada. [...] porque do outro lado tem sossego. [...] primeiro nós morava no campinho, do campinho nós mudou lá pra cima, depois nós mudou ali pra grotinha. E da grotinha nós mudou para perto do rio [Paraopeba], do outro lado da estrada. Agora nós mora aqui [no centro do Acampamento]. Na grotinha? Tinha uma família só. [...] Criança tinha. Só uma. [...] A gente brincava, sim. [...] quando nós morava do outro lado da estrada tinha criança, não. [...] aí eu brincava sozinho. Não tinha outra pessoa pra brincar comigo. Brincava sozinho. (Emerson)

Eu e meu irmão ficou um pouco com vontade de voltar. Mas aí com pouco nós foi acostumando. [...] Ah! Hoje nós já acostumamos aqui. Nós, às vezes, só sentimos um pouco de vontade de ir para lá. [...] de vez em quando a gente vai lá. [...] [De novo para a sua família no acampamento] aconteceu. O nascimento da Laurinha [irmã mais nova]. Não foi a primeira criança a nascer aqui, não. Acho que foi o Peusinho [...] depois veio a Laura, depois veio o João da Suely, depois veio o Helbert da Elza, depois veio o menino da Preta. [...] A Laura? Tem 2 anos e seis meses. (Paula)

LEMBRANÇAS DA CONVIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO

A minha convivência foi boa. Quando eu cheguei aqui eu não conhecia quase ninguém, né? Aí depois eu fui conhecendo... As festas também foi boa, né? [...] também tem briga aqui. Coisas que eu alembro? Os ensaios da quadrilha. O parquinho que foi montado [...] a pescaria no dia do aniversário do acampamento. E outras coisas. [...] tem o dia que as meninas [Railsa e Rafaela] afogou no rio. [...] As missas que tiveram [...] tem a Ciranda [...] Eu ajudei um dia [...] não estudei na Ciranda, não, porque é só para os meninos pequenos. (Cíntia)

[Quando a cascavel picou o Alisson]. O Alisson tinha uma égua. Foi ele e uns amigos dele buscar ela. [...] o Alisson foi passando, aí o menino não deu conta de falar com o Alisson aí a cobra foi e picou ele. [...] O Alisson ficou em coma. Até que, agora, ele já tá melhor. [...] Foi muito chato, né! Ninguém gostou de saber que ele tava em coma. Todo mundo ficou rezando por ele. [...] depois disso] Minha mãe ficou muito assustada, né! Não deixava eu ir para o mato... Agora a gente vai mais ou menos, mas mesmo assim fica com muito medo. (Cíntia)

[...] Ah! as festas foi muito legal. Tinha festa aqui que tinha churrasco, tinha outras que não. Cada festa tinha um negocio diferente. (Emerson)

[lembranças dos dois anos de Dois de Julho] Ah! das festas que tem aqui, do aniversário do Dois de Julho. Agora as lembranças ruins é de briga. Estas discussões que têm, aí é muito ruim. [...] (Paula)

Quando a cobra picou o Alisson? [...] ele ficou uns dias em coma. Ele tava muito mal. [...] Aí passou alguns dias ele voltou para casa. [...] o médico falou assim, que ele não ia sobreviver. Mas aí, por pouco, ele sobreviveu. (Paula)

O DESPEJO

O despejo foi muito triste, algumas pessoas choraram. Foi muito triste mesmo. [...] No dia que a polícia veio cá mesmo falando do despejo, eu tava no PETI. Foi um dia antes. Aí quando eu cheguei do PETI veio minha mãe falando assim que veio a polícia dizendo que vai despejar a gente, que era para ter saído. [...] Aí não saiu não. No outro dia a polícia veio de novo. Ninguém foi para a escola, ninguém foi pro PETI, ninguém saiu. Ficou todo mundo aqui. As professoras do PETI, algumas delas vieram aqui. A Paulinha, eu e outras pessoas choraram

muito, porque sair daqui depois de três anos ia ser muito difícil. Depois ir para a cidade, e algumas pessoas nem tem casa para morar. Como a minha família não tem. Se a gente sair daqui a gente não sabe para onde vai. (Cíntia)

O que acontecia aqui que não acontecia na cidade? Despejo, festa. [...] O despejo, no dia que teve o despejo, o seu Du foi lá [do outro lado da estrada onde ele morava] avisar nós. Aí eu mais meu pai e minha mãe foi. Chegou lá no acampamento tava despejando o povo. Foi um bucado do povo embora, e ficou eu mais meu pai e minha mãe e outros pessoal.[...] Ah! Foi os policial. [...] Falou ainda que se nós não saísse ia chamar reforço, ia trazer o trator [...] pra derrubar as barraca. [...] Uai! Eu fiquei sem pensar. Fiquei em dúvida se eles fosse fazer ou não.[...] [se saísse do acampamento?] ia sentir saudade. Uai! Porque aqui eu posso plantar. [...] Das festas? Eu lembro do churrasco que eu fui. [...] fazer aqui que não pode fazer na cidade? Plantar e colher o que nós plantou [...] na cidade nós tinha um lote e meio. Não tinha jeito de nós plantar, não. (Emerson)

No dia que a polícia [...] veio aqui, Militão mandou mandato de despejo, nós resistimos. Eles [...] ameaçaram que ia passar o trator em cima de todas as casas e não tava nem aí pra quem morresse.[...] Militão? Conheço não. Acho que é o juiz. [...] [no dia] tinha muita polícia. Saía uns, entravam outros. E apareceu muitos jornais.[...] a polícia ficou uns dois dias. Foi embora algumas famílias.[...] A polícia trouxe o caminhão e mandaram ir embora. E eles foram embora. (Paula)

ACAMPAMENTO X CIDADE

Eu acho diferente porque aqui o ar é puro. Lá na cidade tem aqueles carros que ficam passando. Aqui tem um rio que a gente pode nadar, lá não tem. Lá tem muitos roubos, aqui também não tem. E é isso que eu acho. [crescer no acampamento?] eu acho muito legal [...] é, eu fiquei aprendendo mais as coisas... fiquei porque antes na cidade você não sabia nada direito, né? Você não sabia plantar um milho. Agora eu já sei isso.[...] A minha vida tá melhor aqui do que na cidade.[...] você conhece novos amigos, aprende e viver em comunhão com muitas pessoas, aprende dividir o que tem. [...] na cidade você não pode sair para a rua. Aqui você já pode, mas não muito porque tem mato. Não ir para o mato, né? Porque lá vem uma cobra, te pica e você tá sozinho lá, quem vai te ajudar? Tem que ir com uma pessoa, né? E também na cidade tem seqüestro, aqui não tem. [...] A minha vida tá melhor aqui que na cidade. [...] Todo dia eu acordo, vou para a escola. Depois que eu chego da escola eu tomo banho, almoço e vou para o PETI. Depois que eu chego do PETI, eu tomo banho, faço o dever, aí depois eu janto, durmo, aí no outro dia eu vou pra a escola de novo. Aí começa tudo de novo. [...] Tô na quarta [série]. Na cidade eu nunca estudei em outra escola. (Cíntia)

Eu morava antes no bairro Ouro Negro [...] tem coisa que aqui é melhor e lá é pior [...] porque lá não tem jeito de tratar as coisas que a gente quer. [...] Lá é ruim. E aqui, muitas coisas aqui eu posso plantar. Igual, milho mesmo, eu posso! (Emerson)

Aqui é muito fechado assim, tem muito mato. É... aqui tem um rio, tem um rio de pescar e lá em BH não, é tudo solto, tudo aberto, não tem mato, não tem muita árvore [...] agora eu gosto daqui, né? [...] Aqui, eu aprendi muitas coisas. Aprendi a mexer com os animais, aprendi a nadar. [...] na cidade eu não podia ficar andando assim, eu não podia sair. Lá [na cidade] era tudo aberto. A minha mãe ficava com medo de algum acidente na rua. Aqui eu posso andar para tudo quanto é lado. [...] eu aprendi a cuidar de muitas coisas. (Paula)

Lá [em BH, bairro São Geraldo] a gente morava num beco. Aí lá [as pessoas] usavam muita droga, ficavam gritando de noite. A gente não podia dormir. E também tinha um mato grandão, por cima de minha casa, aí os malandro ficava usando droga em cima da minha casa. [...] Aqui no acampamento permite eu fazer algumas coisas a mais. Lá [em BH] a gente não podia ficar correndo na rua, por causa que tinha perigo de carro. Aqui a gente pode ficar correndo para todo lado, por causa que não tem perigo de carro. Lá a gente não podia ficar na rua de noite, por causa que tinha perigo de ladrão, e aqui a gente pode. E mesmo assim não é bom arriscar [...] a gente não fica. [...]. (Paula)

RELAÇÃO COM A TERRA

Meu pai trabalha na roça agora. Planta feijão. Minha mãe arruma casa, faz comida, essas coisas.[...] Ele vende essas coisas que dá na roça.[...] Agora não tem nada não, por causa de que ele começou a plantar. Tem feijão, milho. Ele vai plantar arroz este ano. [...] Não dá pra ajudar meu pai, não, por causa que eu vou para a escola e depois da escola eu vou para o PETI. [...] [quando não tem as coisas para vender como os pais fazem?] Porque vem a cesta [básica fornecida pelo INCRA] pra cá. Aí a gente come as coisas da cesta. [...] Em casa eu ajudo. Eu arrumo casa pra minha mãe, lavo vasilha para ela quando ela deixa. (Cíntia)

Das plantas que eu mais gosto de plantar aqui é o milho. O milho, ele é grande [...] e pra você pegar ele, ele tá verde [...] você não pode pegar quando ele tá dando o primeiro cabelo, tem que ser o segundo. Aí você tem que deixar até ele dar o segundo cabelo. Depois do segundo cabelo você já pode pegar. [...] Além do milho? Planta arroz, feijão e muitas outras coisas que nós planta. [...] Os bichos? Sei cuidar, sim. [...] a galinha você pode soltar e dar comida a ela, e você tem que dar água todo dia. [...] Se você quiser pode comprar ração e dar. [...] O porco, se ele achar, quer ver, até minhoca, coquinho, ele come. Qualquer coisa que ele ver na frente ele destrói tudo. [...] Cavalo é muito mais fácil. Cavalo você tem que soltar no pasto e deixar ele comer muito. E depois traz ele para beber água. Depois se você quiser andar nele, você pode. [...] Onde nós aprendeu a plantar e cuidar dos bichos? Foi no acampamento. [...] Tem muita gente do acampamento que ensinou nós. A Larissa mesmo sabe plantar. Aqui tinha uma menina que tá lá na escola, ela dava aula de plantação para nós. Agora ela dá aula lá na Escola Municipal. A Rosana. [...] é eu, meu pai e minha mãe que planta [...] Colher em grande quantidade? [...] de vez em quando, dá muito [...] tem hora que dá pouco. [...] arroz mesmo dá muito, tem hora que dá pouco.[...] Milho e feijão também. [...] O que nós faz? O milho nós dá pra galinha, né? E o arroz fica pra gente. (Emerson)

Eu aprendi a fazer até mesmo hortas. Eu já colhi feijão. Já aprendi a colher feijão, já, pelo menos um pouquinho, eu já colhi um pouquinho de arroz, já colhi milho. Agora, eu tô esperando de novo meu pai começar a rançar o feijão dele pra eu poder ajudar ele. Gosto muito. [...](Paula)

NA ESCOLA

Na minha escola, os meninos ficavam falando assim: “ó lá os sem-terra chegando, ‘pé vermêi’”. Os meninos ficava falando assim, agora eles não fala mais nada. (Cíntia)

[...] Eu tô na quarta série.[...] Eu fiz a minha primeira série aqui no acampamento. Aí a segunda, a terceira e a quarta agora, eu tô fazendo na Escola Municipal Barão do Rio Branco. [...] estudo lá desde a segunda série [...] Deixa eu ver... já passei por cinco professoras. [...] não tratava a gente do acampamento mal, não. Tratava como todo mundo da sala [...] Ah! Os meninos [colegas]? Ficavam olhando assim com uma cara pra mim, achando que eu era um bicho. Nem chegavam perto de mim. [...] Mas já tem tempo, agora todo mundo gosta de nós na escola. [...] tenho amigos da escola, sim [...] uma menina já veio cá. Ela chama Sara [...] ela achou aqui bonito. Foi até lá no rio. [...] as professoras já vieram visitar o acampamento? Não. Veio só a Lúcia. Ela já deu aula para nós quando eu era da segunda série. (Cíntia)

[...] da minha escola? Gosto sim. [prefere estudar na cidade ou prefere que tenha uma escola dentro do acampamento?] eu prefiro estudar na Escola Barão do Rio Branco [...] eu já acostumei lá [...]quando eu crescer? Quero ser professora. [...] O que eu penso do futuro pra mim? É, pra eu dar aula pros meninos que não sabem ler, escrever. Também se eu puder dou aula aqui. Se eu puder, eu dou aula aqui no acampamento. (Cíntia)

É o primeiro ano que eu tô indo pra escola e pro PETI. Tive na Ciranda, sim. [...] eu gostava, mas não tô lembrando de quase nada da Ciranda que nós fez aqui.[...] Era o Amarildo, a Marília e a Vânia que ensinava a gente. Ensinava a gente um bucado de coisa que eu nem tô lembrando mais.[...] Da escola e do PETI? Do PETI eu acho bom, porque não tem outro lugar para ficar, aí tem que ficar no PETI mesmo. [...] Agora a escola? A escola é a mesma coisa do PETI: nós brinca na hora do recreio e vamos estudar dentro da sala. [...] Tenho amigo lá, sim. [...] Tem o Felipe, Wellington, Lucas. [...] Eu tô na primeira série. Já vi [na

escola] criança falando que nós somos robador de terra. [...] passando perto que eu vi. Quem falou não sei o nome não, mas o menino eu conheço. Só não sei o nome. [...] Falou que a gente rouba terra. [...] (Emerson)

Os meninos na escola ficam falando que a gente rouba terra. Eu explico pra eles que a gente não rouba, não, que a gente quer terra pra plantar, mas eles não acreditam. (Emerson)

[o preconceito na escola] No começo eu fiquei muito triste, assim que os meninos ficavam falando que eu era sem-terra, mas eu sentia muito orgulho assim no peito ó, e seguia de cabeça erguida por causa que eu era mesmo. Aí, dentro da minha sala a menina me xingou. Falou assim, que o MST tinha roubado o cavalo da tia dela. Aí eu fiquei com muita raiva, muita raiva mesmo. Aí chamei meu pai. Meu pai foi lá na escola e resolveu tudo com a professora. E hoje quando a Kombi vem buscar nós, ela vai junto e não fala preconceito nenhum. (Paula)

Quando eu entrei na Escola, os meninos [colegas] começaram a falar que eu era sem-terra, que não gostava de ficar perto de mim. Aí acabou que eles começaram a me conhecer melhor. Agora eles gostam de mim e não bota preconceito no MST, não. [...] tenho muitos amigos na escola. [...] alguns já vieram aqui me visitar. Minha professora já veio. Veio até uma menina que falou que o MST tinha roubado o cavalo da tia dela. Ela veio aqui esses dias pra trás. Já veio muitos meninos aqui, da minha sala. [...] Eu converso com eles, falo pra eles o que é o MST. [...] A escola é boa. É muito bom [...] uma escola de alto nível. [...] Os professores também são muito bons. [...] [e se a escola fosse no Dois de Julho?] Eu gostaria de continuar estudando na escola Barão do Rio Branco. [...] queria que o Movimento tivesse escola aqui, [...] eu também queria estudar aqui, mas eu me acostumei lá. Eu gosto muito de lá. (Paula)

NO PETI

O PETI? Tem quatro anos [que frequenta] também. [...] Lá, eu brinco, faço artesanato, temos aula de dança, aula de teatro, temos natação [...] nadar? Eu aprendi aqui no acampamento. [...] amigo [no PETI]? Tenho sim. [...] Têm alguns meninos que estudam lá em Esmeraldas e vai para o PETI, mas a maioria dos meninos que estudam na Escola Barão do Rio Branco é do PETI. [...] (Cíntia)

No PETI, tô com dois anos. [...] é o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. [...] Lá os meninos gostam muito mais da gente [que os meninos da escola]. A Lorena [coordenadora do PETI/Vianópolis] falou que um dia queria trazer os meninos para fazer uma excursão aqui, vir nadar no rio, conhecer o Paraopeba, a sede. Eles quer vir aí. [...] no PETI a gente costura, pinta, brinca, corre, faz teatro, dança, nada, joga bola, faz um tanto de coisa. (Paula)

CONHECENDO E PARTICIPANDO DE OUTROS ESPAÇOS DO MST

[...] Foi lá no Encontro de Sem Terrinha que eu encontrei a Railsa, que é a minha melhor amiga daqui do acampamento. Lá foi muito legal, porque eu fiquei sabendo sobre os transgênicos, porque foi Terra e Vida, né, o tema. Aí a gente fez uma mística sobre a bandeira, fizemos outras místicas e ficamos sabendo de muitas coisas. [...] Os transgênicos são coisas ruins. De uma semente boa com uma semente ruim. A semente ruim é ruim mesmo porque é transgênica. [...] A boa [...] você pode comer sem ter nenhum problema. [...] A mística? Foi sobre a bandeira. Aí os meninos perguntavam “bandeira, por que você é vermelhinha?”, e eu ia respondendo. Aí falava todas as cores da bandeira e eu ia respondendo. [...] Foi a bandeira do MST [...] as cores são vermelha, branca, preta e verde. (Cíntia)

Já visitei um assentamento. Só o Dom Orione. Lá no Dom Orione, lá é muito bonito, que eu achei. Agora cada um já tem sua casa, né, porque antes também era de barraco. Eu achei muito interessante por causa que agora cada um já tem seu pedaço de terra. Agora lá também já tem plantação de cana. [...] Achei muito legal isso. [...] morar na casa de tijolo é melhor, né, do que morar numa casa de lona. Porque na casa de tijolo, parece que você está mais bem protegida que numa casa de lona. Numa casa de lona pode colocar fogo na sua casa. Na casa de tijolo não, né? Isso também eu acho melhor. (Cíntia)

Nóis já foi no Dom Orione. Lá no Acampamento Don Orione [Regional Grande BH, município de Ibité]. De marcha também eu já participei. [...] Encontro eu nunca fui. (Emerson)

Viajo com meu pai às vezes. [já foi] no Rio, já fui na Helena Antiopoff [Fundação Helena Antipoff, em Ibité], já fui em Neves, já fui no Vale do Jequitinhonha, e já fui em Viçosa também. [...] gostei mais de Viçosa [...] Ah! eu conheci um bucado de amigo. Gostei muito de lá. [...] Foi o I Seminário sobre Questão Agrária. [...] Eu fiz um curso de Apicultura. Eu gostei. [...] Eu aprendi a tirar mel, é, tirar o mel sem matar as abelhas. [...] [na escola] conto para os meus colegas [...] mas, eles ficam falando que é mentira. Eles não acreditam em mim [...] por causa que eles não viajam junto com a gente, né? Eles não conhecem o MST. [Amigos feitos pelas viagens que fez]. Tem a Andresa, lá de Viçosa, tem a Diana, tem o Henrique, tem a Dandara, filha do Zé Pinto [...] tem o Volak, a Ana Carolina, a Nara, tem a Roberta. Conheci muitas pessoas. [...] esses aí são estudantes da Universidade de Viçosa. Também fiz muito amigo no Encontro de Sem Terrinha. Mas quase nenhum mora aqui [...] mora em Governador Valadares, tem gente que mora em Lavras, tem de Funilândia. (Paula)

Já conheci uma escola de assentamento. [...] A professora eu não conheci, não. Conheci só a escola mesmo. Por causa que eu fui num dia de festa, que o acampamento tinha conquistado a vitória da terra. Foi lá no Vale do Jequitinhonha que eu conheci uma escola. Uma escola boa que tinha carteiras, mesas, quadro. Só não conheci a professora. Mas era um dia de festa [...] aí nós não conhecemos a professora, não. (Paula)

SER SEM TERRA

Acho que sou Sem Terra. [...] que eu já moro aqui faz quatro anos, e eu acho que já sou Sem terra. [...] Eu já aprendi muitas coisas com os Sem Terra. [...] Acho que não sou mais a mesma pessoa de antes [de morar no acampamento], sou muito diferente. O que eu mudei? Eu aprendi muito mais coisa. Sou mais amiga das pessoa, porque antes eu não era. Eu era muito calada, ficava quieta no meu canto quando eu morava na cidade. Porque eu não podia sair. Não podia ir para lugar nenhum. Agora, aqui eu já tenho mais liberdade. Eu já converso com muitas pessoas, e já saio. Agora eu não sou muito quieta no meu canto, não. Eu sou mais agitada. [...] momento triste aqui? Só despejo, que eu alembro. [...] do futuro eu espero que a terra aqui sai e todos do acampamento, e minha família principalmente, seja muito feliz. (Cíntia)

[Vivendo no Dois de Julho] Ah! Aprendi um bucado de coisa. Eu aprendi plantar [...] E também, eu aprendi plantar cana [...] Até café eu sei plantar. [E com o MST? O que aprendeu?] Eu aprendi muitas coisas. Ensinou a gente podar o café [...] igual o meu pai fazia na casa da mãe dele. [o que acha do MST?] Acho bom! Porque não é igual aos outros, né? Porque têm alguns acampamentos que você vai para assentar e não dá, né? Você é despejado. E aqui não. Foi a primeira vez que nós entrou aqui [...] teve despejo e nós não foi. Nóis ficou aqui até hoje. [o que você sabe sobre o MST?] Sobre o Movimento? Ah! Isto daí eu não sei nada, não. Do Movimento, não. [O que espera do futuro] Tem que ficar lutando para ver se a terra sai. Se não sair? Uai! Entrar em outra terra. Fazer o quê?(Emerson)

[Acha que vai conseguir a terra?] Eu acho! Porque o processo já veio para cá, e voltou para Brasília, já foi pra cá e voltou para Brasília. E têm dias que faz isso. [...] vai virar Acampamento Dois de Julho, sim. [...] Não quero sair daqui para morar na cidade, não. [...] prefiro ficar aqui. [Acha que é um Sem Terra] Uai! Nóis tamo num negócio de Sem Terra. Tamo porque nós é um Sem Terra [...]. [Sabe algo sobre o MST?] Não quero responder. [...] [O que é o MST para você?] também não quero responder isso. [...] [Você se acha um Sem Terrinha?] Uai! Filho de Sem Terra, como é que não é Sem Terra?(Emerson)

[O que conhece sobre o MST] O MST tira as pessoas da rua, dá um pedaço de chão pras pessoas, oferece a oportunidade das pessoas ter um pedaço de chão, ter uma terra para plantá, pra poder sobreviver. O MST dá esta oportunidade pra todo mundo. Só não vem quem não quer. Por causa que já existiram várias ocupações. [pertencer ao MST?] Eu acho que sim [...] por causa que eu faço parte do MST, eu moro num acampamento do MST. [o que o MST

ensinou a você?] eu aprendi a dar oportunidade pra as pessoas, igual ao MST dá: dá oportunidade pra as pessoas plantarem, fazer muitas coisas aqui dentro. Só não pode abusar [...] fazer coisas erradas aqui, brigar, usar drogas aqui dentro, roubar [...] vai expulso. [o que espera do futuro?] um dia esta terra ser assentada, ter muitas plantações, as casas de tijolo. (Paula)

2.3 – Vivências e aprendizados

Voltemos agora a refletir sobre a questão que orientou os rumos desta pesquisa:

quais significados crianças moradoras de um acampamento rural atribuem ao fato de pertencerem a um movimento social? Por significado estou entendendo *a maneira própria*

com que as pessoas vêem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cercam

(ANDRÉ, 1995, p. 29). Sobre o desenvolvimento do significado na criança, Macedo (1993)

salienta:

a origem e o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e do significado na criança [...] é resultado das próprias experiências das crianças e das suas relações com os adultos, da relação com a natureza, ciência, arte, conhecimentos etc. (MACEDO, 1993, p.13)

As três crianças apresentam-nos mais uma experiência a qual parece estar atuando na maneira de perceberem a si próprias: **a luta pela terra**. Quando, por exemplo, Cíntia nos fala *Acho que não sou mais a mesma pessoa de antes* (e os outros dois depoimentos também nos deixam esta mesma sensação) é de se pensar no porquê disso.

Morar no Acampamento Dois de Julho aparece como um marco na vida destas crianças.

Da mesma forma, **o MST vai aparecendo nas entrevistas como aquilo que tornou a vida destas crianças e de suas famílias em algo melhor do que era antes**³⁰.

Mesmo que cada uma dessas crianças tenha formas muito particulares de referir-se ao Movimento – desde atribuir ao Movimento a capacidade de *tirar as pessoas da rua*, a exemplo da Paula e da Cíntia, até não querer falar diretamente deste assunto, como fez Emerson quando indagado – e de ressignificar este processo em suas vidas, esta parece ser

³⁰A constatação de uma melhora na qualidade de vida foi algo também verificado nos primeiros bate-papos com as outras crianças.

uma opinião em comum entre os três. Olhar para o MST também como lugar de se viver a infância possibilita-nos refletir sobre quais novidades o pertencimento a um movimento social e a uma situação de luta pela terra trazem à cultura infantil, bem como sobre quais novidades a participação das crianças trazem ao movimento social.

Estas crianças mostram não somente que o Movimento Sem Terra tem um significado em suas vidas, como também o processo de sua construção. A luta vai apresentando-se como uma *vivência existencial total* (ARROYO, 2001, p.7) no sentido mais profundo que esta expressão possa apresentar: os sujeitos encontram-se presentes durante todo o tempo (inclusive porque moram ali); não se exclui ou se limita a participação por faixa etária, gênero ou etnia; participam de uma luta por *condições elementaríssimas de vida* (ARROYO, Idem). O fazer-se/sentir-se/saber-se (FERREIRA, 2002) pertencente a um movimento social de luta pela terra e aparece como um aprendizado que vai se consolidando a partir da *vivência pessoal em ações de luta social* (CALDART, 2000a, p. 106).

Trajetórias de vida bastante comuns entre estas crianças podem ser notadas nos depoimentos: famílias pertencentes às classes populares, moradoras de bairros periféricos de uma região metropolitana muito marcada pelo êxodo rural e que, de repente, resolvem juntar-se a um movimento social de luta pela terra. Segundo Stédile (2000), historicamente a luta pela terra carrega esta característica de ser uma luta dos pobres. O pertencimento de classe também é algo central nesta discussão.

Quando Cíntia e Emerson falam de como foi a vinda das suas famílias para o MST, apontam um processo mais ou menos parecido: os pais foram convidados por alguém do Movimento a participar da ocupação do Dois de Julho. No Caso da Paula, a relação do pai com o MST deu-se por meio da inserção na militância: vendia livros, depois começou a participar de encontros e viagens com o Movimento e, por fim, estava entre os acampados. Hoje é da Direção do MST no Estado de Minas Gerais. Em ambos os casos parece-nos que, a

partir da decisão do pai de participar da ocupação, é que toda a família foi trazida para dentro do acampamento.

Talvez pelo fato de terem vindo das periferias, o tom de **comparação entre o campo e a cidade** é algo que seja tão recorrente entre as crianças. Não só porque o viver no campo parece ter proporcionado uma qualidade de vida melhor a elas, mas também por poderem contar com coisas que não tinham na cidade: o rio, a mata, os bichos, o espaço rural como um todo. Citam poluição, roubos, violência no trânsito e o uso de drogas como problemas inerentes ao espaço da cidade. Em oposição, morar no acampamento sugere estarem livres destes problemas. Apresentam o Dois de Julho como um lugar melhor: *tem que aqui é melhor e lá [na cidade] é pior (Emerson); a minha vida tá melhor aqui do que na cidade (Cíntia).*

Mas sair da cidade e ir morar no campo, ao que nos diz Cíntia e Paula, não foi algo tão tranqüilo assim. Nem elas e nem as suas famílias vieram para o Dois de Julho logo depois da ocupação. A primeira demorou vinte dias e a segunda quase dois anos. Novas pessoas, um novo espaço, novas formas de socialização, gente vinda de vários lugares da grande BH e que, mesmo tendo morado no mesmo bairro, como é o caso de Cíntia e Emerson, não se conhecia antes do Dois de Julho.

Os três depoimentos também dão idéia de um outro aspecto, que parece próprio do **processo de adaptação em um acampamento**. Eles falam de amigos que se foram, crianças que saíram do acampamento porque suas famílias não quiseram ficar ali, ou porque foram expulsas. Nem todos que chegam permanecem. Brigas são apontadas pelas crianças como algo que parece fazer parte da dinâmica daquele acampamento. Um acampamento Sem Terra tem regras, e a fala da Paula deixa isto bem claro: *Só não pode abusar[...] fazer coisas erradas aqui dentro, [se]brigar, usar drogas aqui dentro, roubar [...] vai expulso.*

Mesmo aqueles que permanecem nem sempre parecem totalmente adaptados

ao novo modo de vida. A família do Emerson, mesmo estando ali desde o início da ocupação, parece ter sempre procurado lugares mais distantes do restante da comunidade. Ele justifica ao falar de quando foram morar do outro lado da estrada: *porque do outro lado tem sossego*.

O que mais chama a atenção é quando estas crianças falam do **espaço que têm para brincar e para correr livremente**, colocando-o como oposto ao espaço da cidade, mencionado como sendo violento, e da escassez de lugares onde pudessem brincar sem que isto significasse preocupação para seus pais. No texto *A Infantilização da Criança pelo Adulto X Infantil na Experiência de Ser Criança*, Gouvêa (2003) ressalta a importância de se repensar a brincadeira como sendo algo *extremamente vital e complexa para a criança, através da qual ela compreende, organiza o mundo e lhe dá significado* (GOUVEA, 2003, p.14). Os entrevistados parecem sugerir que esta mudança para o acampamento também lhes devolveu o direito de brincar de forma livre.

A relação com a terra é algo que também aparece como novidade para estas crianças. Nos três depoimentos ela é vista como um outro ganho de quem mora no acampamento. Cíntia fala, por exemplo, que depois de ter vindo morar no acampamento, foi aprendendo mais coisas, *porque antes na cidade você não sabia nada direito [...] você não sabia plantar um milho, agora eu já sei isso*. A Paula também apresenta esta aprendizagem como um conhecimento adquirido após a vinda para o Dois de Julho.

Mas é Emerson que parece falar com mais paixão, não apenas da relação com a terra, mas principalmente com o trabalho no campo: explica como se planta milho, como se cuida de alguns bichinhos. Sua fala aponta-nos um pouco do trabalho no campo como um aprendizado, não somente para as crianças, como também para os adultos: afinal, quando se compara como os três falam sobre as profissões dos pais, percebemos que nenhum deles era trabalhador rural antes do acampamento.

A vivência da luta é outro aspecto que as falas vão revelando: seja na forma de

enfrentamento direto, principalmente pelo Dois de Julho ainda ser um acampamento (ou seja, a posse da terra não está garantida por lei), seja por outras vivências que parecem ter o caráter claro de luta, principalmente pela afirmação da identidade de Sem Terra. É também esta situação permanente de conflito social o que as define como crianças de movimento social. Elas relatam algumas formas de como a luta vem se manifestando em suas vidas.

Uma ação de despejo é algo quase que comum à maioria das ocupações de terra. Mas, para estas crianças, parece tratar-se de outra novidade, como algo que não existia em suas vidas antes de virem morar no Dois de Julho. Em outubro de 2002, o acampamento recebeu uma ordem de despejo. Algumas imagens são sugeridas quando as crianças falam deste episódio: a possibilidade do confronto direto com a polícia, as famílias que foram embora, o choro e o desespero de alguns, a sensação de dúvida ou o medo de perder a casa e não ter para onde ir. Permanecer ali parece não ser apenas uma questão de enfrentamento direto com o Estado, ou com o fazendeiro. É praticamente uma questão de sobrevivência, de moradia, de trabalho.

Parece também ser uma conquista coletiva daquele povo acampado não ter sido despejado: o Dois de Julho *não é igual aos outros*. Em alguns acampamentos, quando chega o mandato de despejo, os acampados têm que sair. Segundo Emerson, *foi a primeira vez que nós entrou aqui [...] teve despejo e nós não foi. Nós ficou aqui até hoje*. O que faz o Dois de Julho diferente dos outros no sentido de poder resistir a uma ordem judicial de despejo? Quando Paula fala também que depois de muito tempo de existência do acampamento a polícia *queria tirar nós daqui. Nós reagimos! Não deixamos! Não saímos daqui!* o “nóis” parece reafirmar esta idéia de conquista coletiva, expressa numa forma muito própria de lutar do MST: ficar e resistir.

Quando Emerson informa, ainda, que *o processo já veio para cá, e voltou para Brasília, já foi pra cá e voltou para Brasília. E tem dias que faz isso*; ou quando Paula lembra

até mesmo do nome do juiz que expediu a ordem de despejo, ambos dão a entender que também têm a percepção da esfera legal em que a luta está inserida. O vocabulário também começa a mudar: que significado teria o *nós resistimos* se o contexto não fosse o da luta pela terra?

Uma outra situação em que as crianças parecem ter se encontrado diretamente numa situação de luta foi na convivência cotidiana com os colegas **na escola**. Serem bem aceitos na escola aparece como uma conquista coletiva das crianças: de quem era visto como *bicho*, como *robador de terra*, passar a ser respeitado pelos colegas e até ter amigos na escola parece ser o resultado de ações de, como por exemplo, a recusa em ficar indiferente ao ouvir a colega dizer que “os sem-terra roubou o cavalo”. Em vez disso, a opção foi por pedir ao pai para ir conversar com a professora.

Quando as crianças falam, por exemplo, do processo de construção do respeito mútuo na escola, dão a entender que talvez tenha sido no espaço da escola o primeiro lugar de sentir-se Sem Terra, até porque é um lugar onde se encontram cotidianamente com pessoas que não são do MST. Foi na convivência cotidiana que os colegas foram conhecendo melhor “os Sem Terra” e, ao que parece, mudaram de opinião.

Algo muito importante para ser refletido, principalmente a partir do depoimento de Paula e Cíntia, é a relação que ambas estabeleceram com a escola. Quando questionadas se gostariam de estudar numa escola do Movimento dentro do acampamento, respondem que preferem continuar estudando na Escola Barão do Rio Branco. Parecem não querer abrir mão das conquistas – o fato de terem se acostumado naquela escola e de ter amigos ali. Mas talvez isto possa sugerir que querem contar com mais este espaço de socialização, onde podem conhecer outras pessoas.

Para a maioria das crianças do Dois de Julho, a primeira experiência de escola veio depois de terem ido morar no acampamento, como é o caso de Emerson e Cíntia. Esta

chegou inclusive a estudar na escola que funcionou dentro do acampamento. Já Paula informa que um dos motivos de ter demorado a ir morar no acampamento é o fato de estar freqüentando a escola na cidade.

Quando falam do espaço do **PETI**, citam como um lugar onde se brinca, se faz artesanato, onde se freqüenta aulas de dança, natação, teatro, *um tanto de coisa (Paula)*. Comparando os colegas do PETI com os colegas da escola, as crianças afirmam que *lá os meninos gostam muito mais da gente (Paula)*. Algo necessário de se reafirmar é que **não existe exploração do trabalho infantil dentro do acampamento**. Durante a visita à Regional Vianópolis da Secretaria Municipal de Ação Social (SEMAS) em Betim – local onde se desenvolvem as atividades do PETI –, tive a oportunidade de conversar com a coordenadora do Programa na regional que atende o Acampamento Dois de Julho, que enfatizou tal situação:

Lorena [coordenadora da Regional SEMAS/Vianópolis], explicou que o PETI é uma demanda da Secretaria Municipal de Assistência Social [...] que visa a combater o trabalho infantil. Mas enfatizou que este não era o caso das crianças do Acampamento Dois de Julho, nem das demais crianças atendidas naquela Regional. [...] Nas regionais que ficam na zona urbana, as crianças beneficiadas são principalmente aquelas que trabalhavam nas ruas de Betim [...] mas, por Vianópolis ser um bairro mais próximo da zona rural, a exploração do trabalho infantil não é algo que seja verificado ou, pelo menos, ela não tem conhecimento que alguma das crianças ali esteja nesta situação. [...] As crianças, principalmente as do MST, estão no Programa para ter mais esta oportunidade de socialização com outras crianças, e também para que as famílias possam contar com outra fonte de renda. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 23 de Outubro de 2003)

Nos depoimentos, estas crianças citam **vários espaços próprios da luta do MST: encontros, assentamentos e outros acampamentos, marchas**. Vistos pelas crianças como oportunidades que não tinham na cidade, parece ser através destes espaços que o Movimento explora uma das suas potencialidades educativas: foi depois de conhecerem um assentamento que puderam estabelecer a comparação entre morar num acampamento e morar num assentamento – cada família ter seu pedaço de terra, ter plantações, ter casas de tijolo no lugar dos barracos de lona, ter escola.

A **viagem**, como sugere a fala de Paula, é também mais uma oportunidade oferecida pelo MST, embora não seja oferecida de forma igual para todos aqueles que moram em assentamento e acampamento do Movimento: os que são filhos e filhas de militantes têm mais oportunidades de viajar. É algo que aparece como novidade não apenas na vida das crianças Sem Terra. Aqueles que *não conhecem o MST*, como é ressaltado por Paula, chegam a duvidar que seja possível uma criança viajar para participar de encontros do Movimento. Um fato acontecido durante a visita à Escola Barão do Rio Branco ilustra bem isso:

Enquanto os alunos copiavam o dever, a professora da Paula encostou perto de mim. Começamos a falar sobre a Paula. [...] Falei para ela sobre o Encontro de Sem Terrinha, que era uma programação do MST para crianças entre 7 e 12/13 anos.[...] Ela então perguntou surpresa: “então existe este tal encontro mesmo, né? Bem que a Paula tinha me falado, mas eu não acreditei”. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 22 de outubro de 2003)

E, por fim, outro aspecto em comum entre as três crianças é **a expectativa de futuro de cada uma**: *eu espero que a terra aqui sai, e que todos aqui, e minha família principalmente, seja muito feliz (Cíntia); tem que ficar lutando pra ver se a terra sai.[...] Se não sair? Uai! Ir para outra terra. Fazer o quê? (Emerson); um dia esta terra ser assentada, ter muitas plantações, as casas de tijolo (Paula)*. Parece-nos sugerir que compreendem que estar acampado deva ser apenas uma fase de transição, pois o assentamento é o lugar onde existem plantações, casas de tijolo, enfim um lugar onde se possa ser feliz. Mas se aquela terra não sair, não há dúvida do que se deve fazer: ir para outra terra.

CAPÍTULO III

Para (re) Pensar sobre os Movimentos Sociais: o que as crianças do MST nos ensinam?

Eu já moro aqui faz quatro anos, e eu acho que já sou Sem Terra.[...] Eu já aprendi muitas coisas com os Sem Terra. [...] Acho que não sou mais a mesma pessoa de antes, sou muito diferente. (Cíntia)

Não quero sair daqui pra morar na cidade, não [...] prefiro ficar aqui [...] nós tamo nun “negócio” de Sem Terra. Tamo porque nós é um Sem Terra. [...] Filho de Sem Terra, como é que não é Sem Terra? (Emerson)

Eu faço parte do MST, eu moro num acampamento do MST. (Paula)

Ser Sem Terra, para estas crianças, está ligado a algo bastante concreto: **morar no Acampamento Dois de Julho**. Pensando a partir da (re)produção cultural da infância e suas especificidades – processo de desenvolvimento específico, as múltiplas formas de as crianças se expressarem e ressignificar o mundo, seus espaços de socialização (Gouvea, 2002a) – podemos compreender a importância que o morar adquire neste processo: é a partir daí que se pode criar uma constância da vivência infantil.

O caráter pedagógico também foi-nos apresentado neste processo: aprender com os Sem Terra, com os pais e num acampamento que pertence ao MST. Fica claro o quanto o Acampamento, e porque não dizer o Movimento, vem se configurando como lugar de se viver a infância: seja porque a luta pela terra é uma luta da família e a faixa etária não é uma limitação para a participação; seja porque a dinâmica produzida nos espaços-tempo do Movimento acabou incorporando uma rotina própria para as crianças; seja porque, a exemplo do que nos mostra Paula, neste tempo de acampamento outras crianças estão nascendo ali dentro:

A Laurinha [irmã da Paula] não foi a primeira criança a nascer aqui, [no Dois de Julho] não. Acho que foi o Peusinho[...] depois veio a Laura, depois veio o João da Suely, depois veio o Helbert da Elza, depois veio o menino da Preta. [...] A Laura? Tem 2 anos e seis meses. (Paula)

Entender o fazer-se/sentir-se/saber-se criança Sem Terra passa pela compreensão da dimensão educativa de um movimento social na produção de uma cultura de infância. E como enxergar no movimento social o seu caráter educativo, se não conseguimos alargar o entendimento de educação como processo de formação humana ? Arroyo nos lembra:

A formação humana é inseparável da produção mais básica da existência, do trabalho, da luta por condições materiais de moradia, saúde, terra. [...] Os movimentos sociais têm sido educativos não tanto através da propagação de discursos e de lições conscientizadoras, mas pela forma como têm agregado e mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, pela terra e pela inserção na cidade.(ARROYO, 2001, p. 3)

Falando de suas vidas, as crianças do Dois de Julho também apresentam um pouco destes quatro anos de existência (e por que não de resistência?) do acampamento. Nas narrativas, suas vidas aparecem tão intrinsecamente ligadas ao Dois de Julho como se estivessem enfatizando sua participação como sujeitos desta história. Que relações a respeito do “morar no acampamento” faladas (e vividas) por estas crianças estão sendo sugeridas?

Um olhar mais atento aos relatos de campo e depoimentos mostra uma outra dimensão, a qual as crianças vão enfatizando como fundamental na construção de uma cultura de infância dentro do MST, além de vislumbrar uma outra possibilidade de se pensar o movimento social: **o cotidiano**, *aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha)*³¹. O Acampamento Dois de Julho é, para estas crianças, a referência de luta/resistência e de moradia/trabalho/vida: um *espaço de construção identitária* (CALDART, 2000, p.114).

Como situar a discussão sobre cotidiano voltado para a temática dos movimentos sociais e, especialmente, para o Acampamento Dois de Julho? A convivência com as crianças apontou esta dimensão como importante, tanto do ponto de vista da produção

³¹Citação do prefácio de Paul Leuilliot em *Pour une histoire du quotidien au XIX Siécle en Nivernais*, feita por Michel de Certeau. In: DE CERTEAU, M., GIARD, L., MAYOL, P. *A Invenção do Cotidiano: 2. morar e cozinhar*. Petrópolis, RJ: 1996. p.31.

da cultura infantil – conforme discutimos no capítulo dois – quanto da construção da identidade de Sem Terra, além de sugerir alguns elementos para se pensar a vivência infantil dentro do espaço-tempo acampamento Sem Terra.

3.1 – Elementos para se pensar a construção do cotidiano em um acampamento do MST

No início da tarde voltei a encontrar com o grupo de crianças no parquinho. Estavam lá: Cíntia, Raílsa, Rafaela, Núbia e Wallas (estes dois últimos são netos de um acampado e, sempre que podem, vêm visitar os avós). Tinham acabado de chegar do rio e traziam barro para modelar. [...] Depois de algum tempo de modelagem, a Rafaela comentou que tinha que voltar para casa para lavar as vasilhas do almoço. Cíntia falou que tinha que fazer a mesma coisa em sua casa. Então a brincadeira da modelagem se desfez e as crianças combinaram que, assim que as duas terminassem seus afazeres, voltariam a se encontrar no parquinho, desta vez para brincar de bola. (DIÁRIO de CAMPO, relatos de 01 de maio de 2003)

Fiz uma visita à casa do Renato (12 anos). No momento em que cheguei, ele estava molhando a horta. Eu lhe disse que não queria atrapalhar, e que ele continuasse a fazer o seu trabalho. Ele continuou molhando as plantas enquanto conversava comigo. [...] Nesta visita, percebi que uma criança de acampamento está sempre cercada de outras crianças. Os sobrinhos dele, que moram numa barraca do lado, estavam por perto o tempo todo. E não foi só porque eu estava lá. Parece que passaram o dia inteiro brincando por ali. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 2 de maio de 2003)

Fui à casa do Amarildo com a Larissa. Almoçamos por lá mesmo. Enquanto almoçávamos, Amarildo mostrou-me o CD Ciranda Infantil do MST. Enquanto escutávamos as músicas, Larissa pegou o encarte do CD e fez um comentário: “olha, colocaram outra coisa no lugar do Brasil”. Ela se referia à palavra “Brasil” que estava escrita na Bandeira do MST. Na bandeira do MST, desenhada no encarte do CD, ao invés de estar escrito “Movimento dos Trabalhadores Rurais – Brasil” constava “Movimento dos Trabalhadores Rurais – Plantando Cirandas”. Perguntei a Larissa o que estava escrito no lugar de Brasil, e percebi que ela tinha uma clara dificuldade de leitura. Aí o Amarildo comentou que, apesar de ela estar na primeira série, não sabe ler direito. Fiquei impressionada! Ao que parece, a referência dela sobre a bandeira do MST parece ter muito mais haver com o vivido, com o contato que tem no dia-a-dia com os símbolos do Movimento do que com o mundo da escrita. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 09 de maio de 2003)

Brincar, cuidar das obrigações domésticas, fazer parte de uma rede de sociabilidades infantis, conhecer bem os símbolos que fazem parte do seu dia-a-dia. Perceber em um acampamento do MST o seu aspecto cotidiano é olhar para as *práticas comuns* (CERTEAU, 1994, p. 35) – como as descritas acima – realizadas por pessoas igualmente comuns, também como parte da luta do Movimento. Por outro lado, as crianças deixam bastante claro a possibilidade de (re)produção da existência humana dentro de um espaço-

tempo de um movimento social.

O que vem sendo produzido cotidianamente num espaço-tempo do MST, e até mesmo o que é considerado como *ação comum*, tem especificidades: pelo fato de os *sujeitos praticantes* estarem inseridos num contexto de conflito social, qual seja, a luta pela terra, e, também por estes mesmos sujeitos terem acrescentado à *produção mais básica da [sua] existência* o estar em e ser do Movimento Sem Terra.

Neste sentido, e olhando pelo viés da produção da cultura infantil, as crianças do Dois de Julho apresentam-nos, pelo menos, três elementos para se pensar o cotidiano de um acampamento Sem Terra: os acampamentos do MST são constituídos a partir das ações de um movimento social; são, também, fruto de uma construção social de pessoas oriundas das camadas populares e, por fim, possibilita a criação da constância de um grupo social, qual seja, a possibilidade para os seus moradores e moradoras de viver o dia-a-dia naquele espaço-tempo.

O tema cotidianidade não foi o foco central desta pesquisa. Porém, tendo emergido como um aspecto recorrente nos depoimentos das crianças, acredito ser importante compreender a cotidianidade num espaço-tempo de luta pela terra.

3.1.1 – O acampamento Sem Terra é fruto das lutas de um movimento social

Um primeiro elemento apresentado para se pensar sobre a construção da cotidianidade dentro de **um acampamento Sem Terra** é olhá-lo como **produto de um conflito social, qual seja, a luta pela terra, e da ação coletiva desencadeada com o propósito de modificar esta realidade social**. Um movimento Sem Terra pode ser compreendido como *grupos que se organizam na busca de libertação, ou seja, para superar alguma forma de opressão e para atuar na produção de uma sociedade modificada* (SHERER-WARREN, 1987, p. 9). O acampamento apresenta-se também como uma

estratégia de luta do MST, que vai sendo combinada com outras ações antes e depois do seu estabelecimento:

Os acampamentos são espaços e tempos de transição na luta pela terra. São, por conseguinte, realidades em transformação. São formas de materialização da organização dos sem-terra e trazem em si os principais elementos organizacionais do Movimento. Predominantemente são resultados de ocupações. São portanto, espaços de luta e de resistência.[...] As ações de ocupar e acampar interagem com o processo de espacialização e territorialização.[...] Todavia, em suas experiências os sem-terra compreenderam que acampar sem ocupar dificilmente leva à conquista da terra. A ocupação da terra é trunfo nas negociações. Muitos acampamentos ficaram anos na beira das rodovias sem que os trabalhadores conseguissem ser assentados. Somente com a ocupação obtiveram êxito na luta. (FERNANDES, 2000, p. 293-294)

Esta vivência faz pensar naquilo que a luta pela terra traz de lições e aprendizados comuns a esta situação – solidariedade, coletividade, afirmação de novas relações interpessoais, *vida em movimento* são alguns desses aprendizados citados por Caldart (2000a) – e vem contribuindo para a formação da identidade de Sem Terra.

Entre os aprendizados proporcionados pela vivência no Dois de Julho, e dos quais as crianças nos dão notícia, estão os enfrentamentos acontecidos a partir do encontro com os “não Sem Terra”. Quando, por exemplo, Emerson fala *Já vi [na escola] criança falando que nós somos robador de terra*, nos faz pensar no porquê de ter sido construída esta referência sobre as crianças do Dois de Julho.

A tese de doutoramento *Representações Sociais de Professores Sobre os Alunos no Contexto da Luta Pela Terra* (ROCHA, 2004) traz elementos que nos ajudam a refletir a respeito da imagem que os “não Sem Terra” constroem sobre os Sem Terra. Uma das representações sociais construídas sobre estes alunos de que a autora trata é a posição dos professores sobre a ocupação da terra. Num universo de trinta e cinco professores entrevistados, *trinta e quatro eram contrários à luta mediante a ocupação antes do contato com os alunos da luta pela terra* (ROCHA, 2004, p. 166). Esta opinião, no entanto, ia se alterando no decorrer da convivência diária entre os professores e os alunos. Ainda assim, oito

dos professores mantiveram intacta a opinião de serem contrários a ocupação de terras:

O grupo que é contrário à ocupação compartilha a idéia de que a terra é de quem comprou. Mesmo sem o uso ela é posse, e esta condição tem que ser respeitada (IDEM, p. 167).

Apontada como “a marca do MST”, a ocupação de terras como forma principal de luta (CALDART, 2000a, p.80) é algo que chama a atenção da sociedade brasileira e internacional (IDEM). Isto porque o Movimento tem colocado a necessidade de do cumprimento da função social da terra, como reza a Constituição Federal de 1988. Tanto que Caldart apresenta-nos a ocupação como uma vivência sociocultural distinta na formação do Sem Terra, embora seja inter-relacionada ao viver no acampamento:

*Do ponto de vista pedagógico, a ocupação de terras é, das vivências aqui analisadas, talvez a mais rica em significados socioculturais que formam o sujeito Sem Terra e projetam **mudanças lentas e profundas** [grifos da autora] no modo das pessoas se posicionarem diante da realidade do mundo. Ao provocar uma ruptura fundamental com determinados padrões culturais hegemônicos, prepara o terreno para os aprendizados desdobrados das demais vivências. Talvez por isto seja também a forma de luta mais combatida pelos que defendem o **atual estado das coisas**. [Idem] [...] A ação de ocupar uma terra representa para o trabalhador ou trabalhadora que não tem terra, o momento de reação contra esta condição social e de sua saída do anonimato. De um dia para o outro passa a ter um segundo nome próprio, sem-terra, pelo qual certamente será chamado com mais frequência que o primeiro. (CALDART, 2000a, p. 108-109)*

Ao que parece, assumir a identidade de Sem Terra é carregar no seu dia-a-dia o legado de enfrentar adjetivações como a de *robador de terra* e, ao mesmo tempo, criar formas desde criança e, ainda que não expresse uma postura sociopolítica consciente, de explicar a diferença entre *ocupar* e *invadir*:

os meninos na escola ficam falando que a gente roba terra. Eu explico pra eles que a gente não rouba, não, que a gente quer terra pra plantar, mas eles não acreditam. (Emerson)

Olhar o acampamento como fruto das lutas do Movimento é também percebê-lo com uma ação que, enquanto estratégia de luta, encontra-se combinada com outras ações. As crianças apontam, como parte do seu cotidiano, outros espaços-tempo que vêm

freqüentando: marchas, protestos, viagens, visitas a outros acampamentos e assentamento, participações em encontros.

Por fim, compreender o acampamento como parte da luta pela terra é olhá-lo como tempo de transição na luta pela terra, ou seja, é necessário que as famílias consigam a posse da terra, e conquistem condições que proporcionem permanecer, trabalhar e produzir na terra. Daí que a posse da terra é algo muito presente na expectativa de futuro das crianças do Dois de Julho, tão bem sugerido pela Cíntia, quando fala do assentamento que visitou:

Cada um [...] tem sua casa [...] cada um tem seu pedaço de terra [...] morar em casa de tijolo é melhor, né, do que morar numa casa de lona. (Cíntia)

3.1.2 – O acampamento Sem Terra é uma construção social de pessoas oriundas das camadas populares

A convivência com as crianças também apontou **a base social que constitui o Acampamento Dois de Julho** como fundamental para se compreender a construção da cotidianidade em um espaço-tempo do MST: **pessoas oriundas das camadas populares da nossa sociedade**

os camponeses expulsos pela modernização da agricultura tiveram fechadas estas duas portas de saída – o êxodo para as cidades e para as fronteiras agrícolas. Isso os obrigou a tomar duas decisões: tentar resistir no campo e buscar outras formas de luta pela terra nas próprias regiões onde viviam. Esta é a base social que gerou o MST. (STEDILE e FERNANDES, 1999, p. 17).

Ao pensar a construção da cotidianidade de um acampamento Sem Terra olhando particularmente para o *material humano* que o constitui podemos perceber que se trata de uma população com vivências e aprendizados muito diversos daquilo considerado “modo de vida camponês”. Tanto que nos parece já não ser mais possível reduzir a questão agrária a uma dicotomia “rural X urbano”.

Em conversas com moradores e moradoras pude perceber que boa parte era

constituída de pessoas que haviam saído do campo e ido para a cidade em busca de trabalho e moradia³². Alguns deles, assim como as crianças tomadas como sujeitos principais nesta pesquisa, nunca tinham morado no espaço rural antes do Dois de Julho. Mas voltar ou passar a morar no campo, ainda que num acampamento – ou seja, não ter a garantia da posse da terra –, trouxe a estas famílias a possibilidade de trabalho/renda (principalmente a produção de alimentos, ainda que totalmente voltada para a subsistência, e acesso a programas sociais dos governos federal, estadual e municipal), moradia e, no caso específico das crianças, a vivência do lúdico e da brincadeira, de forma livre.

As famílias urbanas vêm compondo a luta do MST. Talvez aí esteja uma das justificativas do Movimento se autodenominar *movimento social de luta de massas*. Algo representativo para citar é a quantidade de acampamentos e assentamentos do MST na Região metropolitana de Belo Horizonte: atualmente doze, segundo informações da Secretaria Estadual do Movimento

O MST vem há mais de três anos realizando um trabalho de mobilização de famílias urbanas na região metropolitana de BH, levando-as de volta ao campo, através da luta pela Reforma Agrária. A ação do MST na organização dos trabalhadores acontece em bairros, morros, favelas de BH, Contagem, Betim, Ibirité e outras cidades [desta região metropolitana]. A essência desse trabalho é o convite e a organização das famílias para a luta. (SUPTITZ, 2003, p. 12)

Outra consideração importante de se fazer ao pensar no pertencimento social dos Sem Terra como elemento constitutivo da cotidianidade num acampamento: pessoas oriundas das camadas populares, pobres do campo e da cidade. Dentro das Ciências Sociais, durante muito tempo se privilegiou *a falta ou avesso do que deveria ser* (SARTI, 1996, p. 18)

³²Em *O Povo Brasileiro* Darcy Ribeiro sugere algo que ajuda a pensar sobre esta questão. Os grupos que o autor apresenta como constitutivos de todas as áreas socioculturais brasileiras (p. 271): Brasil Crioulo; Brasil Caboclo; Brasil Sertanejo; Brasil Caipira e Brasis Sulinos sugerem um jeito de ser socialmente produzido no espaço do campo e não no espaço urbano. Se olharmos também para a nossa história recente, perceberemos que nosso país, em mais de 500 anos de invenção, conta com pouco menos de 50 anos de vida eminentemente urbana. Então, não é difícil afirmar que todos nós, brasileiros, temos, de uma certa forma, uma ascendência camponesa muito próxima. RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro – A formação do sentido do Brasil*. 2ª Edição. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

como foco principal nos estudos sobre os pobres, por vezes dando até maior ênfase à pobreza de que aos sujeitos, construindo uma visão negativa dos pobres. Mas *a pobreza tem [...] uma dimensão social e simbólica que define os “pobres”* (IDEM). Dissociando-se da carência material como critério exclusivo pelo qual ela se delimita, *é possível defini-la por eixos distintos* (IDEM, p.22).

Olhar para o acampamento Sem Terra, assim como outros espaços-tempo do MST, como *lugar dos pobres*, nos faz pensar também sobre a necessidade de se reverter a visão de negatividade, hegemonicamente construída sobre os pobres, que talvez fique bem enfática nas denominações que são atribuídas às crianças pertencentes às camadas populares: “menores”, “crianças abandonadas”, “crianças em situação de risco social e pessoal”, “pivetes”, “trombadinhas”, “crianças oprimidas”, “crianças sem infância” (CORREIA, 2004). Não que estas condições de vida/situação socioeconômica sejam desconhecidas da nossa infância no Brasil. É necessário que o viés da pobreza risco social/assistencialismo/criminalidade (GEBARA, 2004) não seja absolutizado.

Na apresentação do livro *Palmares: a guerra dos escravos*, Décio Freitas, procurando desmistificar o comportamento de passividade que a historiografia oficial brasileira, durante muito tempo, dedicou aos escravos, em relação à escravidão no Brasil, comenta: *Nenhuma categoria social lutou de forma mais veemente e conseqüente contra a escravidão que a dos próprios escravos*(FREITAS, 1982, p.12). Da mesma forma, quando olhamos para os sujeitos da luta pela terra e do MST, pobres do campo e da cidade, parece possível fazer uma paráfrase: **nenhuma categoria social lutou (e tem lutado) de forma mais veemente e conseqüente contra os efeitos da pobreza e da exclusão social que os próprios pobres**. Isto também faz com que não percamos de vista o caráter classista da luta pela terra e do MST.

3.1.3 – O “*todo dia*” em um acampamento do MST

Todo dia eu acordo, vou para a escola. Depois que eu chego da escola, eu tomo banho, almoço e vou para o PETI. Depois que eu chego do PETI, eu tomo banho, faço o dever, aí depois eu janto, durmo, aí no outro dia eu vou pra escola de novo. Aí começa tudo de novo. (Cíntia).

Todo dia ela faz tudo sempre igual/Me sacode às seis horas da manhã/Me sorri um sorriso pontual/ E me beija com a boca de hortelã [...] Todo dia eu só penso em poder parar/ Meio-dia eu só penso em dizer não/ Depois penso na vida pra levar/ E me calo com a boca de feijão [...] (HOLANDA, Francisco Buarque de. Cotidiano. In: Chico. CD I. Volume I. Série Grandes Nomes. São Paulo:Polygran, [199?])

Ao reler o trecho da entrevista da Cíntia sobre a sua rotina, me veio ao pensamento esta canção do Chico, exatamente porque ambas apresentam o **entendimento de cotidiano que será trabalhado neste tópico: o *todo dia***. Por se tratar de um movimento social, este aspecto apresenta-se quase que “invisível a olho nu”. Dificilmente esse elemento teria a devida importância neste trabalho, se não tivesse sido uma pesquisa de “tipo etnográfico”.

No começo do trabalho de campo se a intenção era “mergulhar” no cotidiano do acampamento para desvendar os significados atribuídos pelas crianças ao fato de pertencerem a um movimento social, no decorrer das observações as crianças foram apontando o fazer de *todo dia* como fundamental na produção destes significados, devolvendo, para a reflexão nesta pesquisa, o cotidiano, não mais como uma “estratégia de campo”, mas como meio e fim na produção da infância e do saber-se/fazer-se/sentir-se Sem Terra por parte dessas crianças. Talvez por isso mesmo, para Cíntia, Emerson e Paula, ser Sem Terra está tão ligado a morar no Acampamento Dois de Julho.

Uma das permanências históricas que o MST traz na sua luta é que o espaço físico do conflito/ação coletiva e o da (re)produção material e simbólica da existência dos sujeitos inseridos neste processo é o mesmo. Talvez por isso, historicamente, as estratégias utilizadas pelas elites e pelo Estado para acabar com as lutas que tinham como eixo a questão agrária, parecem sempre ter sido a mesma: repressão violenta, destruição completa do

território e dispersão da população sobrevivente. Isto parece muito claro se olharmos para os exemplos de Palmares, Canudos, das lutas de indígenas por todo o território brasileiro, das Ligas Camponesas e de tantos acampamentos do MST pelo Brasil (FERNANDES, 2000).

Para além daquilo considerado extraordinário destes movimentos, ou seja, *indivíduos e grupos explorados economicamente, desvalorizados e dominados culturalmente* (PALUDO, 2001, p.33) *insertar-se no processo histórico como sujeitos* (FREIRE, 1978, p. 20), voltar o olhar para o cotidiano, traz a possibilidade de perceber relações socioculturais próprias do fazer de todo dia. A Invenção do Cotidiano (CERTEAU, 1994 e CERTEAU, GIARD, MAYOL, 1996), produto final de um estudo sobre cultura popular³³, dá visibilidade a um aspecto importante para se compreender o cotidiano: as práticas comuns (CERTEAU, 1994, p. 35).

Este aspecto mais prático do cotidiano, ou *a cultura como ela é praticada* (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996, p. 335), que *viu multiplicar os estudos sobre tradições orais, a criatividade prática e os atos da vida cotidiana* (IDEM), é que vai interessar na compreensão da construção da cotidianidade do Dois de Julho: *táticas de*

³³ Trata-se de uma pesquisa encomendada por um órgão público francês a um grupo de intelectuais coordenado pelo historiador Michel De Certeau, sobre os problemas de cultura e sociedade na França, em meados dos anos setenta. *Um documento de trabalho, enviado ao comanditário em fevereiro de 1975, enfatiza “cultura comum e cotidiana enquanto apropriação (ou reapropriação)”, o consumo ou recepção considerada como uma “maneira de praticar”, enfim a necessidade de elaborar modelos de análise que correspondam a essas trajetórias (ou série de operações articuladas umas às outras no tempo). Ficam, portanto, definidos um campo de objetos, uma linha de pesquisa, uma tarefa teórica* (GIARD, Luci. História de uma Pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. P. 16)

*praticantes*³⁴ (CERTEAU, 1994, p. 45) *apropriação ou uma reapropriação*³⁵ (IDEM, 1994, p. 50) expressada pelo fazer de *todo dia*. Olhando para os relatos de campo e para os depoimentos das crianças não é difícil “apropriar-se” de vários trechos da obra para refletir sobre a *invenção do cotidiano* no Dois de Julho. Mas, dessas coincidências possíveis entre o cotidiano de um bairro urbano francês e o *todo dia* relatado por Cíntia, reafirmado pelo trabalho de campo, vou me ater ao que as crianças colocaram como central no reconhecimento de ser Sem Terra: morar.

Este é também título do primeiro capítulo da primeira parte do Volume II da *Invenção do Cotidiano*. Trata-se de *um estudo*³⁶ *sobre as maneiras de morar na cidade [...] elucidar as práticas culturais de usuários da cidade no espaço de seu bairro* (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996, p. 37). Morar vai aparecendo no campo das táticas dos praticantes, conformando uma (re)apropriação do espaço pelos usuários: *a prática do bairro é desde a*

³⁴ A categoria **tática** vai aparecer em *A Invenção do Cotidiano* por todo trabalho, em contraposição à estratégia. Segundo Certeau *As estratégias são, portanto, ações que, graças a um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças distribuem [...] privilegiam, portanto, as relações espaciais. [...] As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que, em um instante preciso de uma intervenção, transforma em situação favorável à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre os momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. [...] as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece a gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. [...] Meu trabalho [...] consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no ponto de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidade nas manobras, operações polimórficas, achados alegre, poéticos, bélicos.*(CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. P. 104-105)

³⁵ *Do confronto entre estratégias e táticas resulta uma apropriação, ou apropriações. [...] Para Certeau não se trata de elaborar um modelo geral ao qual se possa submeter às práticas, mas de especificar as categorias que possam explicar as práticas num contexto particular de representações coletivas. Mais importante, portanto, do que uma teoria das práticas de suposta validade universal, a ser utilizada aqui e ali na explicação de determinados fenômenos sociais, são as formas através das quais os sujeitos sociais se apropriam das representações coletivas com as quais estabelecem relações.* (SOUZA, João Valdir Alves de. *Estrutura e ação na sociologia contemporânea: Pierre Bourdieu e Michel de Certeau*. In: *Revista de Ciências Humanas*. Viçosa, julho 2003, v. 3, n. 1. p. 29)

³⁶ *Esse estudo sobre a prática de um bairro por uma família da Croix-Rousse, em Lion que teve como função ilustrar pormenorizadamente, com casos concretos, uma maneira comum de ler as práticas ordinárias, e por à prova sugestões teóricas* (GIARD, Luci. *Momentos e Lugares* In: CERTEAU, Michel de, GIARD, Luci e MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano: 2. morar e cozinhar*. Petrópolis, RJ: 1996. P. 26-27)

infância uma técnica do reconhecimento do espaço como social. (IDEM, p. 44). Parece possível fazer uma paráfrase para o nosso caso: **a prática do acampamento é desde a infância uma “técnica” do reconhecimento do espaço como social**

Mas antes que tornemos a esta paráfrase, ou que venhamos a fazer outras, procede aqui detalhar esta prática. A definição usada para *prática do bairro* pressupõe que a relação humana com o bairro é muito mais do que é sugerido pelo aspecto físico/geográfico. Daí que o bairro aparece como expressão da vida cotidiana

Aparece assim como o lugar onde se manifesta um “engajamento social” ou noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos e comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição [...] o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga respeitar para que seja possível a vida cotidiana (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996, P.39)

O bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele se constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. (IDEM, p.40)

O bairro é uma noção dinâmica que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação. (IDEM, p. 42)

Pelo fato do seu uso habitual, o bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço público [...] Um bairro, poder-se-ia dizer, é assim, uma ampliação do habitáculo; para o usuário, ele se resume à soma de trajetórias inauguradas a partir do local de habitação. (IDEM)

Além disso, o bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial [...] É sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social. (IDEM)

Alguma semelhança com o Acampamento Dois de Julho? Os depoimentos das crianças e os relatos de campo vão dando a dimensão desta *arte de conviver* no Dois de Julho: a relação de contratualidade social que todos são obrigados a respeitar para que seja possível conviver ali dentro; o *domínio do ambiente social* que é exercido individualmente e socialmente pelos acampados e acampadas; a dinâmica produzida social, histórico e culturalmente por cada um e por todos em conjunto, e que atua com a dinâmica daquele espaço-tempo do movimento social.

Estes elementos práticos vão conformando uma apropriação do espaço-tempo do acampamento pelos seus acampados e acampadas. Aprendizados dos *comportamentos, benefícios simbólicos e conveniências* dos lugares, do andar, do vestir, do portar-se do lado de fora da casa, enfim, uma possibilidade de cada um *se inscrever no espaço público* (IDEM, 42). O *todo dia* num acampamento Sem Terra sugere

uma convenção coletiva tácita, não escrita mas legível por todos os usuários, através dos códigos de linguagem e comportamento. Toda submissão a esses códigos, bem como toda transgressão, constitui imediatamente objeto de comentário. (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996, p. 47)

Fazer amizades com outras crianças, morar em lugares mais distantes dentro do próprio acampamento porque *[lá] tem sossego*, ficar apreensivo porque o amigo que foi picado por uma cobra venenosa está em coma, acostumar-se ao espaço do acampamento, brincar, participar das festas, ir à assembléia, não parece sugerir **prática do acampamento**? Aqui, esta paráfrase parece encontrar razão de ser. A consciência do Dois de Julho antes como espaço social é algo que vai atravessar todo o depoimento das crianças. Da apresentação pessoal à memória construída sobre os quatro anos do acampamento; do processo de adaptação a preferir o acampamento à cidade; são estas as relações sociais que se apresentam fundamentais para a construção social da infância e da identidade de Sem Terra.

A **prática do acampamento** é também uma prática cultural, no sentido de ser uma

Combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluída, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social. (IDEM, p. 40)

Assim, quando as crianças fazem referência ao morar no acampamento como o fundador da sua identidade de Sem Terra, fazem-nos pensar no espaço-tempo do acampamento como *relação entre pessoa e mundo físico e social* (IDEM, p. 43). Um

acampamento Sem Terra é mais do que o espaço físico/geográfico resultado da ocupação. Por vezes ele não é nem um espaço físico fixo. Como nos lembra Emerson, *tem alguns acampamentos que você vai para assentar e não dá, né? Você é despejado*. Em oposição, o Dois de Julho - *foi a primeira vez que nós entrou aqui [...] teve despejo e nós não foi. Nós ficou aqui até hoje*, mas nem todo acampamento Sem Terra tem a mesma “sorte”.

Existem experiências de acampamentos do MST, despejados da terra pouco tempo depois da ocupação, sendo que as famílias permanecem acampadas nas margens da rodovia, em alguma área de assentamento próxima ou, ainda, próxima de alguma cidade³⁷. Mas, percebendo a fala das crianças, o Dois de Julho tornou-se praticamente a sua referência de vida, exatamente porque se inscreve no domínio do “prático”, da produção do *todo* dia, daquilo que *é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que [...] permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente* (IDEM, p. 40).

3.2– Movimento social como produto e produtor de cultura

O MST, por sua natureza, é um movimento de massas. Carrega em si uma enormidade de diferenças, hábitos, jeitos, métodos e comportamentos que às vezes confundem os inimigos [...] A luta vai criando hábitos e jeitos que dão identidade à organização e aos poucos descobrimos que a cada passo construímos nossa experiência, que chamamos de MST. Assim ocupamos terra, lutamos por crédito, educamos crianças, construímos casas e escolas, participamos de disputas eleitorais, gravamos CDs, protestamos contra as privatizações, fazemos ações de solidariedade. [...] Tudo isto vai fazendo parte da vida da gente que luta no MST. Será que isto tem algo a ver com cultura? (BOGO, 2000, p. 5)

Tem muito a ver, responde o autor mais adiante, no mesmo texto. Esta pesquisa também tem apontado muito disso. Os três aspectos, descritos no primeiro capítulo como

³⁷ Um bom exemplo disso é o Acampamento Rosa do Prado, resultado da ocupação de um latifúndio no município de Prado, extremo sul do estado da Bahia. Desde quando foi ocupado, no início dos anos 90, este acampamento sofreu nove despejos. Mas a comunidade permanecia acampada em lugares próximos e tornava a ocupar a área. Hoje esperam na justiça a desapropriação da terra e o assentamento das famílias, que moram na área inicialmente ocupada. Fonte: MST/BA (s.d.).

cenar da vida real, nos dão a idéia de uma infância com experiências muito particulares em um contexto de luta pela terra: a criação de uma rotina para as crianças, sua incorporação na dinâmica de um movimento social e a criança também como portadora desta memória coletiva do processo de luta pela terra. Sem dúvida, tudo isto *tem muito haver* com cultura.

Embora não seja intenção deste trabalho aprofundar sobre o caráter sociocultural dos movimentos sociais, gostaria de apresentar, de forma panorâmica, a preocupação com o aspecto sociocultural no MST, e aquilo que a pesquisa apontou como outros focos para se olhar o movimento social. Até porque foi algo percebido pelo processo de pesquisa: a existência de uma construção sociocultural infantil, com especificidades muito próprias da vivência num movimento social. Seria oportuno, acredito, compreender um pouco do processo da construção sociocultural que produz uma infância com aspectos tão particulares.

É justo dizer que os estudos culturais não deram importância suficiente aos movimentos sociais como aspecto vital da produção cultural (ALVAREZ, DAGNINO E ESCOBAR, 2000, p. 19). Da mesma forma, o contrário também parece ser verdadeiro: os estudos sobre movimentos sociais ainda têm dado pouca ênfase ao aspecto sociocultural. O foco quase que absoluto no aspecto político tem marcado grande parte da produção. Segundo Gonh (2003), a temática movimentos sociais esteve bastante presente na sociologia brasileira nos anos 70 e 80, *tendo sido considerado por alguns analistas, como fonte de renovação das ciências sociais e da forma de fazer política* (GONH, 2003, p. 7).

A mesma autora também salienta a importância do MST, principalmente no decorrer da década de 90, na retomada das lutas por reforma agrária, através da ocupação de terras (GONH, 1997). Sherer-Warren aponta mais um fator que nos ajuda a pensar sobre o aspecto cultural no MST:

os valores cultivados no MST tiveram influência das três matrizes mencionadas: cristã,

marxista-leninista e o ideário democrático do novo movimento cidadão. O intercruzamento destas influências e a capacidade de sua introdução na prática e experiências cotidianas dos “sem-terra” que participam do movimento, vão dando forma a uma meta-ideologia ao MST. (SHERER-WARREN, 2002, p. 252)

Vinte anos após sua institucionalização³⁸, o MST reúne aproximadamente dois milhões³⁹ de homens, mulheres, jovens, crianças e idosos – pessoas vindas de vários estratos das camadas populares, famílias de pequenos agricultores, posseiros, famílias de periferias urbanas, militantes vindos da Igreja Católica ou de partidos de esquerda, e até pessoas de outros países que se integraram à luta deste movimento, espalhadas em assentamentos e acampamentos em vinte e três estados brasileiros.

O MST tem chamado a atenção dos diversos segmentos da sociedade, como nos lembra Caldart, *por apresentar determinadas características que o distingue em sua trajetória de movimento social de trabalhadores e trabalhadoras do campo* (CALDART, 2000, p.4). Algumas destas características apresentadas pela autora são: a radicalidade das ações e dos sujeitos que o movimento envolve, as várias dimensões de atuação da luta, para além da luta pela terra e pela reforma agrária; ser um movimento dos excluídos da sociedade; a capacidade que construiu, ao longo de sua trajetória, de universalizar a luta pela reforma agrária (CALDART, 2000).

§Bogo (2000) apresenta, em linhas gerais, algumas reflexões que vêm sendo desenvolvidas no interior do MST sobre esta temática. Define cultura como *tudo o que criamos, fazemos e sentimos* (BOGO, 2000, p.9), discute seu significado político e ideológico e aponta caminhos que proporcionem o avanço na conquista de seus objetivos: a luta pela terra, pela reforma agrária e por mudanças estruturais na sociedade. *A cultura dos Sem Terra* reflete a experiência e legado material e simbólico, produzidos a partir da luta dos Sem Terra:

³⁸ Ao leitor interessado em conhecer mais da trajetória histórica do MST reportamos a Bogo, 1999; Caldart, 2000; Fernandes, 1998 e 2001; Fernandes e Stédile, 1999, sobre este tema.

³⁹Fonte: <http://www.mst.org.br/historico/historia.htm>

Sem Terra deixa de ser categoria social para tornar-se nome próprio quando identifica um grupo social que decidiu ser sujeito para mudar a condição social através da organização política, forjando daí sua própria identidade, com ideologia e valores. (BOGO, IDEM, p.22)

Eu acho que já sou Sem Terra; nós tamo num “negócio” de Sem Terra. Tamo porque nós é um Sem Terra; eu faço parte do MST, dizem as crianças do Dois de Julho, afirmando mais do que uma condição sócio-política, mas uma identidade historicamente construída (MST, 1999, p. 9). A discussão e prática pedagógica do Movimento também encontra razão de ser aqui:

*No processo de humanização dos sem-terra, e da construção da identidade de Sem Terra, O MST vem produzindo um jeito de fazer educação que pode ser chamada **Pedagogia do Movimento**. É do Movimento por ter o Sem Terra como sujeito educativo e ter o Movimento como sujeito da intencionalidade pedagógica de fazer educação. E é também do Movimento porque se desafia a perceber o movimento do Movimento, a transformar-se transformando. (MST, 1999, p. 6)*

O MST, ao mesmo tempo em que se mostra capaz de produzir um sentimento de pertença entre os seus sujeitos e enraizar a identidade, apresenta-se também como produto da “mistura” de uma *enormidade de diferenças, hábitos, jeitos, métodos e comportamentos* – que talvez justifique sua auto-denominação *movimento de massas* – e nos remete a pensar nos sujeitos que constituem e são constituídos neste contexto de luta.

Compreender as crianças como sujeitos socioculturais, e por conseqüência a infância como um construto sociocultural, impõe-nos o desafio de percebê-las como produto e produtoras do seu universo cultural. Se o Movimento vem se mostrando como lugar de se viver a infância, as crianças também vão se apresentando como sujeitos na construção sociocultural; se a **prática do acampamento** aparece como fundamental na produção da infância no MST, seus meninos e meninas apresentam-se como (re)criadores e/ou (re)produtores deste processo, e não somente como produto.

A experiência das incertezas do tempo de acampamento, a esperança de que um

dia a terra seja assentada, tenha *muitas plantações*, que *as casas sejam de tijolo*, a referência do MST como aquele que tira das ruas e dá um pedaço de terra, tudo isso vai aparecendo como parte significativa de uma vivência infantil, um processo de formação humana que coloca elementos para refletir sobre a dimensão cultural e educativa dos movimentos sociais, em especial aqueles movimentos de luta pela terra, onde não se exclui por faixa etária: *Todos, mulheres, homens, crianças, jovens integrados nesse movimento social, constituindo como sujeitos de direitos. Acordando e lutando. [...] se educam como coletivo.* (ARROYO, 1999, p. 24):

Quando eu entrei na Escola, os meninos começaram a falar que eu era sem-terra, que não gostavam de ficar perto de mim. Ai acabou que eles começaram a me conhecer melhor. Agora eles não botam preconceito nenhum no MST, não. [...] Eu converso com eles, falo o que é o MST. (Paula)

Onde nós aprendeu a plantar e cuidar dos bichos? Foi no acampamento. [...] Tem muita gente do acampamento que ensinou nós. (Emerson)

Eu já aprendi muitas coisas com os Sem Terra. [...] Acho que não sou mais a mesma pessoa de antes. Sou muito diferente. (Cíntia)

Falar para os colegas na escola sobre o MST; aprender o trabalho do campo com as pessoas do acampamento; considerar que já não é mais a mesma pessoa de antes, tudo isso aponta muito dos processos educativos que vêm se desenvolvendo numa situação de luta pela terra. Processos educativos estes que *passam pelo conjunto de experiências, de vivências que o ser humano tem ao longo de sua vida* (ARROYO, 1999, p. 26). Também são processos em que as crianças são reconhecidas e se reconhecem como sujeitos. Isto talvez tenha sido o que as crianças do Dois de Julho nos mostram de forma mais enfática: o caráter educativo da luta pela terra, o processo fazer-se/saber-se/sentir-se Sem Terra inserido num contexto de luta social, o *não ser mais a mesma pessoa de antes*:

Neste mundo de monopólios e desemprego, de concentração e exclusão, a luta do MST é a luta dos cidadãos, de trabalhadores em busca do direito ao trabalho, à saúde, à escola, à cultura, ao lazer, etc. Enfim, é uma luta pelos bens e direito à cidadania. (MENEZES NETO, 2003, p.13)

As crianças do Dois de Julho são algumas das mais de 160.000 que estão espalhadas em acampamentos e assentamentos Sem Terra por todo Brasil e que, junto com suas famílias, lutam para *Recuperar a humanidade roubada* (ARROYO, 2002, p. 238); que vêm nos mostrando o quanto que a brincadeira, o lúdico, o direito de ser criança fazem parte da luta pela terra, e o quanto a luta pela terra e o MST fazem parte de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arrumei todo o material: gravador, fitas, cadernos de campo e comecei a me despedir do campo de pesquisa. Primeiro, saí até o fundo da casa do Amarildo [onde fiquei hospedada nas últimas visitas] e dei uma olhada geral para o acampamento: com certeza iria sentir saudades dali. Depois foi a vez de me despedir de todos do acampamento, principalmente das crianças, parte mais difícil de tudo. Passei de casa em casa como fiz na primeira visita, mas desta vez para dizer muito obrigada e para explicar que eu não iria voltar ali com tanta frequência, apenas para visitá-los. Assim segui o caminho das barracas no acampamento começando pela casa de Emerson; depois na casa da Andreza e Anália, em seguida na casa de Renato, Ketlen, Dautinho e Daniel; de Larissa; de Paula, Alisson e Laurinha; de Rafael e Helbert; de Cíntia; de David, Jéssica e Sasha; de Elenice e Janaína; de Ítalo e Cássia; de Amanda; e por fim na casa de Igor, Priscila, Willian e Ketlen. Não consegui me despedir de Rafaela e Raílsa pois elas não estavam no Acampamento neste dia, deixei só um grande abraço para as duas. Na casa do Igor tive que me segurar para não chorar, mas foi inevitável o nó na garganta. Após ter repetido ritual de agradecimento e explicação da minha saída de campo, ouvi dos avós dele que as portas de sua casa estariam “abertas” para quando eu quisesse voltar ali. Mas foi o menino quem mais me emocionou. Quando foi acompanhar-me até a saída da casa olhou para mim e falou “tia porque você não vem morar aqui com a gente?”. Não consegui nem responder direito, apenas dei-lhe um forte abraço de despedida. (DIÁRIO DE CAMPO, relatos de 27 de novembro de 2004)

Ao encerrar este texto algumas imagens e reflexões vieram-me à mente. Como por exemplo esta do último dia de campo. Ela transmite aquilo que o processo de pesquisa, de uma certa forma, significou para mim enquanto pesquisadora: uma relação tão científica quanto emocional, tão social quanto pessoal; uma relação de confiança, carinho entre pesquisadora e grupo pesquisado; e, porque não dizer, uma relação de bem querer. A relação pesquisadora e grupo pesquisado é antes de tudo uma relação de respeito mútuo, de cumplicidade.

Se durante as primeiras visitas ao Acampamento Dois de Julho, volta e meia me via debruçada sobre o projeto de pesquisa, à procura de categorias e suportes teóricos que explicassem melhor aquele universo cultural, com o passar do tempo fui estabelecendo uma relação de maior confiança com os sujeitos e meio pesquisado procurando muito mais aquilo o que realidade concreta me falava. Como salienta Brandão:

A realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos estes fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade. (BRANDÃO, 2002, p. 45)

A certeza de que as crianças do MST eram sujeitos com quem eu aprenderia mais sobre a infância e sobre o Movimento foi algo que esteve presente desde o início da pesquisa. Mas, confesso, elas sempre conseguiam me surpreender e me emocionar. Não só com gestos como este anteriormente citado, mas também quando falavam de certos aspectos do movimento social, não imaginado no início da pesquisa, ou mesmo quando me dei conta do (re) aprendizado pessoal que significou para mim envolver-me com as brincadeiras.

Se no decorrer dos capítulos sempre nos deparamos com a questão central do estudo, ao encerrar o texto fica a impressão de que uma outra questão tenha ficado implícita: o que aprendemos com as crianças do Dois de Julho? Mas se a pergunta parece ter ficado implícita, o mesmo não aconteceu com a sua resposta: aquilo que as crianças por meio das brincadeiras, das conversas informais ou das entrevistas gravadas nos dão notícias sobre os significados que atribuem ao fato de pertencerem ao MST, muito ajudou e nos ensinou sobre infância, movimento social, sobre “ser criança” e “ser Sem Terra”.

Assim estas crianças vão nos mostrando que construto sociocultural é a infância produzida no interior do MST. A luta pela terra aparece como uma experiência que atua na maneira de perceberem a si próprias. A vivência da infância dá-se no interior de experiências cotidianas coletivas de enfrentamento, seja diante de uma situação de conflito direto com o Poder Judiciário e com a Polícia como em uma ação de despejo, seja na conquista do respeito dos colegas na escola. A luta social passa ser, na vida destas crianças, uma vivência cotidiana. É essa situação permanente de conflito que as define como crianças de movimento social.

Elas também nos apresentam a dimensão do contexto sociocultural que é um acampamento Sem Terra: uma construção social de pessoas pertencentes às camadas populares da nossa sociedade reunidas a partir da e na luta de um movimento social. Também

nos mostram o quanto que ações do dia-a-dia também fazem parte da luta deste movimento social. Assim ser Sem Terra vai aparecendo como um tempo total, como uma vivência envolvente. O MST vai se mostrando como “lugar de criança” na medida que permite uma constância da vivência do infantil, incorporando as crianças a todos os espaços construídos na sua luta. Ser Sem Terra, para os pequenos, tem sido antes de tudo, um processo de aprendizado que se faz no Acampamento, na família, com os Sem Terra, com o movimento social.

Pertencentes à famílias ex-moradoras da periferia de cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, que de repente resolveram se integrar ao MST, estas crianças nos ensinam o quanto que estar no Acampamento Dois de Julho significou uma melhora em suas vidas. Uma das novidades apontadas, foi que, morar no acampamento significava, entre outras melhorias diretas, ter mais espaço para brincar e viver o lúdico de forma livre. Teria a vida na cidade privado estas crianças do direito de ir e vir e de brincar livremente? *A minha vida ta melhor aqui que na cidade*, nos fala a Cíntia; *Aqui a gente pode ficar correndo para todo lado por causa que não tem perigo de carro*, salienta Paula.

Enfim, se percebemos um acampamento Sem Terra como espaço sociocultural de construção da infância, e se pensamos nas crianças como sujeitos ativos, devemos entender a relação dialética entre este espaço e a formação de seus sujeitos: as crianças do Dois de Julho nos afirmam que o Acampamento e o MST tem uma importância singular em suas vidas, mas ao mesmo tempo são produtoras deste espaço social. Assim, observando as experiências relatadas pelas crianças do Dois de Julho é possível perceber como o MST, ou mais especificamente o Acampamento Dois de Julho, perpassa toda sua percepção de e no mundo.

O trabalho de campo foi dado como provisoriamente encerrado quando as dados coletados já se tornavam recorrentes. Assim este texto reflete os resultados decorrentes

daquilo o que as crianças do Dois de Julho nos apontaram como os significados que atribuem ao fato de pertencerem ao MST. Contudo outras dimensões do movimento social e da vivência da infância foram sendo percebidos ao longo do processo de pesquisa.

Por exemplo, quando famílias urbanas, moradoras de periferias e favelas, passam a fazer parte de um movimento social de luta pela terra, ocupando fazenda improdutivas e ali se estabelecendo até uma solução definitiva da justiça, não seria também um elemento para se pensar na complementaridade entre questão agrária e questão urbana? Da mesma forma, quando crianças nos falam de experiências tão singulares na sua infância, não nos traz a necessidade da construção de uma história social das crianças e da infância no movimento social? Temáticas como estas podem orientar futuros estudos.

Espero, enfim, que a presente pesquisa possa contribuir no sentido de se ampliar a compreensão sobre a infância no Movimento Sem Terra, bem como na superação do olhar a respeito das camadas populares marcado pela negatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, S.E.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000.

ALVES-MAZOTTI, A.J. O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação. In: *Cadernos de Pesquisas da Fundação Carlos Chagas*. Nº 77. São Paulo, Maio/ 1991. p. 33-61.

____. e GEWANDSZNAJDER, F. *O Método nas Ciências Sociais e Naturais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRÉ, M. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ARIÉS, F. *História social da Criança e da Família*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1976.

ARROYO, M.G. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, M.G. e FERNANDES, B.M. *A Educação Básica e o Movimento Social do Campo*. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, nº 2. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. p. 13-52.

____. Introdução. In: KOLLING, E., NERY, I. e MOLINA, M.(Orgs.). *Por uma Educação Básica do Campo – Memória*. Brasília: Articulação Por uma Educação Básica do Campo, 1998.

____. *Pedagogias em Movimento – o que temos a aprender dos movimentos sociais?* Belo Horizonte: Mimeo, 2001.

____. Recuperar a Humanidade Roubada. In: ARROYO, M. *O Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 238-251.

BENJAMIN, C.(org.). *A Opção Brasileira*. São Paulo: Contraponto, 1997.

- ____. e CALDART, R. *Projeto Popular e Escolas do Campo*. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo. Nº 3. Brasília: Articulação Por Uma Educação Básica do Campo, 2000.
- BOGO, A. *Lições da Luta pela Terra*. Salvador: Memorial das Letras, 1999.
- ____. *O MST e a Cultura*. Caderno de Formação nº 34. São Paulo: MST, 2000.
- ____. *O Vigor da Mística*. Caderno de Cultura nº 2. São Paulo: MST, 2002.
- BRANDÃO, C.R. A criança que Cria: conhecer seu mundo. In: BRANDÃO, C.R. *A Educação Como Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. P. 115-141.
- ____. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazer a melhor através da ação. In: ANCA (Associação Nacional de Cooperação Agrícola). *A ANCA e a Pesquisa*. Cadernos da ANCA. São Paulo: ANCA, 2002. p. 45-51.
- ____. Um “Eu” Chamado “Nós”: movimentos sociais, movimentos populares e a educação popular. In: BRANDÃO, C.R. *A Educação Popular na Escola Cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 230-279.
- BUJES, M.I.E. Que infância é Esta? In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Educação, 23, 2000, Caxambu. *Anais...* Cd Room. Caxambu: ANPED, 2000.
- CALDART, R.S. A Pedagogia da Luta Pela Terra: o movimento social como princípio educativo. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Educação, 23, 2000, Caxambu. *Anais ...* Cd Room. Caxambu: ANPED, 2000a.
- ____. *Educação em Movimento. Formação de educadores e educadoras no MST*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ____. *Pedagogia do Movimento Sem Terra – escola é mais que escola*. 2a. Edição. Petrópolis: Vozes, 2000a.

CASTRO, L.R. Infância e Adolescência Hoje. In: CASTRO, L.R. *Infância e Adolescência na Cultura de Consumo*. Rio de Janeiro: nau. 1999. P. 11-21.

____. Uma Teoria de Infância na Contemporaneidade. In: CASTRO, L.R. *Infância e Adolescência na Cultura de Consumo*. Rio de Janeiro: Nau. 1999a. p. 23-49.

CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petropolis: 1994.

CERTEAU, M.de, GIARD, L., MAYOL, P. *A Invenção do Cotidiano: 2. morar e cozinhar*. Petropolis: Vozes, 1996.

CONSULTA POPULAR. *Projeto Popular Para o Brasil*. Cartilha para debate em grupos. São Paulo: Consulta Popular, 1996.

CORREIA, L.O. *Infância e Movimento Social no Brasil: o caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra*. Belo Horizonte: mimeo. 2003.

____. O Movimento Social Enquanto Espaço-Tempo na Formação da Criança. In: Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais: identidade, diferença e mediações, 2, 2003, Florianópolis. *Anais...* CD Room. Florianópolis: UFSC, 2003a.

____. Por um Outro Olhar Sobre as Crianças Pertencentes às Camadas Populares: O Movimento Sem Terra e suas crianças. In: Encontro Regional de Pesquisa em Educação da Região Sudeste: política, educação e conhecimento, 4, 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* CD Room. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

____., GIOVANETTI, M.A.G.C. e GOUVÊA, M.C.S. Movimentos Sociais e Experiência Geracional: a vivência da infância no Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, 2004, Coimbra. *Anais...* CD Room. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

- CUNHA, E. *Os Sertões*. Coleção A Obra Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret. 2002.
- DA MATTA, R. O Ofício do Etnólogo ou Como Ter Antropological Blues. In: *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1978. p.23-46.
- DELGADO. A.C.C. O Que nós Adultos Sabemos Sobre Infâncias, Crianças e Suas Culturas. In: *Revista Espaço Acadêmico, Curitiba*, nº34, Março, 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 09 de março de 2004.
- DERMATINI, Z. B. F. Infância, Pesquisa e relatos Oraís. In: FARIAS, A,L.G., FABRI, Z.D.F. E PRADO, P. D. (Orgs.) *Por uma Cultura de infância – metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- FERNANDES, B. M. *A Formação do MST no Brasil*. Petropolis: Vozes, 2000.
- FERNANDES, B.M. *Gênese e Desenvolvimento do MST*. Caderno de Formação nº 30. São Paulo: MST, 1998.
- FERREIRA, I. *A História do MST em Minas Gerais*. São Mateus: Universidade Federal do Espírito Santo, 2002. Monografia (Pedagogia da Terra).
- FERREIRA, M. Do “Averso” do Brincar ou... as Relações Entre Pares, as Rotinas da Cultura Infantil, e a Construção da(s) Ordem(ens) Social(ais) Instituintes das Crianças no Jardim-de-Infância. In: SARMENTO, M. e CERISARA, A.B.(Orgs.) *Crianças e Miudos Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e da Educação*. Porto: Edições Asa, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. *Pedagogia do Oprimido*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.
- FREITAS, D. *Palmares: a guerra dos escravos*. Rio de Janeiro: Graal Edições, 1982.
- GEBARA, T.A.A. *Processos de Inclusão Social: um estudo a partir das vivências de*

educadoras infantis de associações comunitárias rurais do Vale do Jequitinhonha – MG. In: Encontro Regional de Pesquisa em Educação da Região Sudeste: política, educação e conhecimento, 4, 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* CD Room. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

GENTILLI, P. e ALENCAR, C. *Educar na Esperança em Tempos de Desencanto*. Petrópolis: Vozes, 2001.

GOBBI, M. O que você Aprendeu Com as Crianças Hoje? In: COPEDI – Congresso Paulista de Educação Infantil – Pedagogia da Infância Exigência de um Novo Tempo, 3, 2003, Águas de Lindoia. *Anais...* CD Room. Águas de Lindóia: COPEDI, 2003.

GOHN, M. da G. *Movimentos Sociais no Início do Século XXI – antigos e novos atores*. Petrópolis: vozes, 2003.

_____. *Os sem-terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização*. São Paulo: Cortez, 1997.

GOUVEA, M.C.S. *Anjos Sobre a Cidade – a criança de favela em seu mundo de cultura*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. Dissertação de Mestrado (Educação) .

_____. *A Criança Como Sujeito Sociocultural: pesquisas sobre infância - perspectivas metodológicas*. Belo Horizonte: Mimeo, 2002.

_____. A Infantilização da Criança Pelo Adulto X o Infantil na Experiência de Ser Criança. In: CAPE (Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação). *Revista Infância na Ciranda da Educação*. Nº 5. Belo Horizonte: CAPE, 2003. P. 12-14.

_____. Infância, Sociedade e Cultura. In: CARVALHO, A., SALLES, F. e GUIMARÃES, M.(Org.) *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2002a. p.5-36.

HOLANDA, Francisco Buarque de. Cotidiano. In: *Chico*. CD I. Volume I. Série Grandes Nomes. São Paulo: Polygran, [199?].

- KOLLING, E., NERY, I. e MOLINA, M.(Orgs.). *Por uma Educação Básica do Campo – Memória*. Brasília: Articulação Por uma Educação Básica do Campo , 1998.
- KRAMER, S. Infância e educação: o necessário caminho contra a barbárie. In: KRAMER, S., LEITE, M.I, e GUIMARÃES, D. (Orgs.) *Infância e Educação Infantil*. Coleção Prática Pedagógica. Campinas: Papyrus, 1999. P. 269-280.
- _____. Pesquisando Infância e Educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMMER, S. e LEITE, M.I. (Orgs.) *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 6ª Edição. São Paulo: Papyrus, 2001. P. 13-38.
- KUHLMANN Jr, M. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- MACEDO, G. *O lugar do significado no processo de alfabetização [manuscrita]: um estudo da cartilha 'Pipoca' e do Manual de Instrução do Professor*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1993. Dissertação de mestrado (Educação).
- MALINOWSKY, B. Introdução. In: MALINOWSKY, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental – um relato e empreendimento da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MARTINS, J.S. Regimar e seus Amigos: a criança na luta pela terra e pela vida. In: MARTINS, J.S.(Org.) *O Massacre dos Inocentes – A criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1991. P. 51-81.
- MENEZES NETO, A.J. *Além da Terra: cooperativismo e trabalho na educação do MST*. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.
- MORISSAWA, M. *A História da Luta Pela Terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST(Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). *Construindo o Caminho*. São Paulo: MST, 2001.

____. *Brasil Quantos Anos Você Tem – 500 anos de desgosto e abandono*. Trabalhos escolhidos no III Concurso Nacional de Redações e Desenhos realizado pelo MST em 2000. São Paulo: MST, 2001a.

____. *Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental*. Caderno de Educação nº 9. São Paulo: MST, 1999.

____. *Construindo o Caminho Numa escola de Assentamento do MST*. Coleção Fazendo escola, n.3. São Paulo: MST, 2000.

____. *Crianças em Movimento – as mobilizações infantis no MST*. Coleção Fazendo escola, n.2. São Paulo: MST, 1999a.

____. *Desenhando o Brasil. Trabalhos Escolhidos no Concurso Nacional de Redações e Desenhos Realizados pelo MST em 1998*. São Paulo: MST, 1999b.

____. *Escola Intinernte em Acampamentos do MST*. Coleção Fazendo escola, n.2. São Paulo: MST, 1998.

____. *Escola Intinerante – uma prática pedagógica em acampamentos*. Coleção Fazendo escola, n.4. São Paulo: MST, 2001b.

____. *Feliz Aniversário MST! .2º Concurso Nacional para escolas e estudantes do MST*. São Paulo: MST, 2000a.

____. *Princípios da Educação no MST*. Caderno de Educação nº8. São Paulo: MST, 1999c.

PALUDO, C. *Educação Popular em Busca de Alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PANACERA, C. Semânticas da Infância. In: *Revista Perspectiva - A Modernidade, a Infância e o Brincar*. Florianópolis. Ano 12, n.22, Agosto-Dezembro, 1994. p. 97-104.

- PEREIRA, R.M.R e SOUZA, S.J. Infância, Conhecimento e Contemporaneidade. In: KRAMER, S. e LEITE, M.I. (Orgs.) *Infância e Produção Cultural*. Coleção Prática Pedagógica. Campinas: Papirus, 1998. P. 25-42.
- PINTO, M. A Infância Como Construção Social . In: SARMENTO, M. J. e PINTO, M. (Coord.) *As Crianças: contextos e identidades*. Braga: Bezerra, 1997. P. 33-73.
- QUINTEIRO, J. Infância e Educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIAS, A,L.G., FABRI, Z.D.F. E PRADO, P. D. (Orgs.) *Por uma Cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças*. 1º ed. Campinas: Autores Associados, 2002. P. 19-47.
- RIBEIRO, D.O *Povo Brasileiro – A formação do sentido do Brasil*. 2a. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROCHA, M. I.A. *Representações Sociais de Professores Sobre os Alunos no Contexto da Luta pela Terra*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. Tese (Doutorado em Educação)
- SADER, E. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores na grande São Paulo(1970/80)*.2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SANTOS, S.A. dos. Ciranda Infantil: a creche idealizada pelo MST. In: *Revista Sem Terra*, São Paulo, Ano II, nº 8, Jul/Ago/Set de 1999. P. 38-39.
- SARMENTO, M. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M.J. e CERISARA, A.B. (Orgs.) *Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições Asa, 2002. P. 9-34.

- _____. A Globalização e a Infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: GARCIA, R.G. e LEITE, FILHO, A. (orgs) *Em Defesa da Educação Infantil*. Rio de Janeiro: D.P. &A, 2001. p. 13-28.
- _____. e PINTO, M. As Crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M. J. e PINTO, M. (Coord.) *As Crianças: contextos e identidades*. Braga: Bezerra, 1997. P. 9-29.
- SARTI, C. *A Família Como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados. 1996.
- SCHER-WARREN, I A atualidade dos movimentos sociais rurais na nova ordem mundial. In: SCHERER-WARREN, I.; FERREIRA, J.M.C.; BENTO, A.J.F. *Transformações sociais e dilemas da globalização: um dialogo Brasil/Portugal*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Movimentos Sociais – um ensaio de interpretação sociológica*. Florianópolis: UFSC, 1987.
- SILVA, A. L. da e NUNES, A. Introdução – Contribuições da etnologia indígena Brasileira à Antropologia da Criança. In: SILVA, A.L., MACEDO, A.V. da S. e NUNES, A. (Orgs.) *Crianças Indígenas – ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002. P. 11-33.
- SIROTA, R. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. In: *Cadernos de Pesquisas da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, Nº 112, p. 7-31, Março, 2001.
- SOUZA, J. V. A. de. Estrutura e ação na sociologia contemporânea: Pierre Bourdieu e Michel de Certeau. In: *Revista de Ciências Humanas*. Viçosa, julho 2003, v. 3, n. 1, p 23-33.

- SOUZA, S.J e. Resignificando a Psicologia do Desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMMER, S. e LEITE, M.I. *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 6ª Edição. São Paulo: Papirus, 2001. P. 39-55.
- STEDILE, João Pedro. *Latifúndio: o pecado agrário do capital*. São Paulo: MST, 2000.
- STEDILE, J.P. E FERNANDES, B.M. *Brava Gente – A trajetória do MST e da luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.
- SUPTITZ, A.P.L. *Reforma Agrária E Populações Urbanas: o caso da região metropolitana de Belo Horizonte*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003. Monografia(Curso de Extensão Universitária Realidade Brasileira a partir dos Grandes Pensadores Brasileiros).
- VELHO, G. Observando o familiar In: NUNES, E. (Org.) *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1978. P. 36-46.
- VALIM, A. *Migrações: da perda da terra à exclusão social*. 5ª edição. São Paulo: Atual, 1996.
- WESCHENFELDER, N.V. e MARIA, N.V. A Pedagogia Cultural do Movimento Sem Terra em Relação à Infância. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Educação, 23, 2000, Caxambu. *Anais ... Cd Room*. Caxambu: ANPED, 2000.

ANEXO I – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas apresentadas neste trabalho foram orientadas a partir dos pontos a seguir elencados⁴⁰:

- Dados pessoais (nome, idade, membros da família);
- Como você se define?
- Tempo de acampamento e processo de adaptação ao Dois de Julho.
- Onde morava antes de ir morar no Dois de Julho?
- Por que sua família resolveu morar num acampamento Sem Terra?
- Como foi o processo de adaptação?
- Relação pessoas do Acampamento/ a relação de amizade com as outras crianças.
- Brincadeiras preferidas.
- Relação com a terra.
- Profissão dos pais antes de irem morar no Acampamento.
- O que os pais fazem atualmente.
- Rotina.
- Escola e PETI.
- Memórias sobre quatro anos de Acampamento Dois de Julho.
- Encontros, manifestações, mobilizações e viagens que já participou depois de virem para o MST.
- O que acha do Movimento Sem Terra?

⁴⁰ A depender do perfil e envolvimento da criança alguns pontos foram mais explorados que outros durante a conversa.

- O que aprendeu com as pessoas no Acampamento Dois de Julho e no Movimento Sem Terra?
- O que é ser Sem Terra?
- Expectativas de futuro.

ANEXO II – AUTORIZAÇÃO PARA USO DAS ENTREVISTAS

AUTORIZAÇÃO

Eu, Antonio Marcelino Ventura, autorizo Luciana Oliveira Correia, estudante de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a entrevistar meu/minha filho(a) Carla Carla Vester e utilizar-se destas entrevistas, em trabalhos científicos que venham ser produzidos em decorrência do seu envolvimento com o mestrado.

Betim, MG, 15 de novembro de 2004.

Antonio Marcelino Ventura
Identidade: M.3170259

AUTORIZAÇÃO

Eu, Guilaine Carla Rangel, autorizo Luciana Oliveira Correia, estudante de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a entrevistar meu/minha filho(a) Mauro Renato Rangel e utilizar-se destas entrevistas, em trabalhos científicos que venham ser produzidos em decorrência do seu envolvimento com o mestrado.

Betim, MG, 15 de Novembro de 2003.

Guilaine Carla Rangel
Identidade: MG 9.121.368

AUTORIZAÇÃO

Eu, Mauro Bezerra, autorizo Luciana Oliveira Correia, estudante de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a entrevistar meu/minha filho(a) Paula Carla Rangel Bezerra e utilizar-se destas entrevistas, em trabalhos científicos que venham ser produzidos em decorrência do seu envolvimento com o mestrado.

Betim, MG, 15 de novembro de 2003.

Mauro Bezerra
Identidade: M2553.118